

Reginaldo José de Souza

Organizador



Educação Tutorial e Produção de Criticidade

**Experiências do PET Práxis da
Universidade Federal da Fronteira Sul**

EDUCAÇÃO TUTORIAL E PRODUÇÃO DE CRITICIDADE

Experiências do PET Práxis da
Universidade Federal da Fronteira Sul

Reginaldo José de Souza
(Organizador)

1ª Edição

2023

EQUIPE EDITORIAL

TUTOR

Prof. Dr. Reginaldo José de Souza

PETIANOS

Elisama Kellen Hoppe
Natalia Caroline Hrabar
Vinicius Barreto Do Amaral
Karen De Lima Borges
Helena Kanieski Cariolato
Marcelo Freire Simoes Pires
Joao Paulo Noara
Cecilia Hauffe De Lima
Cleiton Turski Da Silva
Francis Felipetto
Eduarda Dumke Ribas
Guilherme Jose Schons
Alex Dos Santos

Organizadora: Reginaldo José de Souza

Revisão dos textos: Paula Batista

Projeto gráfico e diagramação Paolo Malorgio Studio

Capa F&F Gráfica

E24 Educação tutorial e produção de criticidade: experiências do PET Práxis da Universidade Federal da Fronteira Sul / Reginaldo José de Souza (org.). – Chapecó : Universidade Federal da Fronteira Sul, PET Práxis Licenciatura, 2023. – 157 p.

ISBN: 978-65-5019-080-4 (PDF)

1. Educação 2. Professores - Formação 3. Ensino superior I. Souza, Reginaldo José de (org.) II. PET Práxis Licenciatura

CDD: 370

Ficha catalográfica elaborada pela
Divisão de Bibliotecas – UFFS
Franciele Scaglioni da Cruz
CRB - 14/1585



APRESENTAÇÃO

Com alegria, nosso Grupo PET Práxis-Licenciaturas apresenta este livro, resultado do empenho de todos os discentes, bolsistas e voluntários, e docentes responsáveis pela tutoria do programa. Até o final do ano de 2022 o Prof. Dr. Thiago Ingrassia Pereira atuou como tutor, sendo responsável pelo processo formativo de petianas e petianos com muita dedicação e compromisso.

Desde o mês de janeiro de 2023, com a minha entrada na tutoria, venho aprendendo sobre este importante ofício, dando continuidade ao bonito trabalho desenvolvido anteriormente pelo meu colega. Em um dos nossos encontros iniciais, com o objetivo de tratarmos da transição das tutorias, o Prof. Thiago havia dito que o PET é um imenso espaço acadêmico para construção de conhecimentos e aprimoramento do nosso fazer docente. Eu concordo com ele.

Nosso grupo é composto por discentes de diversas licenciaturas: atualmente, Ciências Sociais, Filosofia, Geografia e História. Nós organizamos nossas ações por intermédio de múltiplas atividades, como os Elos Híbridos, o Grupo de Estudos, o Travessias e, mais recentemente, o PETCOM.

Elos Híbridos é uma modalidade de diálogo acadêmico em que o grupo estende convites para diversos pesquisadores e pesquisadoras das humanidades, com o intuito de trazermos importantes debates sobre temas transversais no campo das ciências humanas e licenciaturas. Por meio dessa ação, desde o início de 2023 até o presente momento, pudemos partilhar encontros e aprendizagens com convidados e convidadas que balançaram nossas estruturas. A pedido dos bolsistas, o próprio tutor iniciou os diálogos com a temática “Educação, gênero e sexualidade: diálogo a partir do texto ‘A natureza como justificativa para tudo, inclusive para o absurdo’”.

Na sequência, recebemos o Prof. Dr. Cauê Krüger, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, que trouxe o tema “A prática pedagógica como ato teatral”. O Prof. Me. Laercio Sponchiado, da Escola Estadual Imlau, de Erechim, apresentou uma necessária reflexão sobre “Formação de professores e a inclusão de estudantes com deficiência”. O historiador e mestrando em Filosofia, Heribaldo Maia, da Universidade Federal de Pernambuco, permitiu-nos defrontarmos com a importante temática

sobre “O mal-estar nas universidades: neoliberalismo e sofrimento psíquico”. Mais recentemente, a Profa. Me. Carolina Simon, doutoranda em Geografia pela UNESP e atual docente substituta na UFFS, Campus Erechim, debateu sobre a “Desobediência como prática feminista”.

Com os Elos Híbridos, além de nos inserirmos, constantemente, em espaços de diálogos e aprendizagens, também temos a vontade de partilhar os encontros com um número cada vez mais abrangente de pessoas da comunidade acadêmica e regional, interessadas nas temáticas apresentadas. Por isso, sempre transmitimos as atividades por meio de canais virtuais do grupo e, assim, colocamos em constantes conexões com uma diversidade de público.

Outra atividade que merece destaque é o Travessias. Por meio dela recuperamos as memórias de petianas e petianos egressos de nosso grupo, que voltaram para falar de suas travessias para a Pós-Graduação e os desafios da vida profissional, após suas passagens pelo PET Práxis e conclusão de suas graduações na UFFS.

No mês de agosto recebemos as egressas Adriana Angerami (atualmente, mestranda em Antropologia Social na UFSC), Isaura Welker (pós-graduanda no curso de especialização em Gestão Escolar na UFSM), Renata de Jesus (doutoranda em Ciências Sociais pela UFSM), Carine Marcon (mestra pelo Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação da UFFS), Rocheli Koralewski (mestranda no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFFS) e o egresso Caio Afonso da Silva Brito (mestrando pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFFS).

Momentos como esses são marcados pela inspiração que antigos petianos e petianas geram nos atuais bolsistas, tanto veteranos quanto nos mais novos, que ingressaram por meio do processo seletivo que abrimos em 2023. É muito bom ver seus olhos brilharem com a possibilidade de continuar seus estudos, sua formação, enfim, sua profissionalização, com uma postura crítica perante a sociedade, a necessidade de batalhar por uma Educação mais inclusiva, humana e de qualidade. Elementos esses que, por sua vez, foram, são e sempre serão metas a serem buscadas por todos os acadêmicos envolvidos com o PET, desde tutores e discentes egressos, passando pelos presentes e se projetando nos futuros ingressantes.

Semanalmente nosso PET promove o Grupo de Estudos com a leitura de diversas obras e autores de peso, que contribuem para aguçar o pensamento crítico e a postura ética no campo educacional, na vida social e nas relações interpessoais. Autores como István Mészáros, Carlos Rodrigues Brandão e nosso imenso Paulo Frei-

re são exemplos das mentorias que tivemos, no presente ano, em nossos estudos e debates corriqueiros. Mas, vale ressaltar que o ano ainda não acabou e temos muitas outras referências para nos debruçarmos!

Para finalizar esse primeiro momento de apresentação de nossas ações destacamos o PETCOM, uma atividade pensada pelo PET Práxis como estratégia para estreitar laços com as pessoas além muros da universidade, ou seja, o *PET com a comunidade*. A ideia é justamente apresentar o grupo em escolas de educação básica de Erechim, com o intuito de promover atividades complementares aos programas de ensino dos docentes com seus estudantes e mostrar a UFFS para estes, reforçando que a instituição é pública e deve ser buscada e vivenciada por filhas e filhos da classe trabalhadora, a fim de que obtenham formação de qualidade, melhores oportunidades profissionais e contribuam para a transformação social.

Diante de tantas ações bonitas podemos dizer que nosso PET é intenso, o espírito crítico impera em nossos encontros, diálogos e debates. Enquanto tutor e organizador desta obra, sinto-me lisonjeado em trabalhar com um grupo de estudantes tão ativos na vida acadêmica e comprometidos com produções de qualidade. Nove meses após minha entrada no programa, ler os textos que compõem os capítulos do livro e conhecer, mais profundamente, o pensamento e os posicionamentos das petianas e petianos, tudo isso me faz pensar na construção de um vínculo ainda maior com o Alex Santos, a Cecília Lima, o Cleiton Silva, a Eduarda Ribas, o Guilherme Schons, o Francis Felipetto, a Helena Cariolato, a Jennifer Silva, o João Noara, a Lindaura Santos, o Marcelo Pires e o Natan Urban. Não deixaria de mencionar o Vinicius Amaral e a Karen Borges. Eles foram, muito recentemente, integrados ao PET e, por isso, não comparecem como autores neste livro. Mas estou certo de que, em breve, teremos oportunidade de contar com suas contribuições.

Nas páginas seguintes, as leitoras e os leitores adentrarão em um conjunto potente de reflexões que esses estudantes vêm produzindo em suas caminhadas no PET. Para melhor organizar o material, optamos em criar três seções para o nosso livro. “Integração e formação do eu” foi o título dado à primeira parte. Nesta, convidamos à leitura dos nossos bolsistas:

Alex dos Santos, no trabalho “Uma análise dos sentimentos e expectativas dos calouros da UFFS” resgata dados de relevante pesquisa que desenvolveu, em parceria com outros petianos, sobre os sentimentos dos calouros que ingressaram na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) no ano de 2022. O capítulo apresenta reflexões que coadunam as perspectivas de Paulo Freire e Jean Paul Sartre, utiliza-

das para analisar as informações sobre as emoções dos estudantes que entraram na universidade naquele ano.

Do mesmo autor, o texto “A complexidade da existência humana” é um convite a pensarmos naquilo que nos faz humanos em meio aos desafios de viver em uma sociedade tecnológica, que parece querer dessensibilizar nossa autocrítica e a busca por mudanças, para melhor, das nossas relações sociais. Uma leitura que atesta o valor que um petiano, graduando em Filosofia, confere ao questionamento de nossa própria condição como forma de nos humanizarmos.

Cecília Hauffe de Lima, em seu texto “O PET em minha caminhada acadêmica” apresenta, com entusiasmo, suas primeiras impressões como bolsista do Programa desde seu ingresso. Sua trajetória é marcada por um ambiente de valorização da profissão docente e, assim, a autora observa o PET como uma oportunidade para crescer intelectualmente, aprimorar-se profissionalmente e construir laços solidários com o trabalho em equipe.

Cleiton Turski da Silva, em sua “Caminhada de um petiano em construção”, retrata suas motivações para ingressar no PET durante o segundo semestre de 2022. Entre suas considerações interessantes, ele relembra a importância da presença da Universidade na região como um evento que o ajudou a recuperar o sonho de formação.

Eduarda Dumke Ribas trata de suas motivações para entrar no PET e continuar no programa, a partir da importância que confere a “Muitos Rostos” que contribuíram e contribuem ao seu processo de formação como professora e historiadora. A autora valoriza o PET como espaço formativo e, com seu bom humor, esclarece não querer cair em uma espécie de narcisismo, tratando apenas de sua própria trajetória na UFFS, sem mencionar tantas pessoas, autores, professores e colegas que contribuem para sua formação.

Francis Felipetto com seu texto “Foi dada a largada: um ano de PET Práxis” apresenta alguns *insights* críticos a respeito do produtivismo na universidade como um todo. Ao mesmo tempo, valoriza o espaço de formação possibilitado pelo PET. Ele observa que o programa permite a realização da vida acadêmica dentro dos moldes que considera relevante: a universidade como lugar de engajamento dos estudantes com a crítica social e participação política, para além da conquista do diploma.

O autor Guilherme Schons apresenta três contribuições para este livro, que demonstram o seu engajamento enquanto estudante do curso de História da UFFS e o desenvolvimento de sua postura crítica enquanto bolsista petiano. Em “Desencarnar a colonialidade: memórias em (des)construção na Teoria geral do esquecimento, de

José Eduardo Agualusa”, ele resenha o romance (Teoria geral do esquecimento), do autor angolano, de modo detalhado, despertando o interesse dos leitores em acessar àquela obra para melhor compreender o contexto de Independência de Angola (1975) e os sentimentos ambíguos de uma personagem portuguesa que, por razões do destino, passou a viver naquele país. A partir de então, aquela personagem experimenta situações que colocam sua identidade portuguesa à prova, ao mesmo tempo em que cria laços identitários com o novo país independente.

Em um segundo momento, Schons desenvolve um ensaio crítico sobre o passado e a memória, demarcando, outra vez, sua admiração por José Eduardo Agualusa. A partir do romance “O vendedor de passados”, Schons debate situações em que mentiras foram forjadas, com tentativas de validações acadêmicas, no sentido de mascarar a verdade sobre regimes totalitários e seus atos violentos. Assim, o nosso “autor petiano” levanta sua crítica a partir de um olhar acurado sobre a personagem de Félix Ventura, de Agualusa, que, tal qual tantos outros mentirosos, fabricava passados lustrosos para a burguesia angolana.

Na sequência, Schons nos coloca diante de importante pesquisa, desenvolvida em uma escola pública de Erechim, no intento de analisar como o ensino da história local é (ou não) trabalhado adequadamente no município. Ele reapresenta dados importantes que foram coletados, em 2019, junto a estudantes e professores de História, remetendo a reflexões críticas e possíveis propostas de melhorias no ensino de História sobre Erechim.

Helena Kanieski Cariolato, ao apresentar sua “Trajetória de vida até a universidade”, dá relevo ao importante papel da universidade pública em sua vida, desde os primeiros anos de infância, pois, acompanhava a mãe, enquanto esta cursava sua graduação e enfrentava os desafios de conciliar a maternidade com a vida acadêmica. Sua trajetória sempre a colocou diante de um horizonte de sonhos com a formação universitária e, hoje, enquanto acadêmica do curso de História e voluntária no grupo PET, demonstra seu interesse em qualificar sua formação e pautá-la em uma atitude crítica a fim de contribuir com o contexto educacional do país.

João Paulo Noara, em suas “Reflexões sobre a importância do PET na formação do futuro docente”, conta-nos sobre seu interesse pelos conhecimentos relacionados ao cosmos, ao drama da finitude humana e como tais questões o conduziram ao caminho da Filosofia. O autor considera que o PET contribui com o aprofundamento de teorizações sobre a condição humana, ajudando-o a ampliar perspectivas de compreensão do mundo e criticar as formas alienantes de exploração *no* e *do* mercado de trabalho.

Natan Pinheiro Urban, com sua carta “Ingressando no Programa de Educação Tutorial”, relata sua trajetória dentro do movimento hip-hop na cidade de Erechim e o quanto isso o estimula a estar no PET, para aprimorar sua trajetória acadêmica e ser um professor que se comunique melhor com seus futuros estudantes.

Lindaura Simone Andrade dos Santos contribui com este livro a partir do texto “Eu sou brasileira, gaúcha, mas não de fronteira”, em que nos convida à reflexão sobre a trajetória de vida de uma poetisa transexual, Anita Beauvoir, que questiona a história única da região Sul do Brasil, contrariando as chamadas “tradições gaúchas” com seu corpo que encarna o rompimento com binarismo de gênero.

A segunda parte de nosso livro se chama “PETCOM - Ensaio sobre trabalho de campo na cidade de Erechim”, na qual as leitoras e os leitores encontrarão uma diversidade de perspectivas sobre um roteiro urbano, orientado por mim, enquanto tutor, e pela Profa. Dra. Paula Vanessa de Faria Lindo, do curso de Geografia da UFFS, à qual também registramos nossos agradecimentos aqui.

Por meio de abordagens em torno do projeto “Cidade não vista de Erechim”, a Profa. Paula Lindo nos levou a pensar criticamente a problemática produção do espaço urbano erechinense, em função da geografia da desigualdade socioeconômica na cidade. Todas as autoras e autores anteriormente mencionados, bolsistas do PET, produziram debates sobre os reflexos sociais da distribuição desigual de renda, as gritantes diferenças dos padrões construtivos de moradias entre, por exemplo, os bairros Progresso e Esperança, a chamada sociedade “democrática” do risco em contraponto às hierarquias estabelecidas por fatores econômicos.

Em nosso livro são apresentados nove ensaios, por meio dos quais os bolsistas sistematizaram suas percepções sobre “as cidades” de Erechim. Entre as reflexões de campo, também nos propusemos pensar no modo como a configuração do espaço urbano acaba por influenciar a maior ou menor inserção das pessoas no mundo do estudo, da educação básica ao ensino superior. Como o PETCOM tem o objetivo de despertar o interesse pelo ingresso em nossos cursos de licenciatura, considerou-se que o trabalho de campo seria algo importante para que pudessemos melhor compreender os setores da sociedade aos quais, de fato, deveríamos direcionar nossas ações. A seguir, apresentamos o roteiro base de nosso trabalho:

Trabalho de campo PETCOM – Debatedo as desigualdades socioespaciais de Erechim	
Parada bairro São Cristóvão	Ocupação diferente em relação ao eixo planejado da cidade; Histórico da formação do bairro; Características econômicas; Ocupação de terrenos íngremes; Debate sobre mobilidade dos moradores em situação de vulnerabilidade (idosos, pessoas com necessidades especiais).
Parada Rua Teodoro Tedesco (Aeroporto)	Moradias em zona de risco/desabamento; Dimensão política da paisagem; Desigualdade social/ambiental; Sociedade de classes x Sociedade dos riscos.
Parada Residencial Altos da Coxilha (Cristo Rei)	Franja rural/urbana; Acabou a cidade, acabou o urbano? Onde ficou o centro da cidade? Condomínio fechado na periferia; Os muros: se nossa sociedade fosse minimamente igualitária, precisaríamos de tantos muros?
Parada - Ponte sobre o rio Tigre na Rua Mariana K.	Ocupação da APP; Paisagem confinada; Questão ambiental; Sustentabilidade.
Parada - Distrito industrial - COMIL	A cidade e seus setores; Avenidas; Circulação; Localização.
Parada - Esperança - Esquina Rua André Sodowska	Desigualdade de classe x qualidade ambiental; O que é área de risco? Diferenças entre as camadas sociais; E a morte?
Parada no Cemitério Municipal Pio XII	Paisagem híbrida da necrópole e da cidade “viva”; Monumentalidade; O terreno, o túmulo e os idosos; Cemitério centenário (primeiro documento de alvará - 1918); Debate sobre a substituição demográfica; Saturação do cemitério; Gavetas - concessão da prefeitura; Reflexão sobre a existência.

Quadro 1: Roteiro do trabalho de campo realizado em 11 de maio de 2023.

Fonte: org. por Reginaldo Souza e Paula Lindo, 2023

Na terceira parte do livro o leitor entrará em contato com as palavras do tutor anterior, Prof. Dr. Thiago Ingrassia Pereira e do atual tutor, este que organiza a presente obra. No capítulo “O PET que (vi)vi: reflexões sobre a educação tutorial”, o Prof. Thiago apresenta sua trajetória de trabalho no Práxis-Licenciaturas, trazendo importantes elementos históricos que nos fazem compreender a hibridação dos ob-

jetivos de criação do grupo tutorial com os próprios fundamentos políticos da UFFS: excelência acadêmica, compromisso social e foco na educação popular.

Em “Compromissos ético-acadêmicos de um futuro tutor”, abro ao público a minha carta de intenções, submetida ao processo seletivo para nova tutoria. Naquele documento, demonstro as minhas críticas sobre o fenômeno das desigualdades socioespaciais. Enquanto geógrafo que sou, questiono as dinâmicas político-econômicas promotoras da mercantilização do espaço, uma dimensão da existência de todos nós, porém, ao entrar na esfera da especulação econômica e lógicas excludentes, acaba por se tornar demarcador de injustiças sociais. A partir dessa leitura de mundo, emergiu em mim o desejo de trabalhar no PET, pois, sempre soube que era um espaço acadêmico engajado no debate crítico e em práticas questionadoras dos mecanismos da sociedade capitalista.

Por fim, encerro nosso livro com uma carta pedagógica cujo título é “Fronteira”. Apresentei aquele trabalho no XXIV Fórum de Estudos-Leituras de Paulo Freire, quando pude fazer minha primeira viagem a um evento com o grupo do PET. Eu me recordo de termos compartilhado a leitura de nossas cartas, alguns dias antes de as submetermos ao evento, e como aquele momento me emocionou. Seguramente, foi porque estava me sentindo acolhido por aqueles(as) estudantes que vêm transformando a minha relação com a docência, com a vida acadêmica na UFFS e com a tutoria.

Este livro é uma celebração. Também, um chamado a mantermos o PET Práxis-Licenciaturas em constante movimento.

Boa leitura!

Reginaldo José de Souza
Erechim, setembro de 2023.

SUMÁRIO

PARTE I: INTEGRAÇÃO E FORMAÇÃO

UMA ANÁLISE DOS SENTIMENTOS E EXPECTATIVAS DOS CALOUROS DA UFFS	16
<i>Alex Dos Santos</i>	
A COMPLEXIDADE DA EXISTÊNCIA HUMANA	23
<i>Alex Dos Santos</i>	
O PET EM MINHA CAMINHADA ACADÊMICA	30
<i>Cecília Hauffe de Lima</i>	
CAMINHADA DE UM PETIANO EM CONSTRUÇÃO	34
<i>Cleiton Turski da Silva</i>	
MUITOS ROSTOS: CARTA SOBRE MINHA TRAJETÓRIA NO PET	37
<i>Eduarda Dumke Ribas</i>	
FOI DADA A LARGADA: UM ANO DE PET PRÁXIS	39
<i>Francis Felipetto</i>	
DESENCARNAR A COLONIALIDADE: MEMÓRIAS EM (DES)CONSTRUÇÃO NA TEORIA GERAL DO ESQUECIMENTO, DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA	43
<i>Guilherme José Schons</i>	
EXCESSO DE HISTÓRIA: O FALSÁRIO E A FABRICAÇÃO DE SONHOS EM O VENDEDOR DE PASSADOS, DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA	51
<i>Guilherme José Schons</i>	
DO ROMANCE À CRÍTICA: A LUTA PELO ENSINO DA HISTÓRIA DE ERECHIM	58
<i>Guilherme José Schons</i>	
TRAJETÓRIA DE VIDA ATÉ A UNIVERSIDADE: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO E O PROTAGONISMO DO PET NA MINHA VIVÊNCIA ACADÊMICA	86
<i>Helena Kanieski Cariolato</i>	

REFLEXÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DO PET NA FORMAÇÃO DO FUTURO DOCENTE 90

João Paulo Noara

INGRESSANDO NO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL 94

Natan Pinheiro Urban

**“EU SOU BRASILEIRA, GAÚCHA, MAS NÃO DE FRONTEIRA”:
REFLEXÕES SOBRE A NEGAÇÃO DA FRONTEIRA A PARTIR DA
POESIA DE ATENA BEAUVOIR** 96

Lindaura Simone Andrade dos Santos

PARTE II: PETCOM - ENSAIOS SOBRE TRABALHO DE CAMPO NA CIDADE DE ERECHIM

RELATÓRIO DE OBSERVAÇÕES GEOGRÁFICAS 102

João Paulo Noara

ERECIM PARA ALÉM DAS AVENIDAS 106

Jennifer Gama Silva

Lindaura Simone Andrade dos Santos

**VIVENDO EM LINHAS RETAS: A EFEMERIDADE DA VIDA E A
ETERNIDADE DOS FEITOS HUMANOS** 116

Alex Dos Santos

**ALÉM DAS APARÊNCIAS: REFLEXÕES A PARTIR DA INCURSÃO
DO PET PELA COMPLEXIDADE URBANA DE ERECHIM** 122

Cecília Hauffe de Lima

COMO DESCREVER A CIDADE? 125

Cleiton Turski da Silva

Alex Dos Santos

**UMA GENEALOGIA DO ESPAÇO E DA PAISAGEM DA CIDADE
DE ERECHIM PELA CATEGORIA DO OLHAR** 129

Eduarda Dumke Ribas

**ASSISTÊNCIA SELETIVA: PESQUISA DE CAMPO PELOS BAIROS DE
ERECIM E UMA REFLEXÃO ACERCA DAS DIFICULDADES DO ENSINO
POPULAR NO MUNICÍPIO** 135

Helena Kanieski Cariolato

ERECIM - CAMPO PEQUENO PERIFÉRICO 138

Natan Pinheiro Urban

REFLEXÃO SOBRE O PLANEJAMENTO URBANO DE ERECHIM	140
<i>Marcelo Freire Simões Pires</i>	

PARTE III: O LUGAR DAS TUTORIAS

O PET QUE (VI)VI: REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO TUTORIAL	143
<i>Thiago Ingrassia Pereira</i>	
COMPROMISSOS ÉTICO-ACADÊMICOS DE UM FUTURO TUTOR	147
<i>Reginaldo José de Souza</i>	
FRONTEIRA	153
<i>Reginaldo José de Souza</i>	
AGRADECIMENTOS	157

PARTE I:

**INTEGRAÇÃO
E FORMAÇÃO**

UMA ANÁLISE DOS SENTIMENTOS E EXPECTATIVAS DOS CALOUROS DA UFFS

Alex Dos Santos¹

Introdução

O acesso à universidade é um desejo compartilhado por muitos indivíduos ao redor do mundo. Quando se consegue ingressar em uma universidade federal surgem sentimentos e expectativas em relação a esse processo. Neste contexto, a pesquisa realizada pelo grupo PET Práxis: Perfil dos Calouros 2022 busca identificar os sujeitos que fazem parte da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), especificamente no Campus Erechim. Com base nas respostas presentes em duas das questões aplicadas a 220 calouros de 2022, *"O que representa o seu sentimento ao ingressar na UFFS?"* e *"Qual a tua expectativa ao ingressar na UFFS?"*.

Essas questões carregam significados profundos, pois abrangem a percepção consciente dos indivíduos sobre a universidade, o mundo, seus sentimentos e expectativas. Ao considerar a primeira questão, *"O que representa o seu sentimento ao ingressar na UFFS?"*, observa-se que 43,3% dos novos estudantes ingressantes na UFFS indicaram sentir alegria, 40,5% relataram a perspectiva de uma mudança de vida, 6,2% mencionaram a necessidade, 4,8% buscavam o reconhecimento social e 2,4% identificaram a indiferença. No que diz respeito à segunda questão, intitulada *"Qual a sua expectativa ao ingressar na UFFS"*, constatou-se que 51,2% dos estudantes expressaram a expectativa de obter um emprego após a conclusão do curso, enquanto 25,9% mencionaram o desejo de vivenciar novas experiências e conhecer pessoas, e 17,9% manifestaram o anseio por um enriquecimento cultural.

No entanto, é crucial ir além da simples apresentação dos dados sobre os sentimentos e expectativas dos calouros em relação à universidade. Podemos buscar uma compreensão mais aprofundada do ser humano explorando conscientemente seus

¹ Acadêmico de Licenciatura em Filosofia e Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET PRÁXIS Conexões de Saberes/Licenciaturas). Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Erechim. E-mail: alexfilosofia11@gmail.com.

sentimentos e expectativas. Para esse fim, este trabalho recorre à obra *Pedagogia do Oprimido*, escrita pelo ilustrado Paulo Freire, a fim de compreender a existência humana no mundo. Além disso, utiliza-se o livro *Esboço Para Uma Teoria Das Emoções*, escrito pelo eminente Jean-Paul Sartre, para obter uma compreensão mais precisa do que constitui um sentimento.

A Jornada na Universidade Federal da Fronteira Sul: Compreendendo a Incompletude Humana

Os seres humanos, em seus estados mais íntimos, sentem sentimentos que podem ser derivados do mundo, das sensações, sintomas e outros fatores. Um momento intrínseco na existência humana que nos permite compreender esses sentimentos é o ingresso em uma universidade federal, mais especificamente na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Partindo da compreensão de Paulo Freire sobre o ser incompleto, podemos entender que nós, como indivíduos no mundo, somos seres incompletos e inconclusos.

Reconhecemos nossa própria incompletude e, por isso, compreendemos que estamos em constante processo de construção, somos seres inacabados, inconclusos e em interação com uma realidade que, por sua vez, também é histórica e inacabada. Diferentemente dos demais animais, que são apenas inacabados, mas não têm a noção da historicidade, os seres humanos possuem consciência de suas inconclusões (Freire, 1987, p. 42).

Nesse contexto, encontramos as bases da educação, uma manifestação exclusivamente humana. A educação se fundamenta na própria inconclusão dos seres humanos e na consciência que possuímos dessa condição. Dessa forma, podemos compreender a educação como um processo contínuo, enraizado na consciência da nossa incompletude e na constante transformação da realidade. Consideremos a passagem em que Freire nos lembra que:

A educação problematizadora, que não é fixismo reacionária, é futuridade revolucionária. Daí que seja profética e, como tal, esperançosa. Daí que corresponda à condição dos homens como seres históricos e à sua historicidade. Daí que se identifique com eles como seres mais além de si mesmos - como "projetos" - como seres que caminham para frente, que olham para frente; como seres a quem o imobilismo ameaça de morte; para quem o olhar para trás não deve ser uma forma nostálgica de querer voltar, mas um modo de melhor conhecer o que está sendo, para melhor construir o futuro. Daí que se identifique com o movimento permanente em que se acham inscritos os homens, como seres que se sabem inconclusos; movimento que é histórico e que tem o seu ponto de partida, o seu sujeito, o seu objetivo (Freire, 1987, p. 42).

Na perspectiva desse movimento, encontramos os próprios humanos como protagonistas. No entanto, é importante destacar que os seres humanos não existem separados do mundo e da realidade. Essa perspectiva revela que o movimento surge das relações entre os seres humanos e o mundo. Nesse ponto de partida, sempre encontramos o ser humano em seu aqui e agora, estabelecendo uma situação na qual eles se encontram imersos, emergentes ou inseridos. Dessa forma, compreendemos que o ser humano está em busca de sua plenitude, mas essa realização não é possível no isolamento ou individualismo. A verdadeira realização ocorre na harmonia e solidariedade entre os existentes (Freire, 1987, p. 42-43).

Agora que temos uma compreensão da incompletude do ser humano podemos abordar outro aspecto que expressa muito em conjunto com essa incompletude: os sentimentos humanos, os quais a consciência frequentemente utiliza para compreender o mundo. No entanto, é importante abordar o conceito de “sentimentos” com cautela, pois há o risco de cairmos em um psicologismo. Por esse motivo, este trabalho se dedica a examinar os sentimentos sob a perspectiva apresentada em *Esboço para uma teoria das emoções*, de Jean-Paul Sartre, que nos mostra que a emoção é uma forma organizada da existência humana.

A Unidade Indissolúvel entre Sujeito Emocionado e Objeto Emocionante

Partindo da perspectiva que somos seres inacabados e que possuímos sentimentos, é comum que muitos psicólogos considerem a consciência das emoções como uma consciência reflexiva inicial. Isso significa que a “aparência” inicial da emoção, enquanto fenômeno consciente, parece se manifestar como uma alteração em nosso estado psíquico. Em outras palavras, a emoção é frequentemente sentida como um estado consciente. Podemos dizer: “estou com medo” ou “estou feliz”. No entanto, o medo não é, originalmente, a consciência de ter medo, e a percepção desta mesa não é a consciência de perceber a mesa. A consciência emocional, em seu primeiro momento, é não reflexiva, e nesse nível, ela só pode ser consciente de si mesma de forma não posicional. A consciência emocional é, inicialmente, uma consciência do mundo (Sartre, 2018, p. 56).

Efetivamente, quando um ser humano sente medo, esse medo está relacionado a alguma coisa, mesmo que seja uma angústia indefinida que experimentamos na escuridão, em um lugar sombrio e deserto, entre outros. Ainda assim, é dos aspectos da noite, do mundo, que temos. No entanto, não é necessário refletir muito para com-

preender que a emoção sempre retorna ao objeto e se alimenta dele. A fuga no medo, por exemplo, parece estar, antes de tudo, relacionada ao objeto que ameaça, como se o objeto evitado continuasse presente constantemente na própria fuga, como seu tema e razão de ser, aquilo do qual se foge. Em outras palavras, o sujeito emocionado e o objeto emocionante estão unidos em uma síntese indissolúvel. A emoção é uma forma particular de compreender o mundo (Sartre, 2018, p. 57).

Quando um indivíduo busca solucionar um problema prático, ele está imerso no mundo. Ele percebe o mundo a todo instante, por meio de suas ações. Se o indivíduo falha em suas tentativas ele se aflige, e sua própria recusa é uma maneira pela qual o mundo se apresenta a ele. Para compreender melhor o que se segue, é importante expressar a essência da conduta não reflexiva. Essa perspectiva tende a acreditar que a ação é uma transição constante do não reflexivo para o reflexivo, do mundo para nós. Dessa forma, o problema surge (não reflexão - consciência do mundo), em seguida, nos conflitos como tendo o problema a resolver (reflexão), e a partir dessa reflexão criou uma ação a ser realizada por nós (reflexão). Portanto, retornamos ao mundo para executar uma ação (não reflexiva), focando exclusivamente no objeto da ação (Sartre, 2018, p. 59). Segundo Sartre (2018, p. 59):

Ora, é certo que podemos refletir sobre nossa ação. Mas uma operação sobre o universo se executa, na maioria das vezes, sem que o sujeito abandone o plano irrefletido. Por exemplo, neste momento escrevo, mas não tenho consciência de escrever. Dirão que o hábito tornou-me inconsciente os movimentos que faz minha mão ao traçar as letras. Isto seria absurdo. Talvez eu tenha o hábito de escrever, mas não o de escrever tais palavras em tal ordem.

Na verdade, o ato de escrever não é de modo algum inconsciente; é uma organização atual da nossa consciência, embora não seja consciente de si mesmo. Ao escrever, tomamos uma consciência ativa das palavras à medida que elas surgem em nossa caneta. No entanto, não estamos conscientes das palavras enquanto as escrevemos; intuitivamente apreendemos as palavras à medida que surgem do nada e, embora não sejam criadoras por si mesmas, são criadas passivamente. Assim, a ação de escrever concebe uma camada de objetos apropriados em um mundo provável. Esses objetos são prováveis como seres reais futuros, mas são apropriados como potencialidades do mundo (Sartre, p. 59-60).

De outra forma, as palavras que escrevemos são exigências, são o modo pelo qual as enfrentamos por meio de nossas atividades criativas. As emoções aparecem como potencialidades que devem ser realizadas (Sartre, 2018, p. 60). O que importa

aqui é apenas apresentar que a ação, como consciência espontânea não reflexiva, estabelece uma certa camada existencial no mundo, e não é necessário estar consciente de si mesmo como um agente para agir, mas, pelo contrário. Em resumo, uma conduta não reflexiva não é uma conduta inconsciente; ela é consciente de si mesma e a forma pela qual ela é consciente de si mesma transcende-se e observa-se como uma qualidade de coisas (Sartre, 2018, p. 61-62).

Dados Obtidos

Os dados apresentados sobre os sentimentos e expectativas dos estudantes ingressantes na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) demonstram aspectos inspirados sobre como esses indivíduos percebem a experiência universitária e quais são suas principais motivações ao ingressar na instituição.

Em relação aos sentimentos ao ingressar na UFFS podemos observar que:

1. Alegria (43,3%): A maioria dos estudantes relatados sente alegria ao ingressar na universidade, indicando um sentimento positivo associado a essa nova etapa de suas vidas.
2. Perspectiva de mudança de vida (40,5%): Uma parcela significativa dos calouros vê a universidade como uma oportunidade de transformação pessoal e profissional, percebendo-a como um momento de crescimento e amadurecimento.
3. Necessidade (6,2%): alguns estudantes mencionaram a necessidade como um sentimento associado ao ingresso na UFFS, possivelmente relacionado à busca por uma formação acadêmica para alcançar metas e objetivos específicos.
4. Busca por reconhecimento social (4,8%): Um pequeno grupo expressou o desejo de ser reconhecido socialmente ao ingressar na universidade, possivelmente buscando uma valorização ou prestígio associado ao status de estudante universitário.
5. Indiferença (2,4%): Uma minoria tratada sente indiferença em relação ao ingresso na UFFS, sugerindo que, para esses estudantes, a entrada na universidade pode não ter uma significância emocional particularmente marcante.

Quanto às expectativas ao ingressar na UFFS, os dados mostram o seguinte:

1. Expectativa de obter um emprego após a conclusão do curso (51,2%): A maioria dos estudantes tem como expectativa a busca por emprego após a gra-

duação, demonstrando preocupação com a inserção no mercado de trabalho e a realização profissional.

2. Desejo de vivenciar novas experiências e conhecer pessoas (25,9%): Um grupo significativo de calouros tem expectativas relacionadas a experiências sociais e culturais durante a universidade, demonstrando interesse em expandir seus horizontes e interagir com novas pessoas.
3. Anseio por um enriquecimento cultural (17,9%): Uma parcela menor de estudantes manifestou o desejo de obter um enriquecimento cultural ao longo do curso, possivelmente valorizando a oportunidade de adquirir conhecimentos e vivências diversas.

Esses dados revelam uma variedade de comprovação, expectativas e motivações entre os calouros ao ingressarem na UFFS. Alegria e perspectiva de mudança de vida são sentimentos predominantes, enquanto a busca por emprego e o desejo de novas experiências são as principais expectativas. Essas informações podem ser relevantes para a instituição em termos de compreender as necessidades dos estudantes e desenvolver políticas educacionais que atendam às diversas motivações e expectativas dos calouros, promovendo uma experiência universitária mais significativa e enriquecedora para todos.

Conclusão

De acordo com Paulo Freire, os seres humanos são seres incompletos e inconclusos, o que significa que estamos em constante processo de construção. Essa incompletude é parte essencial da nossa existência e se reflete em nossos sentimentos e expectativas. Ao ingressar na universidade, os calouros experimentam uma ampla gama de sentimentos, como alegria, necessidade, busca por reconhecimento social e até indiferença. Esses sentimentos podem estar relacionados à percepção consciente da universidade como um espaço de transformação pessoal, de realização de objetivos e de busca por identidade e *status* social. É importante reconhecer que esses sentimentos não são isolados; eles emergem de nossa interação com o mundo e refletem nossa busca por plenitude e realização.

Por outro lado, Jean-Paul Sartre nos convida a examinar os sentimentos e emoções sob uma perspectiva existencialista. Para Sartre, a emoção é uma forma organizada da existência humana e está intrinsecamente ligada ao mundo e aos objetos que a desencadeiam. Os sentimentos são vivenciados não apenas como estados cons-

cientes, mas também como respostas a objetos e situações do mundo. Ao ingressar na universidade, os calouros podem sentir alegria pela nova fase de suas vidas, uma perspectiva de mudança de vida, uma busca por emprego e novas experiências, entre outros sentimentos. Essas emoções são uma maneira de nos relacionarmos com o mundo e de compreendermos nosso próprio ser. Sartre enfatiza que as emoções têm um caráter projetivo, ou seja, elas nos levam a agir e buscar realizar as potencialidades que identificamos no mundo.

Ao unir as perspectivas de Freire e Sartre, podemos perceber que os sentimentos são elementos intrínsecos da condição humana, resultantes de nossa relação com o mundo, nossas vivências e nossas aspirações. Esses sentimentos carregam significados profundos, pois refletem nossa consciência de nós mesmos e do mundo ao nosso redor. Ao entendermos os sentimentos como parte integrante de quem somos, podemos abraçar nossa incompletude e imperfeição, ao mesmo tempo em que nos sentimos impulsionados a agir e a buscar nossos objetivos. Nesse contexto, a universidade se torna um espaço de possibilidades, onde podemos explorar nossos potenciais, expandir nossos horizontes e construir uma identidade em constante evolução.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia Do Oprimido**. PAZ E TERRA. 1987.

Sartre, J.P. **Esboço Para uma Teoria Das Emoções**. Porto Alegre: L&PM. 2018.

GRUPO PET PRÁXIS/CONEXÕES DOS SABERES. **Relatório de pesquisa sobre o perfil dos calouros 2022**. Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Erechim. 2022.

A COMPLEXIDADE DA EXISTÊNCIA HUMANA

Alex Dos Santos²

Introdução

Na experiência fenomenológica que vivencio neste momento, encontro-me diante de algumas dificuldades para compreender a complexidade do *software* Word. Observando a tecnologia avançando de maneira curiosa e possivelmente perigosa, colocando-nos diante de escolhas cujas consequências nem sempre conhecemos bem. Como seres humanos, a certeza das consequências de nossas decisões é incerta. Expresso isso afirmando o que Paulo Freire (1987) comunica ao afirmar que somos *seres incompletos*, compreensão essa que se baseia em uma natureza humana. Se existe alguma natureza, devemos entender que nós, como humanos, seres, somos inacabados e inconclusos. Quando reconhecemos nossa condição de seres em incessante processo de transformação, interagindo com uma realidade igualmente inacabada e histórica, nos diferenciamos dos outros animais. Esses também são inacabados, mas os seres humanos possuem consciência de suas características inconclusas.

Retornando à experiência com o *software* Word, evidencia-se que a tecnologia tem sido um dos principais impulsionadores da complexidade do mundo atual. A maneira como interagimos, nos comunicamos e realizamos nossas atividades foi transformada significativamente pelas inovações tecnológicas. As conexões intrínsecas, que antes eram fundamentadas em valores humanos, muitas vezes foram substituídas ou influenciadas pelas digitais. Embora a tecnologia traga muitos benefícios, também traz desafios e dilemas. À medida que avançamos em direção a um mundo cada vez mais conectado digitalmente, podemos nos distanciar das conexões humanas mais profundas, que são construídas por meio do contato físico, empatia e compreensão mútua. Essas conexões humanas são essenciais, pois toda experiência exige a presença de alguém, algo ou alguma coisa.

No contexto do impressionante e imaginativo trono da excelência humana, visualizo um lugar onde até oito pedras poderiam ser desafiadas e, impelidas pelo ven-

2 Acadêmico De Licenciatura em Filosofia e Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET PRÁXIS Conexões de Saberes/Licenciaturas). Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Erechim. E-mail:alexfilosofia11@gmail.com.

to, rolariam pelo deserto, possivelmente, encontrando seu verdadeiro lugar. Contudo, não posso afirmar com certeza, pois sou uma mente que acredita possuir a capacidade de pensar, não uma pedra.

Nisso, nota-se que nosso intelecto, capacidade de pensamento e imaginação são características extraordinárias que nos diferenciam dos outros seres vivos. Somos seres dotados de pensamento e consciência, o que nos permite questionar, criar e inovar. No entanto, é importante lembrar que a excelência humana não está isenta de falhas e imperfeições. Nossa capacidade de pensar também nos torna possível cometer erros e tomar decisões equivocadas. Portanto, devemos cultivar a humildade e a abertura para aprender com nossos erros e experiências. Espero que essa reflexão sobre a complexidade do mundo contemporâneo nos convide a buscar um equilíbrio entre a tecnologia e os valores humanos, a fim de construir uma sociedade mais consciente e empática. Além disso, reconhecendo a nossa capacidade de pensar e imaginar, podemos enfrentar os desafios do futuro com criatividade e resiliência, encontrando soluções inovadoras para os problemas que enfrentamos como sociedade.

Do Deserto à Metrópole: A Evolução das Pedras e a Compreensão da Existência

Descartes comprovou como pensamos e, por consequência, existimos. A existência carrega um sabor especial de alguma coisa, mas o que exatamente essa coisa é, deixamos para pensar em outro momento. Por enquanto, gostaria de observar o toque sutil do amargor que está presente no ar e circunscreve o nosso vazio: a morte. *"Penso, logo existo"* se existe, inevitavelmente, morre. Se eu morro, sou mortal. E se sou mortal, estou vivo, mas com a constante ciência de que um dia morrerei. Poderíamos continuar brincando com essas falsas e vãs presunções que nove pedras também conseguiram.

É importante destacar que essas pedras já não se encontram em um deserto; as circunstâncias mudaram e agora fazem parte de uma metrópole qualquer. Não mencionei nomes, pois acredito em sua capacidade de imaginar. São meras pedras, e o nome da cidade não é relevante. Sejam honestos, nove pedras em meio a uma vasta metrópole construída sobre exploração e trabalho escravo. Abençoadas pedras que não pensam, abençoadas pedras que não têm consciência de existir. Agradecemos a René Descartes por nos mostrar o obscuro e esmagador mundo da existência. Reflito que o «René Descartes das pedras» ainda não nasceu, mas quem sabe? Não posso afirmar, pois não sou uma pedra.

Mesmo não sendo uma pedra, posso especular que elas pensam, e se assim for, como seria a morte de uma pedra? Contudo, se elas de fato pensam, então são incompletos, pois Paulo Freire, já demonstrou que somos incompletos e ávidos por conhecimento. Esse conhecimento impulsionou a construção da sociedade que conheço, mas reconheço que minha perspectiva é limitada pela minha existência e pelas minhas limitações de compreensão. Não sei tudo; logo, meu conhecimento é limitado, mas a possibilidade de aprender e conhecer é ilimitada, exceto talvez quando se trata de algo metafísico ou insignificante para um certo Carnap, filósofo que me ensinou ao expressar palavras vazias sobre uma metafísica que é infinita.

A possibilidade humana é reinada pela curiosidade, e esta nos leva para uma intensa e gloriosa jornada metafísica, que nossas mentes conseguem transcrever em palavras, como outros podem considerar, poesia, arte ou até mesmo uma viagem sem fim. Se essa viagem não tem fim, gostaria de embarcar nesse trem e me sentar à janela, observando tudo o que Einstein descreveu de forma tão precisa e cogitando a possibilidade de existir algo além do que consigo compreender. Percebo que a busca pelo conhecimento, a curiosidade incessante e a exploração das fronteiras do entendimento são características humanas que nos distinguem, mesmo que pedras ou outros seres pensem de maneira própria. Assim, a busca pelo conhecimento e a aceitação de nossas exigências são elementos essenciais para nossa evolução e compreensão do mundo e do universo que nos cercam.

Acredito que, nesse ponto, a morte já se tornou consciente. Todos morremos e, a partir do fim, devemos dar significado ao mundo, à vida e essa existência que Descartes “descobriu”. No entanto, sempre é difícil atribuir significados, pois fazê-lo é subjetivar, e na subjetividade nos deparamos com as construções dessa sociedade capitalista em que existimos. Para entender o humano em 2023, é necessário compreender o capitalismo. Nesse sentido, repare no que os camaradas disseram:

“O Homem” poderia ver ainda uma grande quantidade de outras coisas na natureza, como, por exemplo, a enorme concorrência entre plantas e animais, tal como a que existe, por exemplo, no reino vegetal, no seu “bosque de carvalhos altos e altivos”, onde os capitalistas altos e altivos fazem mirrar os recursos vitais do pequeno arbusto, que poderia, então, igualmente exclamar: terra, aqua, aere et igni interdicti sumus; ele poderia ver as plantas parasitárias, os ideólogos da vegetação; ademais, uma guerra franca entre os “pássaros do mato” e a “multidão imensurável de pequenos animais”, entre a grama de seus “relvados” e o “valente rebanho de jovens corcéis” (Marx, Engels, 2007).

Além disso, não tenho mais nada a dizer.

Brincadeira, pois, é interessante notar que ao comparar a competição entre plantas e animais na natureza com a felicidade entre os diferentes atores na sociedade, dá a entender que a luta pela sobrevivência e recursos é uma constante em ambos os cenários. E a referência aos “capitalistas altos e altivos” no “bosque de carvalhos altos e altivos” simboliza a concentração de poder e recursos nas mãos de poucos, enquanto os “pequenos arbustos” representam os menos favorecidos ou oprimidos na sociedade, que lutam para ter acesso aos recursos essenciais para a sobrevivência. Bem como nota-se as metáforas de “plantas parasitárias” e “ideólogos da vegetação” podem ser interpretadas como grupos ou indivíduos que se beneficiam à custa dos outros, utilizando estratégias predatórias ou enganosas para obter vantagens. E por fim a menção à “guerra franca entre os pássaros do mato” e “multidão imensurável de pequenos animais” reflete a competição intensa e, muitas vezes, desigual entre diferentes segmentos da sociedade, onde os mais fracos lutam para sobreviver em meio à abundância de recursos dominados pelos mais fortes ou poderosos.

Percebemos que, no texto, a analogia com a natureza ressalta a luta pela sobrevivência e pelos recursos essenciais, o que ecoa a ideia de que o “*Ser-Em-Si*” está imerso em um mundo de contingências, conflitos e incidentes. Assim como os seres vivos na natureza, o “*Ser-Em-Si*” humano é confrontado com desafios e limitações inerentes à própria condição existencial. Uma referência aos “capitalistas altos e altivos” e aos “pequenos arbustos” pode ser vista como uma representação das disparidades sociais e da depressão que moldam a existência humana.

Os indivíduos são lançados em um mundo onde algumas pessoas possuem maior poder e recursos, enquanto outros lutam para sobreviver e alcançar sua plenitude existencial. Essa dinâmica reflete a noção existencialista de que o “*Ser-Em-Si*” é lançado em um contexto social e histórico, onde suas possibilidades são influenciadas por fatores externos e estruturas sociais. A metáfora das “plantas parasitárias” e dos “ideólogos da vegetação” também se alinha com a perspectiva existencialista sobre a responsabilidade individual e a autoridade. O existencialismo enfatiza a importância de fazer escolhas conscientes e assumir a responsabilidade por nossas ações e valores. Como mencionado, plantas e ideólogos podem ser interpretados como representações daqueles que adotam comportamentos manipuladores e egoístas em busca de vantagens pessoais, ignorando as consequências para os outros e para a sociedade como um todo.

A “guerra franca entre os pássaros do mato” e a “multidão imensurável de pequenos animais” também podem ser relacionadas à noção existencialista de que a

vida é permeada por conflitos, incidentes e desafios, e que a busca pela existência sustentada pode, muitas vezes, exigir coragem e enfrentamento das adversidades. Notamos como o conceito de *"Ser-em-Si"* no existencialismo reside na ênfase nas questões fundamentais da existência humana, como a luta pela sobrevivência, as dinâmicas sociais e as escolhas individuais.

Contudo, uma reflexão sobre a morte e a necessidade de dar significado ao mundo e à vida pode ser vista como uma expressão do *"Ser-Para-Si"*. O ser humano não é apenas um *"Ser-Em-Si"* imerso nas contingências e na luta pela sobrevivência, mas também é um *"Ser-Para-Si"*, capaz de tomar consciência de sua própria existência e de refletir sobre seu papel no mundo. E ao mencionar a dificuldade de atribuir significados e subjetivar, reparamos a complexidade da subjetividade humana e da busca por sentido. O *"Ser-Para-Si"* está constantemente envolvido em um processo de construção de significados e valores, o que pode ser uma tarefa desafiadora e subjetiva. A luta para entender o humano em 2023, considerando o contexto do capitalismo, também reflete a capacidade do *"Ser-Para-Si"* de refletir sobre sua própria condição e o ambiente social em que vive.

Uma referência aos *"capitalistas altos e altivos"* e aos *"pequenos arbustos"* também pode ser vista em termos de *"Ser-Para-Si"*. Os indivíduos, conscientes de si mesmos, são confrontados com desigualdades sociais e infelizes, o que pode provocar uma reflexão sobre as estruturas sociais e os sistemas de poder em que estão inseridos. A metáfora das *"plantas parasitárias"* e dos *"ideólogos da vegetação"* também pode ser interpretada em relação ao *"Ser-Para-Si"*. Ao refletir sobre esses comportamentos manipuladores e egoístas, o *"Ser-Para-Si"* pode questionar a prevalência das ações e considerar a importância de agir com responsabilidade e em consonância individual com seus valores pessoais.

Em conclusão, ao relacionarmos o texto com a conceitualização do *"Ser-Para-Si"* no existencialismo, podemos perceber que uma reflexão sobre a existência humana vai além da mera imersão nas contingências e lutas do mundo. O *"Ser-Para-Si"* representa a dimensão consciente e reflexiva do ser humano, capaz de tomar consciência de si mesmo, questionar sua condição existencial e buscar sentido e confiança em meio às complexidades da vida. Ao observarmos a natureza e as dinâmicas sociais retratadas no texto, podemos ver que o *"Ser-Para-Si"* é desafiado a encontrar significado em meio às contradições, desigualdades e reflexões da existência. A busca por sentido e identidade, a dificuldade de atribuir significados e a necessidade de confrontar questões morais e éticas são aspectos intrínsecos ao ser consciente de si mesmo.

Assim como o texto nos convida a refletir sobre as lutas e desafios presentes na natureza e na sociedade capitalista, o conceito do *"Ser-Para-Si"* nos encoraja a assumir a responsabilidade por nossas escolhas, ações e valores. Essa consciência de si mesmo nos impulsiona a buscar confiança em nossas vidas, a agir com integridade e enfrentar os dilemas éticos e morais de forma reflexiva e ética. Portanto, o *"Ser-Para-Si"* representa a chama interior que nos impulsiona a questionar, criar significados e encontrar propósito em meio às adversidades da vida. Nossa capacidade de subjetivar e buscar segurança é o que nos torna humanos, permitindo-nos transcender nossa mera existência física e alcançar uma dimensão mais profunda e significativa em nossa jornada existencial. Ao abraçarmos essa dimensão consciente, podemos encontrar significado e transcender cada momento da nossa existência, tornando-nos mais conectados com nós mesmos, com os outros e com o mundo ao nosso redor.

Considerações Finais

A complexidade da existência humana revela-se em uma jornada repleta de indagações, desafios e conflitos, tanto na interação com as inovações tecnológicas quanto nas relações sociais que moldam nossa sociedade. A busca incessante por significado e reflexão sobre nossas escolhas e valores são aspectos fundamentais do *"Ser-Para-Si"*, a dimensão consciente que nos torna humanos. Enquanto nos deparamos com a competição e as disparidades sociais, é fundamental cultivar a consciência de nossa responsabilidade individual e coletiva, buscando equilibrar a tecnologia com os valores humanos e construir uma sociedade mais empática e consciente. A jornada existencial é uma viagem de autodescoberta e crescimento, na qual a subjetividade nos impulsiona a transcender nossas limitações e encontrar um propósito profundo em meio às complexidades da vida.

Ao abraçar nossa dimensão consciente, podemos encontrar sentido e significado em cada momento, buscando compreender e conectar-nos com o mundo ao nosso redor. Nessa busca contínua, reafirmamos a grandeza do potencial humano para a criatividade, a resiliência e a compreensão mútua, dando significado e valor à nossa existência. Assim, caminhamos adiante na evolução da compreensão da existência, evoluindo-nos, mesmo que incompletos, em seres capazes de criar, inovar e encontrar significado em nossa jornada pela vida. Afirmamos a grandeza do potencial humano para a criatividade, a resiliência e a compreensão mútua, dando significado e valor à nossa existência.

Referências

CARNAP, Rudolf. **A superação da metafísica pela análise lógica da linguagem**. Tradução William Steinle. 2009.

CERBONE, David R. **Fenomenologia**. 3. ed. Petrópolis, RS: Editora Vozes, 2014.

COSTA, Alan Ricardo. **Paulo Freire hoje na cibercultura**. 1. ed. Porto Alegre: CIRKULA, 2020.

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. 2 ed. Trad. de Maria Ermentina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia Do Oprimido**. PAZ E TERRA. 1987.

MARX, ENGELS, Karl, Friedrich. **A Ideologia Alemã: Crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas**. 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada: Ensaio de Ontologia Fenomenológica**. 20. ed. RJ: EDITORA VOZES, 2014

O PET EM MINHA CAMINHADA ACADÊMICA

Cecília Hauffe de Lima³

Meu nome é Cecília Hauffe de Lima, tenho 18 anos e sou natural de Caçador, um pequeno município localizado no centro-oeste de Santa Catarina, conhecido por ter sido cenário da Guerra do Contestado. Sou filha de Clarice Hauffe, professora de Língua Portuguesa, e de José Dias Lima (Zezinho), professor de História e Filosofia. Desde tenra idade nutri uma forte conexão com a educação, graças aos ensinamentos e exemplos de meus pais. Por intermédio deles, aprendi a admirar e respeitar imensamente todos os profissionais que se dedicam ao campo educacional. Atualmente, encontro-me cursando a primeira fase de História na Universidade Federal da Fronteira Sul.

No início da minha jornada escolar, da pré-escola até a conclusão do ensino fundamental, frequentei a Escola Municipal de Educação Básica Pierina Santin Perret, situada no bairro onde minha família reside. Nessa instituição fui introduzida nos fundamentos da leitura, da escrita e dos cálculos matemáticos, além de nutrir um profundo apreço pela disciplina de História, que se tornou uma das minhas grandes paixões. A educação que recebi nessa escola foi de qualidade, apesar dos desafios que, ocasionalmente, se apresentavam, como a falta de professores para algumas matérias e a escassez de recursos pedagógicos. Os professores que ali atuavam sempre se esforçaram para proporcionar experiências significativas de aprendizagem, compartilhando conhecimentos com dedicação e zelo. Essa vivência educacional enriquecedora contribuiu, de forma decisiva, para o meu desenvolvimento intelectual e emocional. Graças aos esforços conjuntos dos professores e à minha dedicação pessoal, absorvi um vasto repertório de aprendizagens e trago comigo memórias afetuosas e gratificantes dessa época. Assim, é com imensa gratidão que recordo minha passagem por essa escola, reconhecendo-a como um pilar fundamental na construção do meu conhecimento e na minha formação enquanto indivíduo. A bagagem adquirida ao longo desses anos me inspirou a prosseguir com entusiasmo em busca

3 Acadêmica do curso de História - Licenciatura na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) - Campus Erechim. Bolsista do Grupo Práxis - Programa de Educação Tutorial/Conexões de Saberes (PET/FNDE). E-mail: ceciliahauffelima@gmail.com.

de novos horizontes acadêmicos e a manter sempre viva minha paixão pela História e pelo aprendizado contínuo.

Em 2020 deparei-me com uma oportunidade singular ao cursar o ensino médio no Instituto Federal de Santa Catarina - Campus Caçador. Para mim, a experiência de ter aulas ministradas por doutores, antes mesmo de ingressar na universidade, era algo inimaginável, mas o IFSC tornou essa realidade possível. Nessa instituição fui brindada com uma educação de qualidade ímpar, em um ambiente que oferecia uma estrutura adequada ao efetivo processo de ensino e aprendizagem. Ao longo do período no Instituto conquistei uma bolsa de pesquisa concedida pelo CNPq, bem como uma bolsa de monitoria, ambas significativamente marcantes na minha formação como estudante. Essas oportunidades impulsionaram meu encantamento pelo ato de pesquisar, estudar e compartilhar conhecimentos com os outros. A paixão que floresceu a partir dessas experiências foi decisiva na escolha da minha futura graduação. Acredito que a experiência enriquecedora no IFSC contribuiu de maneira decisiva para minha maturação intelectual e pessoal, inspirando-me a prosseguir em busca de meus objetivos educacionais e profissionais com motivação e determinação. As vivências que tive nesse ambiente acadêmico singular me impulsionaram a embarcar em uma jornada de aprendizado contínuo, reforçando minha convicção de que a pesquisa e o ensino são áreas nas quais desejo dedicar minha vida.

Ao concluir o ensino médio me deparei com incertezas em relação à Graduação e à instituição de ensino a escolher. No entanto, havia uma convicção em meu âmago: o desejo de seguir uma licenciatura e trilhar o caminho de professora, seguindo os passos de meus pais. Tenho plena consciência de que a profissão docente exerce um papel crucial no presente e no futuro da sociedade, pois desenvolve as potencialidades inerentes aos seres humanos. Diante desse propósito inspirador, optei por ingressar no curso de História, uma área que sempre me encantou desde tenra idade, despertando minha curiosidade intrínseca e fomentando constantes questionamentos sobre o passado. No ambiente escolar essa matéria se destacava como aquela em que mais me sobressaía, demonstrando um ímpeto singular para aprender e nutrir um amor profundo e sincero. Eis o cenário em 2023, em que curso História em uma instituição reconhecida e respeitada, que me proporciona formação de qualidade e alicerça minha preparação como futura educadora. Estou determinada a trilhar essa trajetória acadêmica com zelo e dedicação, convicta de que estou seguindo o caminho que me permitirá desempenhar o nobre ofício de educar com maestria, influenciando de maneira positiva a vida daqueles que terão a oportunidade de aprender e crescer sob meus cuidados.

Quando me deparei com o anúncio da bolsa para o Programa de Educação Tutorial, percebi ali uma oportunidade para contribuir na expansão da consciência histórica dentro da comunidade universitária, ao mesmo tempo em que enxerguei uma chance de ampliar significativamente meus horizontes acadêmicos na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Para mim, a pesquisa e a extensão são os pilares em todas as áreas do conhecimento, pois compreendo que sem elas muitos saberes importantes deixam de ser produzidos. Graças à minha experiência como bolsista do CNPq entre 2020 e 2021, posso afirmar que a pesquisa e a extensão moldaram minha visão sobre a educação, me levando a aprofundar ainda mais no vasto universo do conhecimento. No contexto do Programa de Educação Tutorial, estou empenhada em realizar cada atividade proposta, mostrando-me disponível e responsável diante das exigências e dos desafios que o programa impõe. Ademais, mantenho-me aberta ao aprendizado contínuo e ao compartilhamento de novos conhecimentos, contribuindo ativamente com minhas experiências e ideias para o fortalecimento do grupo. Reconheço que o PET terá um papel de destaque tanto em minha jornada acadêmica quanto em minha vida pessoal, pois contribuirá significativamente para o desenvolvimento de minha graduação. Além disso, a participação nesse programa constituirá um diferencial relevante em meu currículo profissional, proporcionando-me um embasamento sólido para minha futura carreira como educadora e pesquisadora. Estou grata e entusiasmada com esta oportunidade, ansiosa para aproveitá-la ao máximo e crescer como profissional e como ser humano.

Escrevo agora como bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET), e, há quatro meses, fui agraciada com uma das mais marcantes experiências de minha vida acadêmica. Quando redigia minha carta de intenção, almejando ingressar no PET, sentia-me permeada por pensamentos sobre o quão extraordinário seria fazer parte deste programa. Quando os resultados foram divulgados mal pude conter minha emoção; uma sensação indescritível de alegria e gratidão me invadiu.

O PET tem sido a fonte de uma das experiências mais significativas em meu percurso acadêmico e pessoal. Estou feliz por ter atingido essa etapa tão importante em meu aprendizado. A oportunidade de integrar o programa proporcionou-me um ambiente desafiador, repleto de novos aprendizados. Dentro do PET, sinto-me estimulada a me tornar uma profissional da educação comprometida em partilhar conhecimentos e promover mudanças positivas na sociedade.

Essa experiência tem contribuído muito para o meu desenvolvimento intelectual, proporcionando-me a oportunidade de aprofundar meus conhecimentos, envolver-

-me em pesquisas de relevância e adquirir habilidades intelectuais. Além do impacto positivo em minha trajetória acadêmica, o PET tem exercido um papel significativo em meu crescimento pessoal. A convivência com outros bolsistas e tutor têm me ensinado sobre colaboração, respeito mútuo e trabalho em equipe, valores que considero importantes tanto para o ambiente acadêmico quanto para a vida cotidiana. Em resumo, estou convicta de que o PET tem sido uma jornada marcante, que transcende o campo acadêmico e se reflete em minha realização como estudante e como pessoa. Sou muito grata pela oportunidade de fazer parte dessa equipe solidária e estou ansiosa para continuar contribuindo e aprendendo neste programa tão inovador.

CAMINHADA DE UM PETIANO EM CONSTRUÇÃO

Cleiton Turski da Silva⁴

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. (Paulo Freire)

Introdução

Com o objetivo de trazer reflexões sobre minha trajetória no PET (Programa de Educação Tutorial), busquei meu ponto de partida, minha carta de intenção ao me inserir no programa, procurando um paralelo entre quem eu era e a consolidação de acadêmico que construí. Aliado ao início de minha carta de intenção, em meados de maio de 2022, começo minha trajetória no programa, com a participação em diversas atividades como Grupo de Estudo, viagens de estudo e eventos, comissão de trabalho em ações como o “Quero entrar na UFFS”, conhecimento e visita da realidade da educação no município (como visita a ONG “Obra Santa Marta” e ARCAN - Associação de Recicladores Cidadãos Amigos da Natureza de Erechim), diálogos com profissionais de educação que participaram de momentos de discussão e conversas sobre educação.

Carta de intenção entrada no PET 2022/2

Meu nome é Cleiton Turski da Silva, tenho 23 anos, sou aluno do curso de Licenciatura em Filosofia, turma 2021. Atualmente, moro na zona rural de Erechim. Meu histórico escolar é um tanto peculiar, pois, fui sendo, ao longo do ensino médio, um aluno média 5,0, quando não possuía a percepção da importância do conhecimento e o senso crítico e, tampouco, envolvimento com a comunidade escolar. Pouco tempo antes de entrar na universidade percebi o hiato em que eu me encontrava, sonho da carreira profissional inerte. Quanto ao meu histórico acadêmico, por enquanto, estou me saindo bem e fui desenvolvendo novos conhecimentos e conceitos, notas um tanto acima das médias satisfatórias para conclusão das disciplinas.

4 Estudante de licenciatura em Filosofia pela Universidade Federal da Fronteira Sul. Bolsista no Programa de Educação Tutorial - PET PRÁXIS. E-mail:

No meu entendimento, o interesse da bolsa do PET seria para suprir duas necessidades que são: uma pequena renda como incentivo e me comprometer mais nas áreas sociais e, assim, desenvolver interesse e conhecimento para melhorar minha forma de compreender as relações sociais onde eu moro e questões que vão além do microcosmo educacional e social.

Meu interesse na pesquisa e extensão universitária vem do fato de, após o ingresso, a universidade me despertou a vontade por experiências que me engrandecem como acadêmico e me motivem a apresentar trabalhos de qualidade, que possam ajudar de uma forma direta ou indireta a sociedade, pois, atualmente, sei pouco o significado, na prática, dessas palavras: pesquisa e extensão.

Em relação à pergunta, qual a possível contribuição do(a) bolsista ao Grupo PET Práxis e qual a possível contribuição do Grupo PET Práxis ao(à) bolsista? Posso responder da seguinte forma: tenho meus pensamentos próprios e ideias em relação ao meio acadêmico, espero que o grupo PET me ensine muitos conceitos ou até mesmo mude minhas perspectivas em relação a determinados assuntos, que seja um benefício mútuo de ambas as partes, tenho disponibilidade e vontade de fazer parte desse projeto.

Ao refletir sobre a minha carta de intenção no programa PET, trago algumas transformações em minha trajetória acadêmica, no curso de Licenciatura em Filosofia na UFFS, Campus Erechim, ao me inserir, pude observar inúmeras dificuldades dos estudantes em continuar frequentando o curso, sejam por fatores econômicos, esgotamentos psicológicos e físicos, uma vez que a UFFS abrange a classe trabalhadora tendo, assim, uma sobrecarga em tarefas do dia a dia, sustento e sobrevivência. E a vivência no PET me traz a práxis com adolescentes e sociedade geral.

O grupo PET- Práxis - Conexões de Saberes agrega experiências no âmbito acadêmico que foram para além da minha Graduação, pois, proporcionou-me uma interdisciplinaridade em minhas relações com demais colegas de outras licenciaturas, com a convivência e debates gerou um conhecimento vindo da perspectiva deles em relação a livros lidos em grupo ou até diálogos fora da sala.

O grupo PET me proporcionou experiências com a comunidade externa, quando se tratou da pesquisa realizada com as escolas de Erechim e a intenção dos alunos em entrarem na universidade. Por meio disso, percebi a necessidade de realizar ações que visem buscar o engajamento dos estudantes de ensino médio na procura de formação superior, tendo em vista que participei do “Quero entrar na UFFS”, atividade de extensão que proporciona o aluno de ensino médio a visitar os espaços da universidade.

Por meio de viagens realizadas com o PET, em eventos, tive a oportunidade de estabelecer diálogos que engrandeceram o meu olhar sobre a educação, pois, eram pessoas engajadas com o mesmo propósito de buscar um melhor meio de se qualificar e construir seus conhecimentos.

Percebo as boas contribuições que o PET está me proporcionando durante minha graduação, qualificando-me para ser um bom profissional da educação.

Referência

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MUITOS ROSTOS: CARTA SOBRE MINHA TRAJETÓRIA NO PET

Eduarda Dumke Ribas⁵

Coloco-me em um lugar que parece muito narcísico para escrever esta carta sobre minha trajetória como bolsista do PET e como acadêmica e estudante da UFFS, pode parecer um tanto quanto elogioso o que escreverei aqui, já que, para escrever, estou recuperando a carta de intenções para o PET, para me ajudar na escrita, pois acho um tanto quanto difícil fazer uma autoanálise. Parece um lugar um tanto narcísico porque no mito, Narciso se afoga por ver apenas a própria imagem. Mas, minha trajetória, ainda que curta, vem sendo feita por muitos rostos dos quais não posso esquecer de lembrá-los aqui.

Quando entrei no PET estava no terceiro semestre do curso de História. Hoje, escrevo essa carta durante o sexto semestre de curso e o caminho de um ano que fiz, até aqui, tem muitos rostos: já familiares e outros são novidades. Cruzei uma fronteira que pensava não ser possível: a de decidir algumas coisas e não mais apenas me apaixonar por um assunto em cada semestre. Ainda estou apaixonada por cada autor que me é apresentado, mas agora assumi um compromisso sério com algumas alianças que fiz.

Na minha carta de seleção ao PET invoquei alguns aspectos da infância para escrevê-la, disse do meu encantamento com a arte e com as imagens e parece ser esse mesmo encantamento que me fez estar em uma optativa de História da Arte e, mais tarde, com uma outra optativa de Etnologia Indígena. Dessas duas disciplinas saiu um compromisso com o que, para mim, faz sentido estudar História, estar no PET e pensar a minha formação enquanto futura educadora e historiadora.

A partir daí me alinhei a alguns pesquisadores da área da antropologia e da filosofia pós-estruturalista. Os nomes Ailton Krenak, Eduardo Viveiros de Castro, Tânia Stolze Lima, Kimiye Tommasino, Aby Warburg, artistas como Denilson Baniwa e Jaider Esbell são alguns que compõem esse universo das optativas e que me acompa-

5 Estudante de História na Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Erechim e bolsista do PET-Práxis, Programa de Educação Tutorial, na mesma instituição. *E-mail*: eduardadumke_@live.com.

nam com mais presença nessa minha formação. Mas, também há outros, alguns que saltam de dentro da disciplina de teoria da história e a implodem, como Margareth Rago, grande historiadora e pesquisadora, influenciada por Foucault, sobre o qual tento me aventurar no que ele escreveu, desde que fiz meu ENEM, ele me acompanha em alguns aspectos da academia para pensar a disciplina histórica, com um texto de Margareth Rago, já visto em aula, *Libertar a História*, em que ela fala de como Foucault tratou as novas possibilidades de romper as velhas cristalizações da História; Walter Benjamin também é frequente quando preciso pensar até mesmo quais meus compromissos ao me formar em História.

Mas, o que me tocou e me empolga a continuar é o pensamento indígena. Não há nenhum motivo de ancestralidade, simplesmente me apaixonei pelas aulas de etnologia e o modo pelo qual foram ministradas e acabei assumindo um compromisso de andar mais junto com autores indigenistas que questionam o cânone pelo qual a disciplina histórica foi concebida, pois acredito que não há como pensar em uma educação mais justa em um mundo menos catastrófico sem as cosmologias indígenas e é isso que estou tentando alinhar com os grupos de estudos que são realizados dentro do PET, quando lemos Paulo Freire e tentamos fazer críticas.

Esse é um dos motivos por ter entrado e por ainda estar junto do PET: a possibilidade de ter uma formação para além dos cinco dias de aula, por estar com colegas de outras áreas das licenciaturas da UFFS, por estar construindo uma ponte para continuar a formação para a Pós-Graduação. É com muitos rostos que venho fazendo minha formação na UFFS, dos professores, dos colegas e autores que estão mais próximos daquilo que quero pesquisar. Outro motivo para eu estar no PET é compartilhar com outros colegas a formação continuada para a Pós-Graduação, pois eu entendo que, para uma pessoa como eu, que está vivendo algo que os pais não viveram, a Graduação já é uma realidade, e porque não a Pós-Graduação que irá me dar o tempo da oportunidade, quase naquele modo de tempo *kairós*. Acredito que não há outra coisa na vida que eu mais queira fazer do que estudar e ter os meios para isso ser possível e o PET tem me oportunizado neste momento.

FOI DADA A LARGADA: UM ANO DE PET PRÁXIS

Francis Felipetto⁶

Introdução

Este texto tem como objetivo fazer uma breve retrospectiva desse um ano em que caminhei junto ao Programa de Educação Tutorial (PET), passando de minha carta de intenção remetida ao Programa e, a partir daí, a reflexão a respeito do que foi construído ao longo das andarilhagens, tendo como destaque o grupo de estudos, atividade a qual mais despendemos tempo e esforços. Aviso de antemão que tomei a liberdade de fazer algumas modificações na carta a fim de contextualizá-la, tais alterações foram devidamente assinaladas.

A carta de intenção

Sou Francis Felipetto, tenho 25 anos, sou natural de Erechim e estou no oitavo período do curso de Geografia.⁷ Estudei como bolsista na escola Barão do Rio Branco praticamente todo meu ensino fundamental e médio, mais, precisamente, desde a terceira série (quarto ano) até o terceiro ano do segundo grau. Após esse período ingressei no curso de engenharia mecânica pelo IFRS em 2015, o qual fiquei por aproximadamente sete semestres até trancar a matrícula e decidir por parar definitivamente em meados de agosto de 2018. Em seguida fiquei um breve hiato fora do ensino superior, estudando para fazer vestibular e ENEM. Ao final de 2019, realizei a prova da UFFS e iniciei meus estudos em Geografia no ano seguinte. Devido à pandemia não tive as primeiras matérias presencialmente e só em 2022, portanto, passei a experienciar a universidade. Entre outubro de 2020 e março de 2022 participei do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, o PIBID, o qual pude desenvolver significativos aprendizados a respeito da licenciatura e das práticas pedagógicas, porém, devido à pandemia, nossas reuniões e tarefas se limitaram aos encontros remotos, o que foi uma lástima, apesar de necessário.

6 Acadêmico de Licenciatura em Geografia e Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET PRÁXIS Conexões de Saberes/Licenciaturas). Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Erechim. *E-mail*: felipettoft@gmail.com.

7 Na época em que remeti a carta estava com 24 anos e no quinto período do curso.

Poucos meses após essa experiência com o PIBID, fiquei sabendo do PET e prontamente busquei informações a respeito da bolsa. Meu interesse se funda precisamente em toda bagagem de conhecimento e desconhecimento que venho acumulando desde que ingressei na UFFS. Também, é claro, por toda minha vida fora e anterior ao curso. A relação entre a universidade e suas práticas com as outras esferas da realidade, e todas as suas particulares complexidades interrelacionadas, me intrigam e me situam em um espaço político de combate. Brevemente, posso dizer que até agora me sinto absolutamente deslocado dentro da universidade, tenho sérias críticas a ela e acho que devo me posicionar em relação a isso. Assim o faço em sala de aula, assim o fiz no PIBID e assim espero fazer em outros espaços que se me apresentarem. Portanto, é justamente esse espaço que busco no PET, um espaço de diálogo e combate de ideias.

Entre alguns dos meus interesses de pesquisa estão: o pragmatismo científico e a carência da crítica; a relação capital x trabalho x educação; e a efetivação da potencialidade emancipatória da educação. Creio que poderei contribuir com debates qualificados, dúvidas e demais inquietações do pensamento. E se será frutífero ou não, veremos.

Um ano no retrovisor: breve reflexão

O primeiro ponto a ser discutido aqui é o mesmo pelo qual se deu início, salvo engano, a minha entrevista de seleção no Programa: se estava deslocado - posso dizer que talvez ainda esteja - e tinha críticas à universidade - posso dizer que definitivamente ainda as tenho -, por que continuava nela? Por que não, simplesmente, ir embora?

Não nos cabe aqui discutir a respeito do utilitarismo nas ciências, a lógica positivista que predomina no campo científico e sua intrínseca relação com o modo de produção capitalista.⁸ A esse respeito, entretanto, precisamos destacar pontualmente: a universidade segue uma lógica “externa” aos agentes que a fazem diariamente, a saber, a lógica do capital: o produtivismo e a competição imperam e transformam o fazer qualitativo em um fazer quantitativo. A isso me refiro quando falo de uma inadequação dentro da universidade. Acredito que o processo de produção de conhecimento deva ser ele mesmo o objetivo, não uma finalidade outra que esteja sob o domínio do capital. Nesse sentido, incentivar o debate crítico desses temas dentro da universidade é uma tarefa fundamental. A possibilidade de uma educação anti-hegemônica irromperá de dentro.

8 A esse respeito recomendo vivamente o livro *Dialética do Esclarecimento*, de Adorno e Horkheimer.

Logo que entrei no Programa e participei dos primeiros encontros percebi que o PET poderia ser, em alguma medida, um modelo para a universidade. Digo isso pois, apesar do PET não escapar da lógica produtivista, é um espaço que possibilita uma genuína construção coletiva de conhecimento, com a participação ativa de todos, seja nos debates, nas indicações de leituras do grupo de estudos, na divisão do trabalho voluntário, na organização de projetos com a comunidade externa, enfim, em todos os nossos afazeres. Já na universidade em geral, ao contrário, o que mais vemos são estudantes que não vivem a UFFS, estudantes que apenas enxergam o diploma como fim último, guiados pelo imperativo “externo”, com a meta de assegurar um bom lugar no mercado de trabalho. Esta é, portanto, a maneira alienada pela qual a maioria dos universitários realizam a (des)integração com a universidade. Forma a qual, se buscamos uma educação popular de fato, devemos erradicar.

É claro que isso não será feito do dia para a noite, nem é exclusivamente um problema da educação superior. É, sobretudo, um problema social. Entretanto, é um debate, volto a dizer, fundamental a ser levantado dentro do espaço universitário, e o PET é um importante lugar onde essas ideias podem ecoar para fora das paredes.

No decorrer desse ano, as discussões realizadas no grupo de estudos foram centrais para o desenvolvimento de nossas atividades, por serem encontros realizados semanalmente com o intuito de lermos e debatermos autores relevantes ao campo da educação popular sempre surgiam novas ideias que elevavam intelectualmente os encontros. Dessa forma, municiando nosso arsenal de interpretação da realidade, que por sua vez, fazia-nos desenvolver melhor outros projetos do PET. Particularmente, tirei muito proveito desses momentos. Inúmeras vezes entrava na sala com certa quietude e saía, ao final, com a cabeça fervilhando, tomado por uma sensação ambígua de prazer e sofrimento. Prazer, pois, botar o pensamento em movimento e desassossegar os neurônios nos faz querer ir atrás de mais conhecimento, ir além do que está estabelecido. Sofrimento, por outro lado, pois carrega-se a angústia e a ansiedade que vem à tona ao perceber que “o buraco é mais embaixo”, que aquilo que era já não é mais, e que na iniciativa de buscar soluções aos problemas discutidos, novos obstáculos não cessam de aparecer.

Apertem os cintos e botem os óculos escuros

Ao apresentar a carta de intenção como um ponto de partida, procurou-se relembrar reflexivamente os encontros e desencontros nos cruzamentos da educação

superior, onde a inquietação em relação ao sistema educacional e a busca incessante por uma educação mais genuína e emancipatória se manifestam como fios condutores. Contra a tendência alienada e utilitária, sinalizamos a potencialidade revolucionária do PET.

Olhar para trás é importante para entendermos como chegamos até aqui. Ao olharmos para frente nos encara um horizonte ensolarado, que brilha iluminando nosso caminho, mas que, a depender do ângulo, ofusca nossa vista. Temos tudo pela frente, inclusive dificuldades. E é importante ter em mente que o grande objetivo do PET não está no fim do percurso, mas ao longo dele: é o processo. O movimento contínuo de formação.

DESENCARNAR A COLONIALIDADE: MEMÓRIAS EM (DES)CONSTRUÇÃO NA TEORIA GERAL DO ESQUECIMENTO, DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

Guilherme José Schons⁹

Teoria geral do esquecimento, romance escrito pelo angolano José Eduardo Agualusa e publicado em 2012, é um livro sobre a memória. Ao concentrar-se nos (des)caminhos das diversas personagens inseridas na complexa narrativa, o autor pretende que nos direcionemos a uma reflexão sobre o papel e os poderes da lembrança. Indo além: que nos atentemos ao fato de que é a capacidade de rememorar o contato com o outro a responsável pela manutenção da identidade. Se existir é estar no e com o mundo, a história nos mostra que resgatar os contatos - e com isso construir sentidos - fortalece um padrão de auto caracterização. Da mesma forma, mas por outro lado, o tal "esquecimento" é que suscitaria a produção de outras determinações e novos mecanismos de apreensão de si. É sobre isso que Agualusa quer que pensemos - acerca das conexões e dos entrecruzamentos entre as inúmeras reminiscências do passado que nos espreitam, bem como a sua sempre provável emersão.

Na obra, somos convidados a partilhar as sensações e experiências de uma série de personagens no contexto posterior à Independência de Angola. Em todo caso, a trama nos envolve em uma complexa teia de relações - na qual, a compreensão é dada pelo desapego a pré-julgamentos. Isto é: entendemos que o mundo não é monocromático. A realidade é diversa e, portanto, o seu entendimento demanda um compromisso ético com o que nos é alheio. Em linhas gerais, conseguiríamos sustentar que a *Teoria...* é um solene exercício de alteridade. Com a leitura, nos defrontamos com medos, traumas, angústias, problemas e, também, alegrias de pessoas absurdamente normais. Trata-se de um enredo protagonizado por gente. Afinal, o esforço com a alteridade humaniza.

9 Acadêmico de História na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) - Campus Erechim. Bolsista do PET Práxis (FNDE). E-mail: guilherme.schons@estudante.uffs.edu.br.

Esse registro é muito importante. O autor angolano não apresenta pessoas boas ou más. Ele nos convoca a partilhar sentimentos com indivíduos fruto das condições materiais da Angola das décadas de descolonização. Em um espaço marcado pelo conflito por poder - da expulsão dos portugueses à guerra civil travada por grupos rivais pelo controle do aparelho de Estado -, não seria surpreendente a ação do mal. Todavia, Agualusa rechaça veementemente qualquer identidade monolítica. Aliás, esse é um dos aspectos nevrálgicos esboçados: seres humanos se fazem e refazem em relação com o mundo (e, desse modo, com os outros) diante do convívio social e do diálogo e, nesse processo, podem escolher a bondade e a salvação.

Teoria... suscita uma conversa com seres reais. Ludo carrega em si a substância da descolonização - como a narrativa revela, uma trajetória complicada e, por óbvio, longa. Ludo tem a essência das pessoas que tiveram suas vidas marcadas pelo conflito. Contudo, Agualusa é muito cuidadoso. Isso porque, a personagem não é, jamais, reduzida ao papel exclusivo de europeia sofredora com a derrocada do domínio exercido pelo seu país. Pelo contrário, além disso, ela reverbera em suas atitudes um conjunto de vivências que lhes são individuais. Assim, os impasses de um processo social/político/econômico ganham carne e osso - os quais, ao longo das páginas, definham para que Ludo possa (re)nascer angolana.

José Eduardo Agualusa definiu o livro, quando do seu lançamento em 2012, muito bem. Em entrevista, o escritor aponta que se trata de uma “[...] ficção num contexto histórico real.” (O Globo, 2012, *on-line*). À luz disso, o enredo aproveitaria a realidade, mesmo sabendo que ela é muito mais criativa e complexa. Em outras palavras: o angolano sabe que o mundo rejeita ainda mais identidades simplificadas. As nossas existências estão situadas em uma articulação plural em que não é viável produzir definições estáticas com base em quaisquer critérios. Nada é surpreendente e as possibilidades estão em aberto. Com isso, Agualusa aceita um único espanto: aquele com o próprio espanto. Fora ele, seria ingênuo delimitar as formas de vida e, no limite, de manifestação das múltiplas identidades.

A história de *Teorias...* é uma referência às ligações estabelecidas por pessoas em uma conjuntura específica. Embora Ludo ganhe destaque, na verdade, a personagem principal do romance é a própria descolonização, a qual ela, entre outras pessoas, personifica. Iniciando, a princípio, no fim da década de 70 (mais especificamente 1975), a trama recusa uma abordagem linear. O tempo é o psicológico e, sendo assim, o da memória (e o do esquecimento) é a temporalidade dos encontros e desencontros das pessoas reais que habitam aquela ficção. Trata-se do instante em que, no plano macro,

Angola luta por autonomia e, no âmbito privado, Ludovica Fernandes Mano (Ludo) se isola com vistas a, apesar de a impressão ser de sobreviver, morrer e renascer.

Ludo, no início das laudas, é uma mulher portuguesa, de Aveiro, que morava com a irmã após a morte dos pais. Quando a irmã se casa com um engenheiro angolano, ela se enxerga obrigada a morar na África. Na viagem, passa muito mal. A mudança de continente lhe causa incômodo e dor. Sua personalidade é brilhantemente descrita por Aqualusa. Ludo não apreciava o externo. Estava fechada para o outro. O sol lhe incomodava e ela somente saía de casa com um guarda-chuva (ou guarda-sol) servindo de proteção para si. Em Angola, era, em razão das atividades do cunhado, rica. Tinha uma vida confortável em uma cobertura de luxo - o Prédio dos Invejados. De lá, podia deduzir que o “[...] céu da África é muito maior do que o nosso. Esmagamos” (Aqualusa, 2012, p. 09). A partir desse trecho, analisamos a construção tecida pelo autor: enquanto portuguesa, pouco aberta ao mundo, a geografia africana (muito mais ampla e envolvente) lhe assusta. Ela não está acostumada com a situação e, nessa lógica, tem dificuldade para apreender a realidade ao seu redor.

“Ludo cerrava as vidraças para evitar que o apartamento se enchesse das gargalhadas do povo nas ruas [...]” (Aqualusa, 2012, p. 09). Ludo era uma portuguesa alheia a Angola e que resistia a qualquer chance de exercer a alteridade. Desde já, ela estava oculta - trancada - ao diferente, ao exterior. O fato é que sua irmã e o seu cunhado precisavam tomar uma decisão. Já Ludo, não. Ela não era um sujeito autônomo, mas estava sempre à mercê das vontades do casal. Naquela altura, o marido de sua irmã, Odete, ainda não queria sair do país, já que se identificava com a luta por liberdade e autonomia. Ele se considerava um angolano. Porém, punha-se em oposição a um possível caráter socialista da independência - gostava das suas propriedades privadas que consistiam, evidentemente, em um privilégio calcado, inclusive, na exploração colonial sobre seus, imaginava ele, compatriotas.

Enquanto a revolução entrava em casa pelo rádio - com falas pelo poder popular e o fim dos 500 anos de exploração -, Ludo sonha. Ao dormir, imagina que, abaixo de si, existiria uma rede de túneis em que pessoas viveriam. Um homem lhe diz “O nosso céu é o vosso chão” (Aqualusa, 2012, p. 11). Ora, desde esse momento, está exposto o cenário de dominação/resistência entre Portugal e Angola. A chave para compreensão dos infortúnios no país africano é a riqueza do colonizador. O céu que Ludo considerava amplo não era para todos. Durante a colonização, os angolanos não tinham contato com essa imensidão. Eles eram obrigados a olhar para baixo. Afinal, acima eram pisados pelos exploradores contra os quais se revoltaram e venceram em 1975.

Aquele prédio onde morava Ludo só podia ser “invejado” graças ao sangue, ao suor e às lágrimas dos/as trabalhadores/as angolanos/as. Porque o céu dos angolanos era pisoteado pelos portugueses, a amplidão vista por Ludo no horizonte era manchada de vermelho. Por trás de toda a riqueza, havia muita barbárie.

Tendo em vista o momento revolucionário que ameaçava a burguesia portuguesa (da qual o cunhado de Ludo era sócio na exploração de Angola), o casal decide que os três deveriam fugir. Ou melhor: como Agualusa mostra, é necessário ressaltar que a saída do país era vista pelos colonizadores como uma despedida após lucrativos negócios. No entanto, um problema acontece. Eles haviam esperado muito para deixar o local. Os conflitos já estavam instaurados e, àquela altura, uma série de indivíduos se aproveitavam da ausência de leis para saquear os poderosos. Por possuir diamantes, o casal sofre um assalto e morre. Em paralelo a isso, os ladrões se direcionam para o apartamento em que Ludo estava para apossarem-se de mais pedras preciosas e outros bens. Com “[...] aquilo que os homens se matavam.” (Agualusa, 2012, p. 14) em mãos - uma arma - ela leva o bandido à morte depois de ninar uma canção. Enterra o corpo no jardim da cobertura e aproveita os materiais de construção presentes no apartamento para erigir uma parede a separando de Angola. Ludo rechaça qualquer exercício de alteridade e se tranca na sua identidade portuguesa. Afinal, “Sou estrangeira a tudo, como uma ave caída na correnteza de um rio” (Agualusa, 2012, p. 23).

A partir disso, convém ressaltar o quão interessante pode ser a inquirição de *Teoria...* por meio da percepção da mudança do relacionamento de Ludo com o mundo durante o seu processo de renascimento e, portanto, descolonização. Nessa altura da história, ela ainda se via como mais próxima do seu cachorro albino, um pastor alemão - raça historicamente usada pelos portugueses para fins de repressão policial - do que dos angolanos dos quais havia se separado física e arquitetonicamente. Chamado Fantasma, o cão é o ser com o qual ela, enquanto portuguesa, mais se identifica. Isso porque, compreende, a essa altura, as pessoas de Angola como atrasadas e selvagens - em uma postura tipicamente etnocêntrica. Com uma dispensa cheia, aquela seria a oportunidade para Ludo pensar e se (re)compor. Haveria muito tempo para isso. E ela sabia desse fato.

Em seu diário, Ludo nota que os conflitos pela independência teriam cessado em 1976. Após esse ano, o tempo - antes, de uma revolução - teria desacelerado. Em Angola, um país independente, o caráter socialista do governo estaria em disputa. Anos depois, a influência soviética cairia. Isso, não sem um conjunto de divisões, rixas, perseguições e mortes dentro do Partido. Mais uma vez, Agualusa nos faz refletir sobre

a complexidade das relações políticas conduzidas por gente - com vontades e amores pelo poder, mas também com convicções e disposição de luta e enfrentamento. Nada é simples - nem o silêncio (onde nunca há propriamente silêncio) em que Ludo se isolara. Havia muito a ser dito e a ser (re)construído em Angola. Inclusive, as pessoas - e, dessa forma, também a portuguesa (ou melhor: a, por enquanto, portuguesa). Em que sentido uma revolução socialista por independência em um país africano força a elaboração e o diálogo entre identidades? Como lidar com a diversidade que obriga a manifestação da alteridade? O que esquecer e o que lembrar em procedimentos de morte e renascimento de identidades? É sobre isso a *Teoria...* do grande Agualusa.

Sob essa perspectiva, trata-se de um livro sobre as mudanças em nível de percepção dos indivíduos em relação às coletividades e tendo em vista situações de transformação social. Nesse sentido, Ludo opta pela reclusão com vista à produção de novas elaborações sobre si. Foi um tempo destinado à queda de uma personalidade para que outra pudesse vir à tona. A personagem toma distanciamento das demais pessoas da trama por vinte e oito anos de modo a propiciar uma reconexão com o mundo através do emudecimento de sua alma portuguesa. É profícuo analisar a ligação formada entre Ludo e o macaco Che Guevara - símbolo da revolução que modificava radicalmente a vida dela. Segundo a própria, ela não morreria enquanto o animal estivesse vivo. Ora: no desenrolar da narrativa, Ludo mata Che Guevara e come a sua carne. Isto é, na luta por sobrevivência, ela abre caminho para a própria morte. De qualquer forma, paradoxalmente, quem morre é a portuguesa. Assim, haveria margem para um interregno.

Algumas páginas adiante vem a informação: Ludo pensou em “[...] Aveiro e compreendeu que deixara de se sentir portuguesa. Não pertencia a lado nenhum” (Agualusa, 2012, p. 48). Ludo portuguesa está morta. Ela definhava de fome e, para poder morrer e renascer para uma nova identidade, mata Che Guevara - marco do socialismo. Nesse ponto, é preciso notar que, além da existência do animal, ela considerava como aspecto necessário à sua existência a manutenção de uma antena como rebelde. Como descrito, do alto da cobertura do Prédio dos Invejados, conseguia-se enxergar uma série de antenas viradas para o norte - à exceção de uma, inclinada para o Sul. Em certo momento, todas passam a estar na mesma direção. É nesse instante que Ludo mata o macaco. Ou seja, quando ela já não exerce mais a identidade portuguesa e, portanto, pode desencarnar a colonialidade. Com isso, inclusive, a antena volta a ser rebelde - situando o momento em que a personagem está sem rumo e expatriada.

Na continuidade da história, Agualusa nos leva a uma reflexão sobre os sentidos da independência (e da revolução) em Angola. Ao nos mostrar outras pessoas imersas naquela conjuntura, o autor fomenta uma investigação mais ampla sobre os caminhos trilhados por aqueles que se encontravam na superação do passado de dominação pela metrópole europeia. Chama a atenção o trecho da *Teoria...* em que o escritor fala por meio de uma angolana: “Discursos não alimentam” (Agualusa, 2012, p. 56). Desse jeito, haveria um interesse exclusivo pelas revoluções que iniciassem por sentar o povo à mesa e prover comida. Que independência foi essa no país que, afinal, não colocou fim à fome?

Com base nisso, Agualusa faz menção à derrocada do caráter socialista da libertação angolana. A burocratização do Partido e a recusa a quaisquer oposições internas levaram ao comodismo e à ânsia por poder dentro do aparelho de Estado - sem que se tivesse como objetivo a sua completa destruição. Ademais, como escrito, são mudanças individuais que, longe de comprometerem a viabilidade da utopia inicial, nos fazem matutar sobre a complexidade de um processo como esse por um fator muito básico: ele envolve gente de carne, osso e muitos sentimentos. Retomemos a discussão tecida nos primeiros parágrafos desta resenha: Agualusa insere a sua narrativa em um espaço alheio às dicotomias clássicas. Não se trata de abordar a personalidade de indivíduos bons e maus. Pelo contrário, precisamos situar o colapso das chances de democracia socialista no bojo das dificuldades de sua concretização em meio a um cenário de disputas primordiais. Aquém de rejeitarmos a experiência, deveríamos aprender com ela objetivando continuar com o problema.

Ludo passa a uma radical e contínua reelaboração. Quase cega, encontra os acertos nos erros. Insere-se em outro regime temporal: dedica horas à tentativa de leitura de uma página. Compõe novas interpretações a partir dos desvios. Tenta reler em outras chaves identitárias os seus livros que ainda não havia queimado para cozinhar. Além disso, ela registra as suas sensações e frases literárias nas paredes do apartamento. Tendo o carvão como instrumento, verbaliza nas paredes do Prédio dos Invejados. Vai guardando sentenças e se (re)fazendo. Ludo perde o cachorro Fantasma e está entregue à maior solidão. Inclusive, a de si própria - já que a portuguesa estava morta. Em todo caso e em paralelo a isso, esse é o momento oportuno para que ela pudesse estabelecer conexões com Angola. Contudo, isso somente seria viável através do desaparecimento do eurocentrismo. A colonialidade desencarnara e talvez “[...] a isto se possa chamar morrer” (Agualusa, 2012, p. 61).

Angola encontra Ludo. Ou melhor: o menino Sabalu encontra uma senhora em um corpo sem identidade e passa a alimentá-lo - com comida, palavras e convívio. Entrando na cobertura por um andaime, a criança - com uma trajetória de vida muito difícil e carimbada pelos desencontros da luta pela independência - é a esperança de uma nova identidade na ex-portuguesa (agora em avançado estágio de descolonização). Vindo do Planeta Fome, Sabalu permite que Ludo constitua relações com o diferente - tendo em mente que, agora, tudo lhe é distinto. Sabalu viola o isolamento de Ludo e a convoca a um exercício de alteridade. Avó e neto - a partir de então - passam a criar memórias, tema sobre o qual, sem dúvidas, Agualusa se debruça.

Entretanto, surge um problema: os andaimes são removidos e, dessa forma, Sabalu não conseguiria mais acessar a rua para comprar mantimentos. Executa-se, à luz disso, a ação-limite: a parede que isolava a agora expatriada (em processo de africanização) de Angola e do resto do mundo é derrubada. Ludo estava, com isso, aberta a novas experiências. E, de repente, tudo acontece. O passado vem à tona e era urgente debater sobre o que seria lembrado e o que deveria ser esquecido. Em meio a tantas descobertas e encontros nas surpreendentes páginas finais, um ponto merece destaque. Ludo reencontra uma filha da qual havia sido separada por ser fruto de um estupro. A filha queria levar a mãe a Portugal. Mas, isso não acontece. Por que motivo? Ludo não é mais portuguesa. Ludo é angolana. Após vinte e oito anos de isolamento, uma identidade morreu. E com dias de contato com Sabalu outra nasceu. “Filha, esta é a minha terra. Já não me resta outra.” (Agualusa, 2012, p. 128). Além do mais, ela ainda relata que, por possuir a visão periférica, bastaria que Sabalu lhe lesse alguns livros para que ela pudesse ser feliz.

Aproximando-nos do encerramento desta resenha, convém debater os significados do que seria o esquecimento. Na cena em que tudo é revelado após a quebra da parede, Ludo defende que ela e o homem que levou sua irmã e o seu cunhado à morte pratiquem o esquecimento - prática que ela já vinha fazendo com a existência da filha. Apesar disso, ele rechaça a ideia. Seria preciso comprometimento com a redenção - jamais com a rendição que o esquecimento propiciaria. Esquecer seria morrer. Em todo caso, foi exatamente isso o que Ludo fez: ela morreu enquanto portuguesa. De qualquer forma, as marcas ficam. Afinal, viver é escolher o que recordar. E essa é uma seleção fundamental. Assim, podemos dizer que a memória é o que medeia as relações sociais que forjam as identidades. Quando o passado nos persegue e nos atinge, é preciso tomar decisões e ela toma a sua: se refaz em e com Angola (o seu verdadeiramente “novo” mundo).

Diante do que foi apresentado, precisamos inferir que Agualusa é um autor espetacular. Ao debater temas caros a historiadoras e historiadores como memória e esquecimento e ao inseri-los em um quadro como o da descolonização angolana, faz uma operação extraordinária - mas, que não é novidade. Em *O vendedor de passados*, o escritor já esboça talento para nos fazer pensar sobre o assunto. Ambos os livros merecem ser lidos por um público absolutamente amplo, sem qualquer restrição. Temos muito o que aprender. Inclusive, pela sua provocação: não seríamos nós um conjunto de Ludos? Do que nos afastamos e o que recalamos e reprimimos? À vista disso, em última instância, a *Teoria...* é uma convocação para que desencarnemos personalidades, nos livremos de traumas - na redenção das memórias - e possamos, assim, exercitar identidades outras em diálogo com o mundo que nos invade. Eis um livro memorável.

Referências

AGUALUSA, José Eduardo. **O vendedor de passados**. Rio de Janeiro: Leya, 2004.

AGUALUSA, José Eduardo. **Teoria geral do esquecimento**. Rio de Janeiro: Leya, 2012.

O GLOBO. **José Eduardo Agualusa fala sobre 'Teoria geral do esquecimento'**. 2012. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/jose-eduardo-agualusa-fala-sobre-teoria-geral-do-esquecimento-474309.html>. Acesso em: 20 ago. 2021.

EXCESSO DE HISTÓRIA: O FALSÁRIO E A FABRICAÇÃO DE SONHOS EM O VENDEDOR DE PASSADOS, DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

Guilherme José Schons¹⁰

*Nada passa, nada expira
O passado é
um rio que dorme
e a memória uma mentira
multiforme.*

(Aqualusa, 2004, p. 5, grifos do autor).

É uma lagartixa a narradora do livro publicado pelo escritor angolano José Eduardo Agualusa no ano de 2004. No vocabulário do português de África, a *osga* - nomeada de *Eulálio* - é uma confidente de Félix Ventura, que, à primeira vista, desempenhava uma profissão pouco comum. O personagem principal da trama, um negro albino, prometia a seus clientes, como registrado em seu cartão de visitas, a segurança de um “passado melhor” (Aqualusa, 2004, p. 13). Diante disso, ao lermos a obra, somos apresentados a alguém que tecia genealogias, criava narrativas e, no limite, forjava presentes àqueles que pudessem pagar pelos seus serviços. Assim, o autor, já nas primeiras páginas do romance, nos leva a refletir sobre os sentidos de categorias como passado, história, memória e verdade, bem como a questionar os valores que arregimentam a sociedade de Angola. Aquém da condenação das funções de Félix, Agualusa nos convoca a uma investigação mais ampla cujo objeto de análise é a possibilidade de se produzir um itinerário alternativo e particular.

“Haviam-lhe falado num homem que traficava memórias, que vendia o passado, secretamente, como outros contrabandeiam cocaína” (Aqualusa, 2004, 14). É dessa maneira que Eulálio registra a descrição de Félix - feita por alguém que a partir dali seria chamado de José Buchmann. À vista dessa informação, podemos pontuar que o vendedor da história escrita por Agualusa, em geral, tendo acesso a uma vasta base

10 Acadêmico de História na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) - Campus Erechim. Bolsista do PET Práxis (FNDE). E-mail: guilherme.schons@estudante.uffs.edu.br.

de informações, elaborava passados dignos de regozijo a quem deles necessitasse, isto é, à nova burguesia angolana (no pós-independência de Portugal e com a derrocada do caráter socialista do processo). Sob essa perspectiva, convém ressaltar que a temática, qual seja, a produção de discursos memorialísticos e historiográficos acerca da libertação de seu país é muito bem examinada em livro posterior ao aqui inspecionado. Na sua *Teoria geral do esquecimento* (2012), o autor constrói reflexões sobre as problemáticas envolvidas na (des)construção de identidades - que jamais são imanentes dos sujeitos, mas sempre elaboradas social e historicamente - após a conquista da autonomia, através da protagonista Ludo (que, ao longo das páginas, desencarna a colonialidade).

Acostumado a criar vidas já encerradas (pais, avós e demais ascendentes) aos seus contratantes, Ventura se espanta com o pedido que lhe é feito por outro dos poucos personagens do livro. Solicitando que fosse produzido um presente (e não somente um passado, como de costume), o homem assusta o vendedor de passados. Normalmente, os interessados no trabalho de Félix já tinham um presente próspero e um futuro garantido. Em todo caso, é claro que podemos enquadrar essa sensação de posteridade prévia e eternamente definida em um presentismo (Hartog, 2014) assentado na assimetria entre espaço de experiência e horizonte de expectativa (Koselleck, 2006) - que, em última instância, organizaria a nossa temporalidade e levaria, paradoxalmente às certezas dos sujeitos de *O vendedor...*, ao cancelamento do futuro.

No desenrolar da obra, veremos que, de fato, aquele homem não possuía um futuro programado. Pelo contrário, ele ainda tinha muitas questões a resolver com o seu passado. Nesse sentido, o desfecho do livro se torna muito mais interessante. A partir de uma abordagem benjaminiana, não foi possível viver imune e alheio aos traumas provenientes de outrora. De modo frenético, as vivências de décadas anteriores invadem as existências erigidas por Agualusa. Afinal, o passado urgia por remissão (Benjamin, 1987, p. 223) ou elaboração (Adorno, 2011, p. 49). Outrossim, para muito além das invenções de Félix, a realidade se materializou novamente. Embora as ficções de Ventura tivessem sustentação e constituíssem uma força real, elas vieram abaixo em meio aos encontros (in)esperados que acontecem na história.

No que tange à apreensão que o vendedor expressava de sua profissão, notamos certa defesa de si. "Fabrico sonhos, não sou um falsário..." (Agualusa, 2004, p. 15). Ao reivindicar essa posição - e dela tentar se convencer -, Félix suscita um questionamento acerca das possibilidades de performances de figuras artificialmente idealizadas. Nesse sentido, nos parece indispensável pontuar que o exercício posto em prática por

meio das invenções de Ventura não se refere às interpretações que todos os sujeitos realizam no convívio social. Mesmo se concordarmos que as relações em comunidade são dadas em um contexto teatral em que incorporamos personagens, temos de fazer uma ressalva: o lastro da realidade precisa ser considerado, que existe e não é relativo. Com isso em mente, haveremos de diferenciar os “sonhos” fabricados enquanto mercadorias pelo vendedor, por exemplo, das atuações diante do panóptico descritas por Foucault em *Vigiar e punir*: “Tantas jaulas, tantos pequenos teatros, em que cada ator está sozinho, perfeitamente individualizado e constantemente visível” (1999, p. 224). Não se trata disso e, portanto, neste ensaio afirmamos que, em diálogo com os seus clientes, Félix Ventura é sim um falsário.

De qualquer maneira, ao dizer que os seus “sonhos”, isto é, os passados (e com José Buchmann, que na verdade era Pedro Gouveia, também os presentes) eram mais verossímeis que a realidade, o vendedor nos faz questioná-la. Até que ponto um falsário consegue manter suas invenções sendo vistas como reais? Em que sentido é possível rejeitar a postulação de que “a verdade [...] é uma superstição” (Aqualusa, 2004, p. 50). E se o passado não viesse à tona no presente e pudesse ser mantido em controle para sempre, o sonho fabricado deixaria de ser falso? As memórias não seriam sempre construções (individuais ou sociais) descompromissadas em relação à verdade? Tendo em foco o descrédito na noção de que as ciências e a História seriam objetivas e a ruptura com o passado exemplar (Koselleck, 2011) - assim como a queda da ideia de Cícero de que a narrativa historiográfica seria “mestra da vida” -, por qual razão garante-se que a fronteira entre o historiador e o falsário é bem delimitada?

Ao invés de respostas prontas, nos parece que é preciso refletir lenta e continuamente sobre essas questões que dizem respeito às chances de se fazer História na contemporaneidade. Assim, neste ponto do ensaio é necessário trazer à baila as discussões feitas por Bauer e Nicolazzi no artigo *O historiador e o falsário: Usos públicos do passado e alguns marcos da cultura histórica contemporânea* (2016). Nele, os autores problematizam a cultura histórica atual e o estudo sobre passados traumáticos, “[...] discutindo temas como o do testemunho, da verdade e da veracidade dos relatos históricos, dos usos e abusos do passado.” (Bauer; Nicolazzi, 2016, p. 807). Segundo eles, ao inquirirmos a prática desenvolvida por historiadores, a sua função social e as consequências políticas, veremos que as narrativas e interpretações sobre o passado estão em um local em que o limite entre o historiador e o falsário nem sempre é perceptível. Mas, de qualquer forma, ele existe e - adicionamos nós - deve ser mobilizado como mecanismo de combate ao negacionismo.

No texto, os pesquisadores, em meio a elementos relacionados a um saber que se tornou disciplina no século XIX, trazem dois exemplos atuais sobre a atuação dos falsários - ou, então, sobre como a fronteira entre o historiador e o falsário desperta dúvidas. Trata-se de dois *Marcos*, um espanhol e o outro brasileiro. Enric Marco Battle, espanhol, mobiliza sua trajetória de vida para alertar o público acerca dos horrores vividos diante dos crimes nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. Ao resgatar memórias egressas de uma passagem por campo de concentração, ele ganhou visibilidade e foi elevado ao posto de referência no tema da memória social cara à luta antifascista. Há, com isso, a demonstração do peso dado a relatos testemunhais como mecanismo de sensibilização das pessoas - que seria reforçado, ademais, pela sua matrícula em uma faculdade de história (que sempre confere certo nível de confiabilidade). Desse jeito, “[...] ao seu relato era atribuída tanto a autoridade ética do testemunho, quanto a autoridade epistemológica do conhecimento” (Bauer; Nicolazzi, 2016, p. 814).

Contudo, existia um problema: a mentira. Como mostrado pelo historiador Benito Bermejo em 2005, Enric Marco Battle nunca estivera em um campo de concentração. Ele tinha sido preso pelos alemães em 1941, mas porque seguira voluntariamente para a Alemanha por meio de um acordo entre Franco e Hitler que previa o fornecimento de trabalhadores para atuação na guerra. Esse Marco havia mentido, inclusive, sobre o próprio dia de nascimento - somente para conseguir falar que nasceu dez anos antes da proclamação da segunda República Espanhola. Mesmo partindo da noção de Bauer e Nicolazzi (2016, p. 818) segundo a qual “[...] não há verdade moral na mentira, trata-se de uma contradição nos termos”, deveremos nos questionar a respeito de uma situação em que alguém personifica uma vida que não lhe é própria em prol de uma campanha contra o nazismo. Pessoas, de fato, estiveram em campos de concentração, mas o falsário aqui mencionado nunca esteve.

Em todo caso, sabendo que a história não é propriedade dos historiadores, seria possível dizer que, a partir de uma mentira histórica, Marco produziu “história”? Se entendermos que nos referimos à história como uma narrativa sobre a experiência humana no tempo - e que, desse modo, ela não precisaria ter compromisso com critérios teórico-metodológicos e verificação por pares, uma vez que não é domínio acadêmico - a resposta seria sim. E isso incomoda e desafia os historiadores profissionais. De qualquer maneira, nos parece ser uma contingência a correspondência com a verdade enquanto um instrumento de distinção (em contexto fluido) entre um discurso historiográfico com paralelo na realidade e outro engendrado por um fal-

sário - ou, em outras palavras, um sonho fabricado, como descrito por Aqualusa na descrição do vendedor de passados, Félix Ventura.

O outro exemplo dado - e um pouco mais degradante - é de Marco Antonio Villa. Historiador acadêmico, com graduação em História, mestrado em Sociologia e doutorado em História pela USP - tendo sido professor da UFOP e da UFSCar, na análise empreendida neste ensaio, atuou como falsário em artigo publicado em *O Estado de São Paulo*. No seu *Golpe à brasileira*, reproduz uma teoria desenvolvida no fim da ditadura, a dos *dois demônios*. Assim, fabrica um discurso historiográfico sem lastro na realidade e utiliza dos seus títulos para equiparar o terrorismo de Estado - uma máquina de matar gente - às pontuais violências revolucionárias (essas também situadas no mesmo plano das reformas de base do trabalhismo de Jango). Assim, "Villa mantém essa argumentação ao longo de toda sua intervenção, dizendo que a grande vítima neste conflito entre a direita e a esquerda seria a democracia" (Bauer; Nicolazzi, 2013, p. 823). Uma noção, nos parece, por demais abstrata de "democracia", mas que em última instância nos faz pensar sobre os usos políticos do passado e os agentes que atuam na conformação da memória pública.

Dito isso, é preciso registrar que os dois Marcos aqui abordados serem homens e brancos e terem recebido crédito e prestígio na sociedade não é fruto do acaso. Além dessa importante constatação, nos parece prudente pensar no que fazer. Ou seja, com base na ideia de que a posse do direito à fabricação de discursos historiográficos é compartilhada, inclusive, com falsários, como agir? Sim, aulas de História são sempre importantes e os professores da educação básica merecem todo o respeito, mas, por outro lado, haveremos de concordar com o argumento levantado por Bauer e Nicolazzi: o problema não é a "falta de história". Ora, não podemos dizer que os espectadores da empresa *Brasil Paralelo* ou da novela da Globo *Nos tempos do imperador* estejam carentes de discursos historiográficos. Pelo contrário, eles estão fartos e cheios de certezas suscitadas a partir de práticas que devem ser taxadas de negacionistas - embora, não possamos dizer que não pratiquem História pública e que não sejam "cases de sucesso" (maior que dos historiadores profissionais).

A questão é, voltando a *O vendedor...*, se estamos tratando de um sonho fabricado por alguém como Félix Ventura ou, então, de uma narrativa pautada na verdade que, repetimos, não é relativa - tanto que o Marco espanhol pôde ser desmascarado por um historiador. Indo além: que essa seja uma oportunidade para apreendermos que, em tempos de fetiche do passado, é preciso lembrar - como fazem Bauer e Nicolazzi - de Nietzsche: "[...] logo que se abusa da história ou que

Ihe atribuímos muito valor, a vida se estiola e se degenera” (Nietzsche, 2005, p. 68). Portanto, precisamos de atenção diante desse, como exposto no título do presente ensaio, “excesso de história” - caracterizado, entre outros fatores, pela ação de falsários que fabricam sonhos.

Além disso, teremos de resgatar o fim do artigo aqui tomado como referência: cada sociedade tem o Marco que merece. O espanhol mentia para fortalecer os movimentos contra o nazismo e o fascismo. O brasileiro falsifica para desresponsabilizar, minimizar e, no limite, negar o horror da ditadura civil-militar brasileira - e, neste país, não se dá ouvidos aos historiadores que o denunciam. O que, por sua vez, nos faz pensar no ambiente de contradição nas disputas de memória e nos usos políticos do passado e em como a historiografia profissional é colocada no ostracismo pela mídia burguesa que, não à toa, apoiou a ditadura e, anos mais tarde, chegou a vergonhosamente classificá-la como “ditabranda” (isso, além de dar coluna semanal a negociante racista já demitido por homofobia).

Antes de encerrarmos, é preciso refletir sobre as relações com o passado estabelecidas por outros três personagens de *O vendedor...* e que corroboram nossa sustentação sobre o “excesso de história” de inspiração nietzschiana. Ângela Lúcia, através da fotografia, guardava os “[...] brilhos a merecerem ser salvos do esquecimento [...]” (Aqualusa, 2004, p. 39). Nesse sentido, podemos deduzir o motivo de ela, após o clímax relatado nas últimas páginas do livro, sair em viagem e, até o fim da obra, não ficar com Félix. Ela era uma guardiã da verdade e, tal qual, Heródoto (2006), queria salvar o memorável - que é, como mostra Aqualusa (2012) na *Teoria...*, o que erige as coletividades e as identidades sociais.

Já José Buchmann/Pedro Gouveia é a prova ideal do argumento do excesso de história como problema e degeneração que leva à fabricação de sonhos operada pelo falsário. Diz ele “Dói-me na alma **um excesso de passado** e de vazio.” (Aqualusa, 2004, p. 29, grifo nosso). Ora, seria a recusa à remissão/elaboração desse passado traumático que, em última instância, provocaria o desejo de falsificação. Em todo caso, a realidade chegou a si, uma vez que ele precisava resolver questões nela. Ademais, a lagartixa/osga é o radical outro dos clientes de Félix. Tendo em vista que o seu passado está inserido em um marco temporal fechado, qual seja, sua vida anterior humana, há impressão de estabilidade. Se com a profissão de Ventura o passado pode mudar e/ou ser fabricado, por outra perspectiva, Eulálio afirma: “A única coisa que em mim não muda é o meu passado: a memória do meu passado humano” (Aqualusa, 2004, p. 42).

Diante da investigação de um objeto da cultura material contemporânea, o presente ensaio permitiu estabelecer reflexões sobre os usos políticos do passado e a atuação dos falsários - cuja fronteira com os historiadores profissionais é porosa - em tempos de excesso de história. À vista de todos os elementos apresentados, pudemos compreender que, embora as memórias fabricadas por Félix Ventura sejam uma mentira multiforme, teremos de rechaçar a estrofe que inaugurou a nossa análise. O passado não é um rio que dorme. Ele é vivo, objeto de instrumentalizações produzidas no tempo presente e, como nos ensinou Benjamin, deverá ser redimido. Dessa maneira, terminamos com a continuação da poesia que abre o primeiro capítulo de *O vendedor...*:

*Nada passa, nada expira
O passado é
um rio adormecido
parece morto, mal respira
**acorda-o e saltará
num alarido.***
(Aqualusa, 2004, p. 6, grifos nossos).

Referências

- ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- AGUALUSA, José Eduardo. **O vendedor de passados**. Rio de Janeiro: Leya, 2004.
- AGUALUSA, José Eduardo. **Teoria geral do esquecimento**. Rio de Janeiro: Leya, 2012.
- BAUER, Caroline Silveira; NICOLAZZI, Fernando Felizardo. O historiador e o falsário: usos públicos do passado e alguns *marcos* da cultura histórica contemporânea. **Varia Historia**, Belo Horizonte, v. 32, n. 60, p. 807-835, dez. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vh/a/kscZqWVSjDPGVLC7zh8WTfR/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 02 out. 2021.
- BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
- HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.
- HERÓDOTO. **Histórias**. Rio de Janeiro: eBooksBrasil, 2006. 770 p.
- KOSELLECK, Reinhart. A configuração do moderno conceito de História. *In: O conceito de história*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 119-164, 2011.
- KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Escritos sobre a história**. São Paulo: Loyola, 2005.

DO ROMANCE À CRÍTICA: A LUTA PELO ENSINO DA HISTÓRIA DE ERECHIM

Guilherme José Schons¹¹

Introdução¹²

O estudo da história local é ferramenta para a construção da cidadania e as estratégias pedagógicas que possibilitam essa análise devem ser disponibilizadas nas instituições de ensino. A partir desse ponto de vista, o projeto “Erechim: Campo Pequeno, Grandes Memórias” propôs-se, no ano de 2019, a pesquisar recursos educacionais que preconizam o estudo da história de Erechim para a implementação e o desenvolvimento no Colégio Estadual Professor Mantovani.

Pesquisas realizadas nos anos de 2017 e 2018, no âmbito escolar, apontam restrição ao direito do corpo docente no que tange à apreensão do conhecimento referente à história da cidade. Nas Séries Iniciais, apurou-se que os alunos têm acesso a poucas informações e, em geral, de cunho simplório. Além disso, constatou-se que as noções ali abordadas apresentam uma visão romântica em relação ao município. No decorrer da vida escolar, Erechim raramente volta a ser pauta de algum debate. Assim, há prejuízo para a constituição de uma análise crítica profunda, por parte dos estudantes, em relação ao lugar que habitam diante do desconhecimento do passado e desvalorização da memória.

Nesse sentido, o projeto desafiou-se a implantar mecanismos educacionais propícios para o estudo da história de Erechim no Colégio Mantovani. Mediante a oferta de estrutura de pesquisa aos professores do Ensino Fundamental - Séries Iniciais, buscou-se instrumentalizar o corpo docente para uma abordagem assertiva e diversi-

11 Acadêmico de História na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) - Campus Erechim. Bolsista do PET Práxis (FNDE). Egresso do Colégio Estadual Professor Mantovani (Erechim/RS), onde desenvolveu no Ensino Médio o projeto “Erechim: Campo Pequeno, Grandes Memórias” (em 2017, 2018 e 2019). *E-mail*: guilherme.schons@estudante.uffs.edu.br.

12 Caro leitor, o que faço neste capítulo envolve um exercício complexo: publicar um texto quatro anos após a sua escrita. O artigo, agora divulgado como capítulo de livro, foi redigido em 2019 como parte do projeto de iniciação científica “Erechim: Campo Pequeno, Grandes Memórias”, do qual participei em 2017, 2018 e 2019 em meu Ensino Médio no Colégio Estadual Professor Mantovani (Erechim/RS). De 2019 a 2023, aprendi muito no Curso de História da UFFS, de modo que poderia trazer novas problematizações ao objeto de estudo aqui em discussão. Em todo caso, preferi manter a essência original do texto (ainda que fazendo pontuais revisões) ao considerar que ele é fruto de uma pesquisa cujos objetivos foram rigorosamente cumpridos e que contribuiu na minha formação. Além disso, reivindico que o argumento do capítulo permanece atual.

ficada acerca da história de Erechim. Além disso, sugeriu-se a adoção da necessidade do ensino da história local para as Séries Finais do Ensino Fundamental, bem como a memória regional foi promovida como dispositivo para o debate de questões globais no Ensino Médio por meio da realização de uma palestra sobre os desdobramentos da ditadura civil-militar brasileira em Erechim e mediante a produção de uma exposição fotográfica e informativa a respeito do passado erechinense.

Ao propor uma consulta entre docentes e discentes sobre as suas demandas referentes ao conhecimento da própria cidade, evidenciou-se que os professores consideram essa temática extremamente relevante e gostariam de destinar um espaço maior para o estudo da história mais propínqua em suas aulas. Os estudantes, por sua vez, indicaram estar pré-dispostos a estudar sobre as vivências de seus ascendentes. Em contraponto a isso, não lembravam de lhes ter sido oportunizado o acesso a esse conhecimento. O quadro corroborou a problemática do projeto, sobre a qual este texto versará no intuito de colocar em pauta concepções e possibilidades que contemplan a luta pelo ensino da história de Erechim.

Além desta introdução, o presente capítulo será dividido em mais quatro momentos. Na sequência, será realizada uma revisão de literatura que irá discorrer sobre a prática do ensino da história local por meio da discussão dos temas professores, materiais e disposições na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Após, contaremos com a análise dos materiais e métodos utilizados para chegarmos aos nossos resultados. Em seguida, textualizaremos os resultados e discussões de nossa pesquisa, examinando entrevistas com estudantes, professores e historiadores, bem como as atividades práticas desenvolvidas. Por fim, apresentaremos as conclusões do trabalho.

Revisão de literatura

A implementação de recursos educacionais que viabilizem o estudo da história de Erechim desde as Séries Iniciais significa instrumentalizar a promoção da cidadania. Estratégias de ensino que promovem o conhecimento e a valorização dos fatos e costumes que compõem a origem e a história do município levam os estudantes a compreender a realidade na qual estão inseridos. Tal entendimento sobre o contexto em que se vive é o primeiro passo para transformá-lo para melhor. A inserção de ferramentas pedagógicas que corroborem o resgate da memória local é uma maneira assertiva de abordar, relacionar e explorar aspectos histórico-culturais. Conforme Damazio (2015, p. 4248),

Estudando o local, os alunos têm oportunidade de perceber mudanças e permanências, descobrindo entre suas ações cotidianas a presença de elementos culturais vivenciados por gerações anteriores. A História Local é potencialmente apropriada para despertar nas crianças o gosto por conhecer as realizações humanas produzidas no bailar dos tempos, retirando da disciplina História a sisudez das datas e acontecimentos pontuais e lineares.

Desse modo, oportunizar aos estudantes o acesso aos fatos do passado significa lhes oferecer mecanismos para que consigam estabelecer uma conexão entre os reflexos dos acontecimentos transcorridos e a realidade na qual estão inseridos, além de traçar perspectivas acerca do futuro. A partir do conhecimento do contexto histórico e das características da cidade onde vivem, os estudantes tornam-se de fato engajados na história da cidade, transformando-se em guardiões do patrimônio histórico e capazes de fazerem parte da construção de um futuro que respeite a herança do passado. Para Saviani (1995, p. 19),

A escola existe, pois, para propiciar a aquisição dos instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciência), bem como o próprio acesso aos rudimentos desse saber. As atividades da escola básica devem se organizar a partir dessa questão. Se chamarmos isso de currículo, poderemos então afirmar que é a partir do saber sistematizado que se estrutura o currículo da escola elementar. Ora, o saber sistematizado, a cultura erudita, é uma cultura letrada. Daí que a primeira exigência para o acesso a esse tipo de saber é aprender a ler e escrever. Além disso, é preciso também aprender a linguagem dos números, a linguagem da natureza e a linguagem da sociedade. Está aí o conteúdo fundamental da escola elementar: ler, escrever, contar, os rudimentos das ciências naturais e das ciências sociais (história e geografia humanas).

Sob essa óptica, a importância de transmitir o legado geração após geração, valorizar a cultura popular e preservar o patrimônio cultural são lições que podem e devem ser aprendidas na escola. O convívio escolar é a circunstância ideal para promover o interesse pela pesquisa e estudo dos fatos relacionados ao lugar em que se vive. A compreensão da história local é, simultaneamente, alicerce e ponte para a assimilação da história do estado, do Brasil e geral.

Da reflexão à prática: o ensino da história local

A inserção da história local nos diferentes níveis de ensino desenvolvidos na escola e a promoção de atividades e eventos culturais relacionados à temática fomentam uma conjuntura de valorização da cidade. Assim sendo, cria-se um ambiente propício para que se elabore métodos pedagógicos e historiográficos para a eficaz

instrução dos educandos. A partir desse quadro, há a construção de uma maior consciência política, o que acarreta o reconhecimento da memória do município e, por conseguinte, preservação do patrimônio histórico e da cultura. Para Damazio (2015),

[...] a História Local, assunto a ser tratado na escolarização, diz respeito a uma espacialidade determinada que expressa particularidades articuladas ao todo social, pois, vive-se uma época que aponta para a supressão de barreiras culturais entre sociedades, deliberando uma interdependência entre o local e o global. Assim, é um campo fértil para estudos históricos, articulando aspectos econômicos, sociais e políticos determinados espacialmente, porém, imbricados a uma realidade mais ampla. Hoje a História Local aparece como reveladora de uma História mais geral, um 'local' privilegiado no sentido de levar os alunos a sentirem-se sujeitos da História a partir de suas próprias singularidades.

A implementação e o desenvolvimento de recursos educacionais que precorizem o estudo da história local são ações que visam a conscientizar os indivíduos em relação ao seu próprio cotidiano e lhes proporcionam condições efetivas para que exerçam o seu direito à cidadania. Com isso, a cidade - Erechim - se desenvolve a partir de uma dinâmica de democratização. De acordo com Luís Alberto Marques Alves (2014, p. 70) "a História, sempre num quadro curricular o mais interdisciplinar possível pode e deve cumprir a função social e individual de inserir os jovens nas heranças culturais das comunidades em que vivem". Isso porque, à medida que temáticas relacionadas ao passado local são trabalhadas de forma interdisciplinar, o senso crítico dos estudantes é aguçado e se permite uma abordagem mais ampla e profunda em relação aos aspectos socioculturais da memória regional.

Conforme Fioravante (2018), a abrangência de temas variados e a interdisciplinaridade com áreas como a Antropologia, a Sociologia e a Psicologia modificam o modo de se pensar historicamente. Tal prática propõe que os estudantes se reconheçam como protagonistas de sua própria história. Essa dinâmica corrobora a progressão do estágio de "romance" ao de "crítica" no exercício de ensino e aprendizagem dos processos históricos do município.

Dos professores

A postura do professor perante a proposição do ensino da história local é o ponto chave para despertar nos estudantes o senso investigativo e a busca por respostas acerca dos acontecimentos do passado a nível municipal. Segundo Freire (2007, p. 86),

Antes de qualquer tentativa de discussão de técnicas, de materiais, de métodos para uma aula dinâmica assim, é preciso, indispensável mesmo, que o professor se ache “repousado” no saber de que a pedra fundamental é a curiosidade do ser humano. É ela que me faz perguntar, conhecer, atuar, mais perguntar, re-conhecer.

A assertividade na prática do ensino é fator determinante na concepção da realidade embasada nos traços do passado como alicerces na perspectiva do futuro. O processo de ensino e aprendizagem é uma via de mão dupla na qual cabe ao professor traçar as estratégias que melhor se adaptem à subjetividade dos discentes, e que, portanto, ocasionem resultados satisfatórios e expressivos que potencializem o poder de transformação que é inerente à prática educacional.

Comumente, a abordagem da história local fica a cargo dos professores das Séries Iniciais do Ensino Fundamental e o eixo temático não volta a ser pauta de debates no decorrer da vida escolar dos discentes. Damazio (2015) alerta que essa conjuntura é problemática, uma vez que existem conteúdos que devem ficar para o professor especialista¹³ trabalhar nos anos finais, já que o professor generalista¹⁴ não possui aporte teórico-metodológico para certos enfoques. Sendo assim,

[...] os anos iniciais devem desenvolver conceitos de temporalidade, espacialidade, identidade, dentre outros, no âmbito da História Local, já que a partir do local é possível identificar e estudar diversos aspectos sociais nos mais variados campos da ação humana (Damazio, 2015).

A partir dessa abordagem, os docentes generalistas podem contribuir decisivamente para a efetividade da aprendizagem do passado local por meio do ensino de conceitos fundamentais, os quais serão decisivos nas fases escolares subsequentes. O início da trajetória educacional é, nesse sentido, responsável pelo desenvolvimento e consolidação das condições necessárias para a abordagem profunda e crítica da memória regional de modo que sejam formados indivíduos conscientes dos processos históricos que têm o município em estudo como palco. Desse modo, de acordo com Nascimento Júnior (2016, p. 9),

A história local é apontada como uma forma de fazer o ensino de história se tornar algo mais inteligível ao estudante, facilitando a intervenção do sujeito nos espaços locais, amadurecendo suas perspectivas de reflexão sobre os espaços mais amplos.

13 Entende-se por “professor especialista” aquele graduado no curso de Licenciatura em História.

14 O “professor generalista” é aquele que dá aulas aos estudantes do nível Ensino Fundamental - Séries Iniciais. É formado no curso de Magistério no Ensino Médio e/ou no curso de graduação em Pedagogia.

Ressalta-se que as incursões centradas no estudo da história local de forma crítica ao longo das Séries Iniciais são relevantes haja vista que introduzem o assunto e aproximam o corpo discente do conhecimento dos fatos históricos. Todavia, cabe ao professor especialista retomar de forma mais específica e aprofundada a memória do município no decorrer das Séries Finais do Ensino Fundamental, bem como no Ensino Médio.

Dos materiais

Um dos maiores desafios enfrentados pelos docentes da disciplina de História é encontrar material pedagógico no que tange a aspectos relacionados à história local. Não obstante à escassez de recursos disponíveis no âmbito escolar, muitos professores enfrentam uma exaustiva jornada de trabalho com quarenta horas semanais, o que inviabiliza pesquisas mais consistentes e impossibilita idas a acervos¹⁵ para planejamento das aulas.

Além disso, segundo Damazio (2015),

Em geral, as fontes e os documentos disponíveis aos professores são produzidos pelos órgãos administrativos locais e tendem a transmitir o ponto de vista do poder político ou econômico, levando alunos e professores a preservarem uma memória da elite local¹⁶, contribuindo para a construção de uma identidade coletiva e individual a partir desse referencial.

Nesse sentido, merece ênfase a importância da visão crítica do professor ao apresentar fontes históricas aos estudantes. Questionar e contextualizar a forma como as memórias históricas são apresentadas nos materiais disponíveis, bem como a comparação entre diversas fontes são procedimentos que devem ser ministrados pelos docentes ao explorar materiais pedagógicos de caráter histórico junto aos discentes. Não cabe ao professor selecionar materiais que privilegiem determinado ponto de vista, mas sim propor uma diversidade de pesquisa acompanhada de indagações que possibilitem aos alunos formar sua opinião sobre os fatos, construir seu conhecimento sobre a História e sentirem-se, de fato, representados na memória - a partir de uma visão histórica crítica.

15 No caso de Erechim, o Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font.

16 Segundo a autora, na atual conjuntura, a representação cultural pertinente à história local revela que a definição do currículo que será contado e se tornará hegemônico perpassa diferentes estratos sociais, sendo palco de ações políticas de caráter econômico. Nesse sentido, a classe dominante, por meio das editoras locais, instrumentalizaria o material didático-pedagógico oferecido às escolas de modo a construir narrativas de naturalização da estrutura social. Essa prática constitui um “uso do passado”, o que denota que o campo da memória local é terreno de intencionalidades inscritas nas tramas da sociedade.

As fotografias são um rico e concreto material pedagógico, que evidenciam o patrimônio histórico como forma de explicar os fatos transcorridos e situam o discente no tempo e no espaço em relação à história do município e à sua própria trajetória de vida, bem como de seus ascendentes, haja vista que ambas se mesclam e se complementam. Consoante a Olga Rodrigues de Moraes Von Simson (1998, p. 33),

As imagens fotográficas têm exercido papel significativo nesse processo de seleção e registro do que deve ser armazenado e se constituem num útil sistema de transmissão da memória para alguns grupos sociais. Elas indicam também que o registro imagético vem permeando cada vez mais a nossa cultura ocidental contemporânea e se transformando talvez no principal 'texto' orientador da construção das memórias individuais e da memória coletiva dos grupos sociais.

Os registros fotográficos eternizam momentos e, portanto, sua observação e análise pode estabelecer correspondências e analogias entre determinadas épocas ao longo da história. Por meio de imagens é possível identificar transformações no espaço e nos costumes, além de instituir reflexões que levem a estudar os motivos que ocasionaram tais mudanças.

Simultaneamente ao uso de fotografias, é essencial a utilização de outros materiais, tais como pesquisas literárias, entrevistas com moradores antigos, festivais étnicos, palestras com especialistas e passeios que contemplem o patrimônio histórico-cultural da cidade no intuito de criar um mecanismo completo que contemple os diversos aspectos da análise da história local. Essa prática fortalece a emancipação intelectual dos discentes e contribui para o desenvolvimento da cidade a partir da reflexão acerca do seu cotidiano com base no passado.

Sobre as disposições na BNCC

De acordo com Pereira e Rodrigues (2018, p. 4),

A constituição de uma base curricular nacional [...] está relacionada a uma demanda colocada pela Constituição Federal de 1988, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9.394/1996 e prevista nas metas do Plano Nacional de Educação, com vigência desde 2014.

No entanto, a existência de uma Base Nacional Comum Curricular nunca foi consenso entre especialistas em educação.¹⁷ No que se refere especificamente ao campo

¹⁷ A Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) sempre rejeitou a publicação da BNCC, afirmando que o documento representaria uma perda de autonomia dos professores em relação aos conteúdos trabalhados.

da História, essa divergência em relação à necessidade do documento teria consequências nas discussões que seriam travadas após as publicações das primeiras versões do texto - divergências as quais refletiam diferentes concepções de análise do passado em sala de aula e, inclusive, opunham abordagens clássicas a inovadoras focadas no contexto local (Moreno, 2016). Consoante a Silva (2018),

O espaço dos conteúdos no currículo de história é um espaço de disputas e, portanto, historiadores estão disputando-o dentro das relações de poder que existem. A presença ou não de determinadas temáticas, bem como a afirmação pela importância da presença destas, revela que objetivos e percepções formativas distintas estão coexistindo para a efetivação de uma formação escolar.

Nesse sentido, a primeira versão da Base, homologada em 2015, era extremamente disruptiva em relação à disciplina História. Ela punha fim à tradição vigente baseada na temporalidade linear, no modelo quadripartite e na listagem de conteúdos obrigatórios. Dava luz a histórias da América Latina, dos povos indígenas, dos negros e da África. Pensava em análises menos eurocêntricas e em currículos mais locais e que pretendessem a emancipação dos estudantes na dinâmica de aprendizagem. Contudo, por dar menos espaço, no conteúdo programático, à antiguidade clássica e ao medievo, a primeira versão foi fortemente repudiada por associações de intelectuais dessas áreas¹⁸ e o Ministério da Educação decidiu elaborar um novo texto.

Para Pereira e Rodrigues (2018, p. 9),

A segunda versão optou por, justamente, retornar à ênfase na lista de conteúdos, relatando objetivos “clássicos” do ensino de história, deixando de renovar tanto o campo teórico da escrita da história quanto as competências intelectuais - ou, ainda, a própria dimensão cidadã - possíveis de serem exploradas com diversos conteúdos. A opção por essa lista tornou a BNCC muito próxima de uma história sem corpo e sem política, uma vez que estabelece conteúdos considerados “canônicos” e obrigatórios ao conhecimento dos estudantes e das novas gerações. Essa ideia supõe que determinados conteúdos são indispensáveis, mas, ao mesmo tempo, não problemáticos e com pouco ou nenhum sentido em relação ao tempo presente.

Assim, essa edição da BNCC - de 2016 - representou um regresso nas discussões acerca do ensino da história local, assunto central deste capítulo, além de declinar no que se refere às possibilidades de instituição de uma educação mais consciente, engajada e ativista. Em paralelo aos debates de professores e pesquisadores, o MEC

18 Como a Associação Nacional de História (ANPUH), a Associação Brasileira de Estudos Medievais (ABREM) e o Núcleo de Estudos Mediterrâneos (NEMED).

publica, em 2017, a terceira versão da Base, a qual representou a consagração do projeto já aplicado na maioria das escolas do país e com o diferencial de uma roupagem do modo liberal de compreender o conhecimento. Essa visão fica clara quando consideramos a alteração na nomenclatura da estruturação dos currículos, de “objetivos e direitos de aprendizagem e desenvolvimento” para “competências e habilidades”. No entendimento da ANPEd (2017, *on-line*), essa “‘volta’ das competências ignora todo o movimento das Diretrizes Curriculares Nacionais construídas nos últimos anos e a crítica às formas esquemáticas e não processuais de compreender os currículos”.

Em relação à quarta e atual versão, já em fase de imposição às escolas, se restringe a adicionar os componentes curriculares do Ensino Médio¹⁹ ao texto da terceira edição, que só se referia ao Ensino Fundamental. Sendo assim, não apresenta novidades e reafirma um modelo que, na sua essência programática exclui o passado local dos debates. Segundo Pereira e Rodrigues (2018, p. 13), “verifica-se que a aula de história foi cada vez mais esvaziada do seu potencial crítico em relação às identidades dominantes e/ou tradicionais e do seu papel de construção/reconstrução da memória”.

Além desse panorama, a BNCC dá possibilidade para que professores escolham parte dos conteúdos a serem desenvolvidos. 60% da grade escolar seria nacional e os outros 40% poderiam ser definidos pelas redes estaduais e municipais. Cabe questionar quanto tempo de aula sobraria, a partir da última versão da BNCC, para a história da cidade após o estudo dos conteúdos clássicos e de um enfoque no quadro do estado.²⁰ Com isso, percebe-se que, na prática, o passado mais propínquo segue sem espaço. Não obstante, a partir de um quadro de condenação do dever de “crítica” da história, é temeroso que possamos nos fixar a uma posição de “romance” ao passado.

Materiais e métodos

No desenvolvimento do projeto realizaram-se entrevistas com os historiadores Enori José Chiaparini e Ernesto Cassol com perguntas direcionadas aos temas que cada um deles domina. A transcrição de tais entrevistas foi utilizada como material de pesquisa e apoio didático para a concretização das atividades práticas. Além disso, as visões dos especialistas foram compartilhadas com os professores do Colégio

19 Agora, “Novo Ensino Médio”, reformado pela Medida Provisória nº 746, de 2016. A MP representa um duro golpe contra as Ciências Humanas, uma vez que, em meio a um contexto de valorização do ensino técnico voltado ao mercado de trabalho, não obriga as escolas a fornecerem todos os “itinerários formativos”. Com isso, as Humanidades poderiam ter pouco espaço no sistema educacional e serem totalmente excluídas do ensino rural.

20 Fica evidente como a localidade é tratada como “resto” nessa edição do texto - ao contrário da primeira Base, que abria espaço para a compreensão de processos mais próximos da realidade dos discentes e para a descoberta de novas temporalidades, espacialidades, identidades e alteridades.

Estadual Professor Mantovani por meio de recursos multimídia, que também foram adicionados ao acervo da Biblioteca Hipólito Kuntz. Foi realizada uma exposição de fotografias e informações que demonstraram as mudanças pelas quais Erechim passou ao longo do tempo com base nos registros do Arquivo Histórico Municipal Juarez Miguel Illa Font, o que propiciou o envolvimento de estudantes das Séries Iniciais e Finais do Ensino Fundamental, bem como do Ensino Médio. Visitas ao Arquivo Histórico Municipal bem como aos principais locais e monumentos históricos serviram como instrumentos motivacionais e de pesquisa de campo. Ademais, palestras realizadas pelos desenvolvedores do projeto versaram acerca dos desdobramentos da ditadura civil-militar brasileira em Erechim, o que também oportunizou parceria com o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - Campus Erechim. Nesse sentido, a atividade contribuiu, ainda, para a introdução da memória local como ferramenta de debate de questões globais no Ensino Médio. Na implementação dessas práticas, foi fundamental a consulta entre docentes e discentes a fim de averiguar as suas demandas referentes ao conhecimento da própria cidade. Sugeriu-se, ainda, a adoção da necessidade do ensino da história local nas Séries Finais do Ensino Fundamental, o que é corroborado a cada ação deste projeto ao encampar militância pelo estudo do passado de Erechim.

Resultados e discussão

Ao longo de 2019, o projeto “Erechim: Campo Pequeno, Grandes Memórias” se propôs a pesquisar estratégias para a implementação e o desenvolvimento de recursos educacionais que preconizem o estudo da história de Erechim no Colégio Estadual Professor Mantovani. A partir de atividades que enfatizaram o passado local e debates acerca do ensino da memória regional, buscou-se estabelecer mecanismos que possibilitam uma abordagem assertiva da temática nos diferentes níveis de ensino.

Além disso, a experiência contribuiu para uma necessária reflexão no que diz respeito ao ensino de história, ao currículo que compõe a disciplina e ao sentido desse estudo no intuito de despertar o conhecimento dos estudantes por meio da contextualização do âmbito mais propínquo (Cainelli; Santos, 2014) mediante uma análise que problematize o *status quo*. De acordo com Cassol (2019), “trata-se de uma História crítica, no sentido de compreender o porquê das coisas”. Sendo assim, o projeto procurou enaltecer o papel contra-hegemônico das Ciências Humanas de modo a possibilitar outras realidades.

Sob essa perspectiva, apresentaremos a seguir dados quantitativos e qualitativos que ajudam a elucidar a configuração da dinâmica educacional no que tange ao ensino da história. Tais estatísticas demonstram percepções e demandas de discentes e docentes do Colégio Mantovani e despertam para a necessidade de um ensino dialógico que abarque as condições materiais sobre as quais os ascendentes dos educandos viveram para que se assimile que somos frutos de um processo histórico marcado por disputas, intencionalidades, injustiças, invisibilidades, exclusões e marginalizações (Perrot, 1988).

Análise das entrevistas com os estudantes

Foram realizados questionários com os estudantes do Colégio Estadual Professor Mantovani de nono ano (última série do Ensino Fundamental) e de Ensino Médio.²¹ A escolha por essa amostra justifica-se pelo fato de que tais discentes estiveram expostos, no decorrer de sua vida escolar, a inúmeras abordagens referentes ao componente curricular História e, portanto, são testemunhas da forma como a disciplina é proposta.

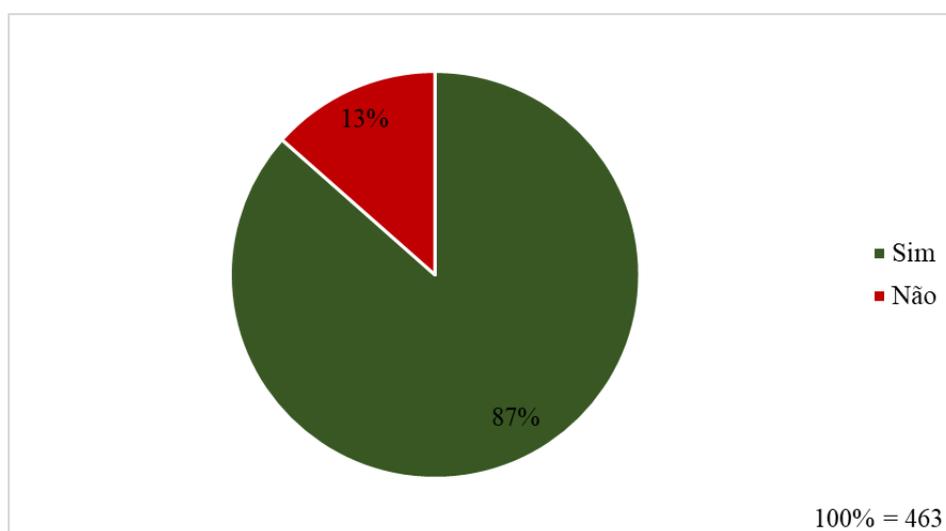


Gráfico 1: Você considera importante estudar a história de Erechim?

Fonte: Elaborado pelo autor, ano

Segundo o gráfico 1, a grande maioria dos estudantes reconhece a importância do estudo da história do município. No entanto, ao serem questionados sobre a oferta

21 Totalizando 463 questionados entre agosto e setembro de 2019.

de acesso a esse conhecimento no Colégio Mantovani, responderam, majoritariamente, que não lembram de situações em que o estudo da história de Erechim tenha sido o tópico central em sala de aula e que desconhecem a memória local, como denota-se na sequência.

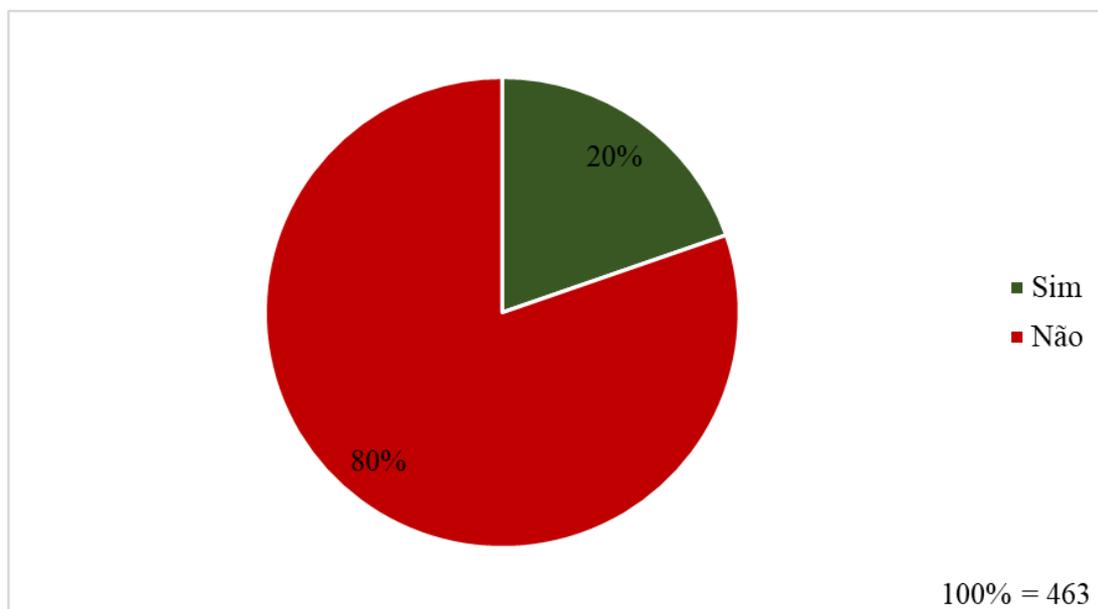


Gráfico 2: Durante o tempo em que você estuda neste Colégio, você lembra de alguma situação em que o estudo da história de Erechim tenha sido o tópico central em sala de aula?

Fonte: Elaborado pelo autor, ano

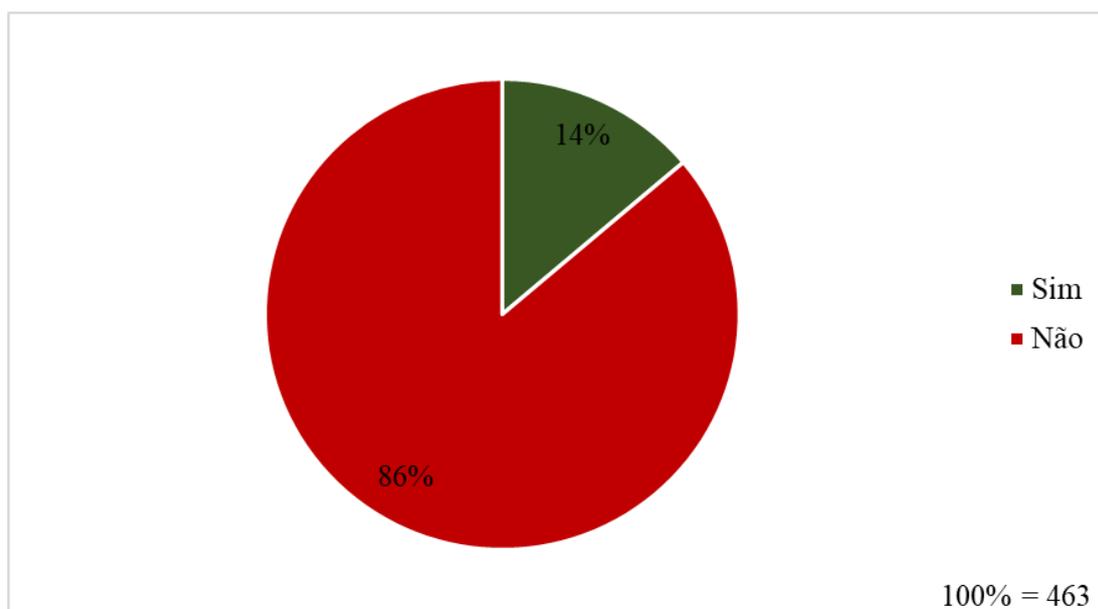


Gráfico 3: Você considera ter conhecimento a respeito da história local?

Fonte: Elaborado pelo autor, ano

Por meio dessas porcentagens, é indubitável inferir que o estudo do passado de Erechim, considerado importante pelo corpo estudantil, não se mostra prática no cotidiano da escola. Essa conjuntura representa uma restrição ao direito dos discentes de conhecer a história a partir de uma perspectiva plural, como garante a Constituição Federal.

Assimilando a disposição dos alunos no que tange ao ensino e à pesquisa da memória que lhes é mais próxima, fez-se necessário questioná-los sobre as suas preferências em relação às formas de se pensar historicamente a cidade de Erechim na dinâmica de aprendizagem. Os dados apontam diferentes possibilidades:

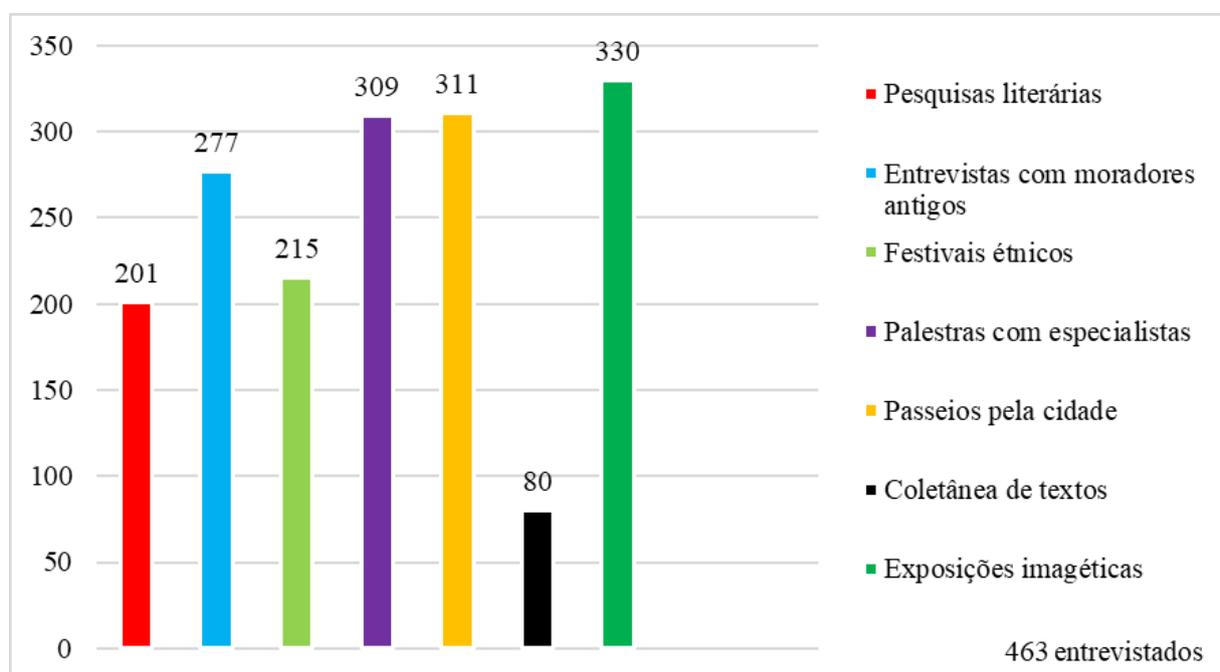


Gráfico 4: Dentre as estratégias didático-pedagógicas elencadas a seguir, quais você considera mais assertivas no desenvolvimento do estudo da história de Erechim?

Fonte: Elaborado pelo autor, ano

As respostas dos estudantes evidenciam que eles estão dispostos a pesquisar, interagir e construir um conhecimento acerca da memória local que os leve a compreender a conexão entre passado, presente e futuro, além de perceberem-se agentes de construção da história. Os resultados apontam, ainda, para preferências por atividades que contemplem exposições imagéticas, passeios, palestras e entrevistas com moradores antigos, o que denota que anseiam por um processo de ensino e aprendizagem dinâmico.

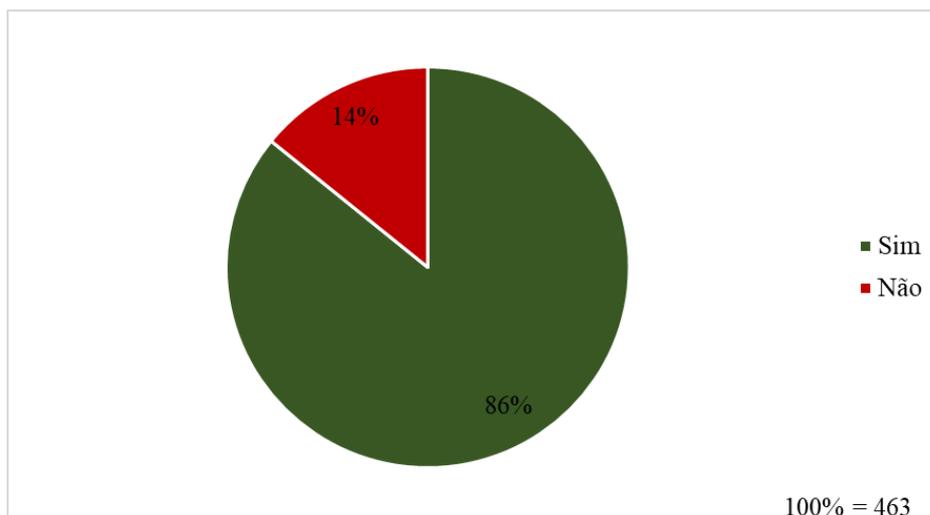


Gráfico 5: Ao adquirir conhecimento sobre a história de Erechim, você transmitiria para as próximas gerações?

Fonte: Elaborado pelo autor, ano

O objetivo do ensino de história se cumpre quando o conhecimento adquirido é repassado através das gerações de modo a envolver família, escola e comunidade. Assim, torna-se possível a criação de uma atmosfera de valorização do patrimônio histórico. Conforme Chiaparini (2019), “todos temos uma responsabilidade, um dever de ofício, dever moral, educacional e ético para contribuir e continuar estudando para que Erechim se torne cada vez melhor”. Nesse sentido, o debate acerca dos processos históricos que se passaram no município, a partir da pluralidade (Caimi, 2016) de fontes e métodos, é ferramenta para aperfeiçoar a realidade e modificar o modo como a sociedade a enxerga.

Análise das entrevistas com professores²² e historiadores²³

A opinião dos professores e historiadores entrevistados é unânime no que diz respeito à relevância da abordagem da História local. 100% dos questionados concordam que a memória regional é mecanismo para a compreensão dos passados do Brasil e geral, que gostariam de desenvolver o senso crítico de seus estudantes em relação à história do município e que tal temática se encaixa nas diversas áreas do conhecimento. Houve apenas discordância em uma questão.

22 O projeto entrevistou todos os dez professores de História do Colégio Estadual Professor Mantovani por meio de questionário impresso.

23 Ao longo de 2017, 2018 e 2019, houve conversas com inúmeros estudiosos da história de Erechim, tais como Enori José Chiaparini e Ernesto Cassol.

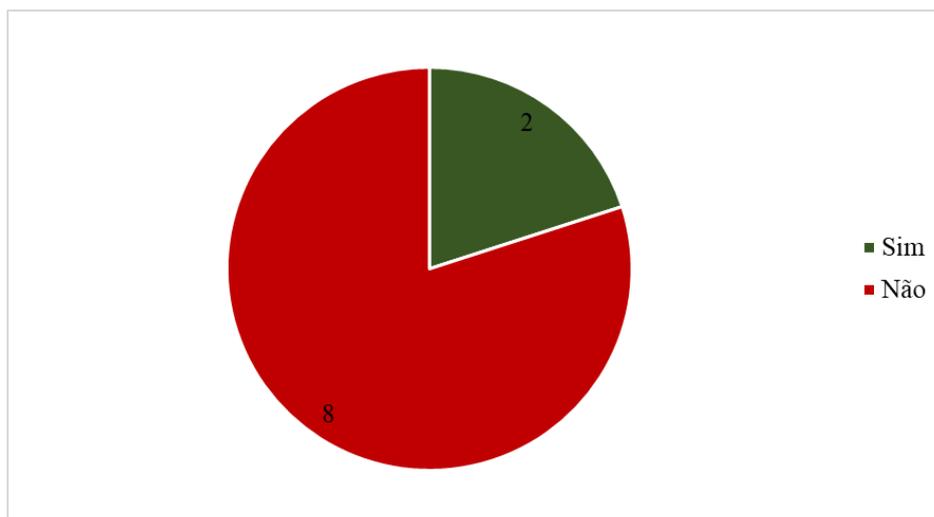


Gráfico 6: Há disponibilidade de materiais didático-pedagógicos que favoreçam um enfoque assertivo no ensino da História de Erechim?

Fonte: Elaborado pelo autor, ano

Apenas 20% dos professores entrevistados consideraram que há disponibilidade de materiais didático-pedagógicos que propiciem a abordagem da história de Erechim na sala de aula. Tendo em vista que a maioria dos docentes sente falta de recursos educacionais que auxiliem a planejar e a ministrar aulas atrativas e instigantes sobre o passado erechinense, o projeto realizou doação de DVDs contendo coletânea de informações, fotografias e *slides* a respeito da memória do município à Biblioteca Hipólito Kuntz do Colégio Estadual Professor Mantovani.



Fotografia 1: “Erechim: Campo Pequeno, Grandes Memórias” doa material didático-pedagógico à Biblioteca Hipólito Kuntz

Fonte: Arquivo do autor, 2019

Segundo Costa Junior²⁴ (2019),

O estudo do passado local permite compreender fatores geográficos (escolha do território), demográficos (transferências populacionais), ambientais (florestas e solo) e políticos (decisão colonizatória). São meios possíveis que convergem para um mesmo fim.

A interdisciplinaridade favorece a conexão entre o estudo de história e outras áreas de conhecimento tendo como ponto de partida o estudo do passado local. Para Pereira da Silva²⁵ (2019),

É importante o estudante perceber as conexões culturais, políticas, econômicas, sociais e de pensamento que a cidade possui com seu entorno e com o mundo. Isso permitirá identificar as escolhas que pessoas daquela época fizeram, construindo, dessa forma, a identidade local atual. A interdisciplinaridade tem o papel de desmistificar que o conhecimento produzido/ensinado na escola é dividido, como é apresentado pelas disciplinas. Propiciar ao estudante a visão de inter-relacionamento dos saberes é importante. Conhecer a história de Erechim não poderia ser diferente, pois é conhecer a história de grupos humanos que criaram os mais variados tipos de saberes, percebíveis na cultura: comida, trabalho, dialeto, hábitos, produção artística, arquitetônica, dentre outros. Sendo assim, as disciplinas podem trabalhar em conjunto.

Conforme Chiaparini (2019), “tendo a consciência é outra sensibilidade e, também, é um comprometimento para a comunidade lutar unida”. Em consonância ao pensamento do historiador especialista no passado erechinense, Costa Junior (2019) afirma:

A história local serve de dois modos: em primeiro, torna possível a formação de um senso de comunidade, algo importante para estabelecer laços de sociabilidade saudáveis entre os cidadãos de Erechim. Em segundo lugar, permite que o passado privado das nossas famílias seja entendido dentro do passado público da humanidade, dos fatos determinantes do século XX e que impactaram decisivamente Erechim.

De acordo com Pavan²⁶ (2019),

A história local é uma forma de aproximar os estudantes da disciplina, pois a partir do estudo e da análise da própria história, da história do lugar em que vivemos e que construímos nas relações, observando o pa-

24 Professor de História e Filosofia no Colégio Estadual Professor Mantovani, mestre e doutorando em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), Cesar Luiz Jerce da Costa Junior foi entrevistado pelo projeto.

25 Professora de História, Filosofia e Sociologia no Colégio Estadual Professor Mantovani e pós-graduada em Educação Integral pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) - Campus Chapecó, Ana Paula Pereira da Silva foi entrevistada pelo projeto.

26 Professora de História e Sociologia no Colégio Estadual Professor Mantovani, licenciada em História e graduanda em Pedagogia, Marilene Pavan foi entrevistada pelo projeto.

pel e a importância de cada um nos processos e acontecimentos é que podemos nos inserir como sujeitos ativos e participativos. A interdisciplinaridade sempre contribui para a amplitude do aprendizado, ainda que trabalhar dessa forma é promover a união escolar em torno do objetivo comum de formação de indivíduos sociais. Quem acredita, repassa e busca, dessa forma, seu conhecimento, com certeza possui um olhar diferenciado sobre si e sobre o meio, tornam-se cidadãos mais críticos e atuantes. Sendo assim, o papel do professor, de qualquer disciplina, é de extrema importância ao proporcionar a seus estudantes o aprendizado do processo histórico. É fundamental estimular a argumentação e a observação da realidade que cada estudante vive na sociedade a fim de formar um cidadão consciente e transformador.

Quanto ao uso de materiais didático-pedagógicos úteis para abordar de maneira efetiva, em sala de aula, o estudo da história de Erechim, Costa Junior (2019) destaca “num primeiro momento, o uso direto de fontes visuais e escritas, a saber: as fotos, que podem ser usadas de modo comparativo, e os jornais locais, que permitem compreender as dinâmicas sociais e culturais do município”. Tal visão vem ao encontro das iniciativas tomadas pelo projeto, que procurou dinamizar o acesso ao estudo da história de Erechim e oportunizar à comunidade escolar do Colégio Mantovani o contato com fontes históricas e informações acerca do passado local.

Ainda para Costa Junior (2019), a atual versão da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) “é um documento deficitário em todos os aspectos e deveria ser completamente repensado, em qualquer nível”. Cieslak²⁷ (2019) pontua que “gostaria que o estudo da história em sala não fosse apenas repasse de conhecimento, mas, sim, troca. Deveria acontecer de forma natural, como duas ou mais pessoas em uma boa conversa”. Em dissonância a essa lógica, a BNCC estabelece uma visão educacional estática que não se adapta à subjetividade dos discentes no processo de ensino/aprendizagem. Ao propor um estudo de orientação técnica que vise ao mercado de trabalho, avilta as possibilidades de análises críticas a respeito do processo histórico, aproxima a disciplina de uma prática de “romance” e, por isso, deve ser alterada na sua totalidade.

Segundo Pereira da Silva (2019), a história local pode ser abordada de forma a contemplar as peculiaridades de cada nível de ensino. Nos primeiros anos das Séries Iniciais, sugere a introdução ao estudo da cidade a partir do aniversário de Erechim, a fim de demonstrar que a cidade também faz aniversário. Ainda nas Séries Iniciais, do segundo ao quinto ano, propõe que seja trabalhada a história local de forma integrada ao estudo dos grupos étnicos da região, sobretudo dos indígenas no dia 19 de

27 Professora de História no Colégio Estadual Professor Mantovani e graduada em História pela Universidade de Passo Fundo (UPF), Geny Salete Menegon Cieslak foi entrevistada pelo projeto.

abril. No sexto ano, pontua a introdução ao estudo da história e das fontes históricas por meio de registros da cidade. No sétimo ano, destaca a possibilidade de trabalhar de forma a relacionar a escravidão no Brasil com essa prática na região e no território que corresponde a Erechim. No oitavo ano, recomenda o ensino da origem, na França, do pensamento positivista e da “tese do branqueamento”, que viriam a ser aplicados na região Alto Uruguai. No nono ano, enfatiza o efeito de causa e consequência entre a Primeira Guerra Mundial, a migração para o Brasil e a colonização de Erechim. No Ensino Médio, indica o estudo do pensamento positivista (Auguste Comte) e do modelo arquitetônico da cidade voltado à organização e ao progresso. Além disso, apregoa que a diversidade cultural deve ser abarcada na dinâmica de ensino da história de Erechim.

Costa Junior (2019) ressalta que “a história do município deve ser trabalhada de forma coordenada com as temáticas contemporâneas do século XX de modo a relacionar a história de Erechim com os movimentos gerais do mundo moderno”. Nessa *práxis*, conforme Cassol (2019), “a variedade de fontes deve ser destacada no processo de ensino” e o ambiente de sala de aula deve ser de honestidade e franqueza.

Sob essa perspectiva, o ensino da história de Erechim deve estar voltado para a emancipação de docentes e discentes através do ensino e da pesquisa como mecanismos de desnaturalizar estruturas e questionar padrões e normas pré-estabelecidos. Com isso, o estudo do passado cumprirá seu dever social de capacitar agentes para o exercício da cidadania e para a transformação da realidade (Nunes; Bianchezzi, 2015). Isso porque, segundo Cassol (2019), a história local “é um critério de avaliar a sociedade de hoje, de ontem e de anteontem e prospectar e construir a de amanhã, o futuro”.

Análise das atividades práticas

Com firme intuito de propiciar momentos de estudo, pesquisa e reflexão sobre o passado erechinense voltado aos diversos níveis de ensino e respeitando suas peculiaridades, o projeto “Erechim: Campo Pequeno, Grandes Memórias” desenvolveu uma série de atividades práticas no sentido de colocar em evidência a necessidade de uma educação voltada para o conhecimento histórico local como ferramenta de edificação da cidadania. Além disso, buscou-se levantar a problemática no que diz respeito à seleção dos recursos mais adequados para a abordagem das memórias locais no campo pedagógico, unindo didática e praticidade.

Aos 24 dias de julho de 2019, realizou-se, no Colégio Estadual Professor Mantovani, a palestra “Repressão e Resistência: a ditadura civil-militar em Erechim” ministrada pelos desenvolvedores do projeto para discentes do nono ano do Ensino Fundamental e aberta à comunidade regional. Na oportunidade pretendeu-se, por intermédio da abordagem e explanação de dados relevantes obtidos por meio de consulta a trabalhos acadêmicos, pesquisa em fontes já consagradas e entrevistas com estudiosos do assunto e pessoas que vivenciaram aquele regime, proporcionar uma reflexão crítica que leve a lembrar e a compreender os fatos ocorridos - para que não se esqueça e para que nunca mais aconteça.



Fotografia 2: “Erechim: Campo Pequeno, Grandes Memórias” promove a palestra “Repressão e Resistência: a ditadura civil-militar em Erechim”

Fonte: Obtida pelo autor, julho de 2019

Posteriormente à palestra, o projeto propôs aos espectadores que respondessem a algumas questões inerentes a seu conhecimento prévio sobre o tema abordado, bem como sua opinião a respeito da importância das informações disponibilizadas. Os resultados obtidos são apresentados a seguir.

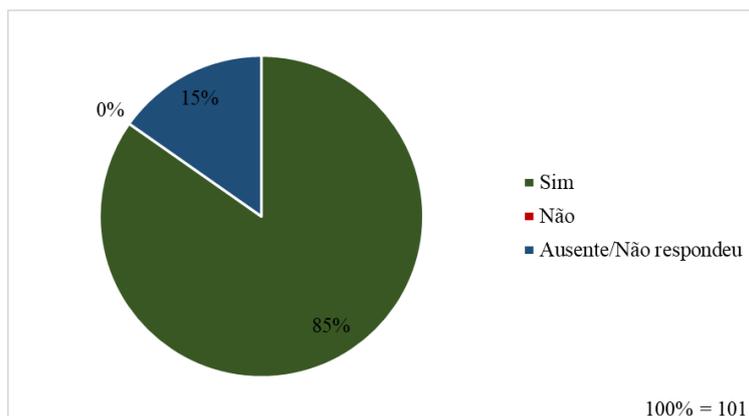


Gráfico 7: Como espectador da palestra "Repressão e Resistência: a ditadura civil-militar em Erechim", você considera relevantes as informações oferecidas?

Fonte: Elaborado pelo autor, ano

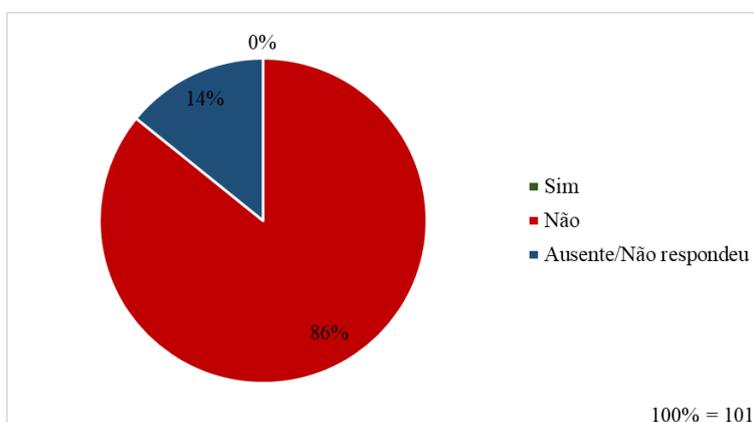


Gráfico 8: Anteriormente à palestra, você já tinha ouvido falar sobre o período da ditadura civil-militar em Erechim?

Fonte: Elaborado pelo autor, ano

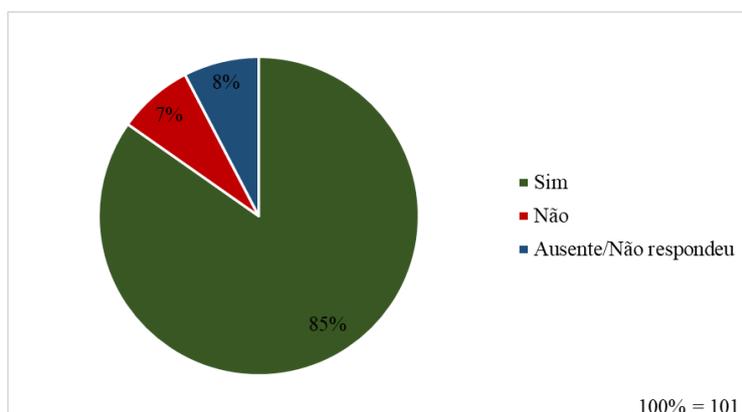


Gráfico 9: A palestra modificou sua forma de ver e compreender a história erechinense?

Fonte: Elaborado pelo autor, ano

A grande maioria dos estudantes declarou considerar relevantes as informações oferecidas na palestra. Em contraponto a isso, afirmaram que nunca tiveram acesso a informações referentes ao período da ditadura civil-militar em Erechim. Essa conjuntura reverbera a extrema relevância do tema proposto pelo projeto no sentido de garantir aos estudantes o direito do aprendizado sobre o passado histórico local. Não obstante, a maior parte dos estudantes declarou que a palestra modificou a sua forma de ver e compreender a história de Erechim, o que demonstra que proposições pedagógicas acerca do passado regional têm caráter transformador.

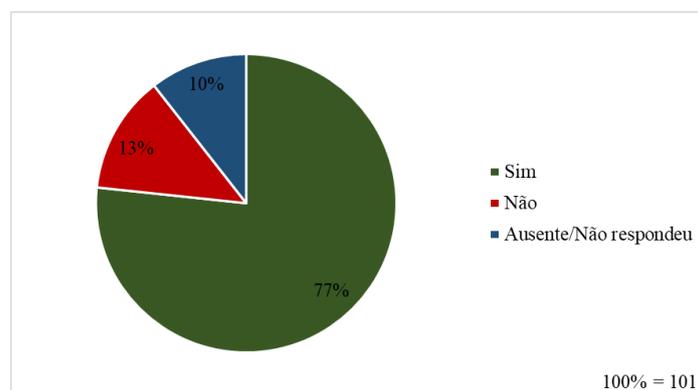


Gráfico 10: Você acha que os fatos ocorridos em Erechim durante a ditadura civil-militar ajudam a explicar o cotidiano da cidade atualmente?

Fonte: Elaborado pelo autor, ano

Majoritariamente, os educandos convergem para concluir que os fatos ocorridos em Erechim durante a ditadura civil-militar ajudam a explicar a atual realidade local. Essa visão evidencia o poder do despertar crítico que o estudo da história pode promover.

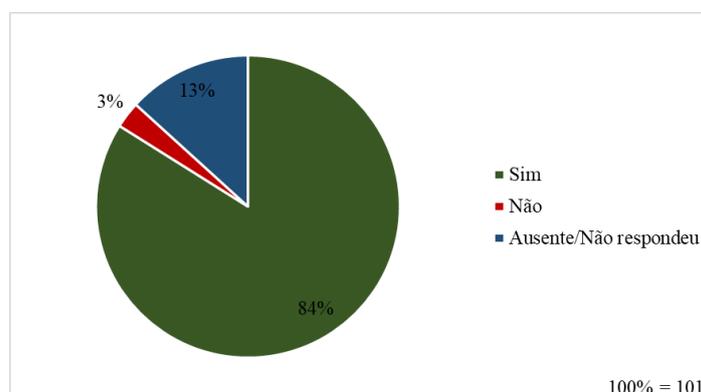


Gráfico 11: Você considera importante disponibilizar essa palestra aos demais estudantes?

Fonte: Elaborado pelo autor, ano

É consenso da maioria dos estudantes que a palestra deve ser disponibilizada para mais pessoas. Nesse sentido, os desenvolvedores do projeto realizaram uma parceria com o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - Campus Erechim por intermédio do projeto de extensão “Construção e divulgação das Ciências Humanas como área do conhecimento no Campus de Erechim em vista da implementação do Ensino Médio Integrado”, coordenado pelo professor Giovane Rodrigues Jardim.²⁸ Essa aliança viabiliza que a palestra seja ministrada em mais oportunidades e para públicos diversos.



Fotografias 3 e 4: “Erechim: Campo Pequeno, Grandes Memórias” realiza parceria com o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFRS) - Campus Erechim
Fonte: IFRS - Campus Erechim, agosto de 2019

28 Docente do IFRS - *Campus* Erechim, é mestre em Ética e Filosofia Política pela Universidade Federal de Pelotas (UFPeI).

Ademais, a palestra “Repressão e Resistência: a ditadura civil-militar em Erechim” também foi disponibilizada para as turmas de Ensino Médio Noturno do Colégio Estadual Professor Mantovani, igualmente aberta à comunidade escolar. Na ocasião, o professor Enori Chiaparini também proporcionou aos ouvintes um passeio por registros fotográficos obtidos ao longo dos 101 anos da cidade e que resgatam a memória local. Em sua fala, abordou aspectos relacionados à colonização e ao desenvolvimento da Capital da Amizade no intuito de publicitar eixos estruturantes para a compreensão e debate da realidade municipal.



Fotografias 5 e 6: “Erechim: Campo Pequeno, Grandes Memórias” fomenta seminário sobre a história de Erechim para o Ensino Médio Noturno

Fonte: Obtidas pelo autor, setembro de 2019

O projeto “Erechim: Campo Pequeno, Grandes Memórias” contemplou, ainda, o Colégio Estadual Professor Mantovani com uma exposição fotográfica intitulada

“Erechim: 101 anos em 101 fotos”. A escolha pela realização dessa atividade se deve à determinação dos desenvolvedores do projeto norteados pelo desejo de atender à solicitação do corpo discente que, em pesquisa prévia, apontou para a preferência por estudar a história local através de recursos imagéticos.



Fotografias 7, 8, 9 e 10: Exposição “Erechim: 101 anos em 101 fotos”
Fonte: Obtidas pelo autor, setembro de 2019

As propostas desenvolvidas pontuaram pela aproximação de discentes e docentes das memórias locais ao propiciar questionamentos a respeito dos aspectos históricos de Erechim inseridos na temática nacional e mundial. Em paralelo a isso, tais dinâmicas tornaram palpável a assimilação de que o entendimento histórico não deve ser visto como algo distante ou isolado, mas sim interligado, haja vista que a vida de cada erechinense é reflexo das decisões de seus ancestrais que aqui chegaram e se estabeleceram.

Conclusão

A pesquisa e as atividades propostas e desenvolvidas pelo projeto “Erechim: Campo Pequeno, Grandes Memórias”, durante os anos de 2017, 2018 e 2019, desencadearam um processo de valorização das memórias locais no meio discente e docente

que se estendeu para a comunidade escolar. A partir do envolvimento dos estudantes com as temáticas relacionadas ao município evidenciou-se que no processo de ensino e aprendizagem da história a contextualização é essencial. Nesse sentido, destaca-se o grande valor pedagógico e social da implementação de práticas educacionais voltadas ao estudo do passado regional, haja vista que o entendimento dos fatos históricos transcorridos em tempos e lugares distantes se materializa com mais facilidade a partir do estabelecimento de relações com a história da nossa terra e da nossa gente.

Conforme Costa Junior (2019),

A ausência de um trabalho metodológico de ensino infelizmente transforma nosso passado municipal em *hobby* para poucos, ou estabelece a má compreensão de que nossa história é, apenas, um repositório de curiosidades onde imperam apenas as “lembranças” dos “mais velhos”.

Desse modo, a relevância das ações postas em prática se justifica por pautar com seriedade o patrimônio histórico-cultural erechinense. O projeto representa um passo importante em relação a desconstruir a ideia de que estudar o passado do município se restringe a observar monumentos e ouvir recordações dos avós. Essa lógica ultrapassada se afasta do sentido de pensar historicamente, ato de reflexão e análise das condições do passado com vistas à transformação da realidade. O exemplo de pesquisa e análise que nos propusemos a desenvolver são indicadores do caminho a ser trilhado no intuito de inspirar os estudantes a buscarem informações e a construir sua própria concepção crítica dos fatos.

A versão mais recente da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a reforma do Ensino Médio não oferecem nenhum panorama promissor no que tange a garantir espaço para a abordagem da história municipal. No documento, fica evidente que a espacialidade mais próxima à prática educacional é considerada menos importante em comparação a conteúdos tidos como canônicos. Além disso, percebe-se que não há qualquer espécie de plano ou programa de fomento à pesquisa do eixo temático. O quadro é ainda mais preocupante diante da conjuntura de valorização de um ensino técnico que vise a gerar lucro imediato dentro do estado vigente. Se as Ciências Humanas, devido ao seu caráter reflexivo, tendem justamente a propiciar alterações na estrutura da sociedade, que espaço terão nessa nova era?

Sob essa perspectiva, torna-se ainda mais pertinente a temática que “Erechim: Campo Pequeno, Grandes Memórias” propõe ao enaltecer o parâmetro norteador das Humanidades, que se baseia na formação de indivíduos conscientes, críticos, opinativos, participativos e transformadores. Faz-se necessário conhecer para questionar

e levantar hipóteses para compreender o passado. É preciso, portanto, consolidar os aspectos abordados e disseminar o apreço pela história de Erechim entre a comunidade escolar e a sociedade municipal.

Em 2019, a maioria dos alunos entrevistados afirmou nunca ter estudado sobre a história local, entretanto, o projeto oportunizou mecanismos para esse estudo, plantando, assim, uma semente para o futuro, a qual precisa ser regada e cultivada através da continuidade e manutenção do estímulo a assuntos relacionados à história do município por meio de políticas escolares e públicas que propiciem o debate e a pesquisa como ferramentas de conhecimento e transmissão do passado erechinense visando à sua valorização e à educação de indivíduos que sejam transformadores sociais. Essa dinâmica corrobora o progresso do estágio de “romance” ao de “crítica” no ensino e na aprendizagem da memória local.

Se educação não é mercadoria, a nossa luta pelo ensino da história de Erechim é todo dia.

Referências

ALVES, Luís Alberto Marques. **A História local como estratégia para o ensino da História**. 2014. 72 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ensino de História e Geografia, Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2014. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/8786>. Acesso em: 10 mar. 2019.

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. **Nota da ANPEd sobre a entrega da terceira versão da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) ao Conselho Nacional de Educação (CNE)**. 2017. Disponível em: <https://www.anped.org.br/news/nota-da-anped-sobre-entrega-da-terceira-versao-da-base-nacional-comum-curricular-bncc-ao>. Acesso em: 02 ago. 2019.

BENITES, Fernando Bruno Antonelli Molina. Plutarquizando e aprendendo com a história dos antigos: os (jovens) alunos do ensino médio e o relato da superficialidade dos debates nas salas de aula contemporâneas - poderiam os clássicos nos ajudar? **Eventos Pedagógicos**, Cuiabá, v. 9, n. 1, p. 483-505, jan. 2018. Semestral. Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/3032/2253>. Acesso em: abr. 2019.

BRASIL, Ministério da Educação. (2015). **Base Nacional Comum Curricular**: Primeira versão.

BRASIL, Ministério da Educação. (2016). **Base Nacional Comum Curricular**: Segunda versão.

BRASIL, Ministério da Educação. (2017). **Base Nacional Comum Curricular**: Terceira versão.

BRASIL, Ministério da Educação. (2018). **Base Nacional Comum Curricular**: Quarta versão.

BRASIL. **MP 746, de 22 de setembro de 2016**. Brasília, set. 2016.

CAIMI, Flávia Eloisa. A História na Base Nacional Comum Curricular: pluralismo de ideias ou guerra de narrativas? **Revista do Lhiste**, Porto Alegre, v. 3, n. 4, p. 86-92, jan. 2016. Semestral. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/revistadolhiste/article/download/65515/39462>. Acesso em: 08 set. 2019.

CAINELLI, Marlene; SANTOS, Flávio Batista dos. O Ensino de História Local na Formação da Consciência Histórica: um Estudo com alunos do Ensino Fundamental. **Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional**, Curitiba, v. 9, p. 158-174, jan. 2014. Quadrimestral. Disponível em: <https://seer.utp.br/index.php/a/article/view/384>. Acesso em: 15 ago. 2019.

CASSOL, Ernesto. **Ernesto Cassol**: entrevista [jun. 2019]. Entrevistadores: Daniele Vichnowski; Guilherme José Schons; Maria Eduarda Heerdts e Marina Letícia Zamadei. Erechim, 2019. 2 arquivos .mp4 (2 h.). Entrevista concedida ao projeto Erechim: Campo Pequeno, Grandes Memórias.

CHIAPARINI, Enori José *et al.* **Erechim**: Retratos do Passado, Memórias no Presente. Erechim, RS: Graffoluz, 2012. 308 p.

CHIAPARINI, Enori José. **Enori José Chiaparini**: entrevista [abr. 2019]. Entrevistadores: Daniele Vichnowski; Guilherme José Schons; Maria Eduarda Heerdts e Marina Letícia Zamadei. Erechim, 2019. 1 arquivo .mp4 (1 h.). Entrevista concedida ao projeto Erechim: Campo Pequeno, Grandes Memórias.

DAMAZIO, Rosiane Marli Antonio. A história local como objeto de ensino nos anos iniciais: o caso brasileiro. In: Congresso Nacional de Educação, 12, 2015, Curitiba. **Anais eletrônicos**. Curitiba: PUCPR, 2015. v. 1, p. 4247-4262. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/19955_11486.pdf. Acesso em: 08 jun. 2019.

FIORAVANTE, Antonia Cristina Rocha. A problemática da normatização da disciplina de história regional no Brasil. In: III Jornada Brasileira de Educação e Linguagem, III Encontro dos Programas de Mestrado Profissionais em Educação e Letras e XII Jornada de Educação de Mato Grosso do Sul, 2018, Campo Grande. **Anais eletrônicos**. Campo Grande: UEMS, 2018. v. 1. Disponível em: <https://anaisonline.uems.br/index.php/jornadaeducacao/article/download/4884/4910/index.php/jornadaeducacao/article/download/4884/4910>. Acesso em: 06 ago. 2019.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

MORENO, Jean Carlos. História na Base Nacional Comum Curricular: déjà vu e novos dilemas no século XXI. **História & Ensino**, Londrina, v. 22, n. 1, p. 07-27, 4 ago. 2016. Semestral. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/26158>. Acesso em: 07 ago. 2019.

NASCIMENTO JÚNIOR, Manoel Caetano do. História local e o ensino de história: das reflexões conceituais às práticas pedagógicas. In: encontro estadual de história, 8., 2016, Feira de Santana. **Anais eletrônicos**. Feira de Santana: ANPUH-BA, 2016. Disponível em: http://snh2011.anpuh.org/resources/anais/49/1477852456_ARQUIVO_Trabalhocompleto.pdf. Acesso em: 16 ago. 2019.

NUNES, Ironilda Viana; BIANCHEZZI, Clarice. O ensino de história local: desafios e superação em uma experiência na escola pública. In: Fórum Internacional de Pedagogia, 7., 2015, Parintins. **Anais eletrônicos**. Campina Grande: Realize Editora, 2015. v. 1, p. 01-12. Disponível em: http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/TRABALHO_EV050_MD1_SA1_ID679_12102015224754.pdf. Acesso em: 14 ago. 2019.

PEREIRA, Nilton Mullet; RODRIGUES, Mara Cristina de Matos. BNCC e o Passado Prático: Temporalidades e Produção de Identidades no Ensino de História. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, v. 26, 03 set. 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/187986>. Acesso em: 02 ago. 2019.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. São Paulo: Paz e Terra, 332 p., 1988.

SAVIANI, Dermeval. **Sentido da Pedagogia e papel do pedagogo**. Revista ANDE, nº 09, 1985.

SILVA, Matheus Oliveira da. BNCC e o componente curricular História: como pensaram os seus críticos? **Boletim Historiar**, Aracaju, p.85-106, abr. 2018. Trimestral. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/historiar/article/download/9551/7410>. Acesso em: 07 ago. 2019.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von. Imagem e memória. In: SAMAIN, Etienne. **O fotográfico**. São Paulo: Hucitec, 1998.

TRAJETÓRIA DE VIDA ATÉ A UNIVERSIDADE: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO E O PROTAGONISMO DO PET NA MINHA VIVÊNCIA ACADÊMICA

Helena Kanieski Cariolato²⁹

Por motivos de força maior, usualmente oferta de empregos ou ocupação de cargos concursados por parte dos meus pais (mãe, pai e padrasto), fui criada em muitos espaços que compõem a esfera geográfica do Brasil, especialmente do Rio Grande do Sul. A constante de mudanças - de cidade, escola, círculo de convivência, vida - é um fator altamente influente na pessoa que sou hoje e que me fez chegar até aqui onde estou, na Universidade Federal da Fronteira Sul, aprovada para cursar a segunda fase do curso de licenciatura em História e voluntária em um Programa de Educação Tutorial, que faz meus olhos brilharem de alegria e orgulho sempre que penso sobre: uma pessoa extremamente feliz e realizada; mas nem sempre foi assim.

Meu nome é Helena Kanieski Cariolato, sou filha da comunicadora Maria Angélica Kanieski, do instrutor de danças tradicionais gaúchas Giovani Fontoura Cariolato e do advogado Lucas Dias Machado. Além das figuras primárias (mãe e pai) que uma criança tradicionalmente tem, também fui criada por avós muito presentes: a dona Cacilda, professora de Português e fiel ao batom vermelho e pelas lutas de direitos dos trabalhadores, a professora de Português Celina, o eletricitista e músico José (seu Zé) e o carpinteiro Antônio Carlos (seu Carlinhos). Nasci e fui criada até os seis anos de idade em uma cidade universitária, especialmente dedicada a receber pessoas do país inteiro no ingresso da federal, Santa Maria - RS. Cidade grande, mas instável, pois precisou crescer muito rápido, lar temporário (às vezes nem tão temporário assim) de diversos jovens em busca de uma formação superior e, de vez em quando, dos filhos deles. Esse é meu caso.

29 Acadêmica do curso de licenciatura em História da UFFS. Voluntária no grupo PET Práxis - Conexões de Saberes/Licenciaturas. E-mail: helenacariolato@estudante.uffs.edu.br.

Minha mãe engravidou durante a faculdade, aos dezenove anos. Por motivos de falta de acesso e dificuldade financeira, minha família sempre apoiou intensamente os estudos, o ensino e as formações acadêmicas, portanto, desistir da formação nunca foi opção - muito pelo contrário, nesse caso, a solução foi me inserir ainda mais nesse contexto lindo e vasto: o prestígio e valorização do espaço estudantil e da importância dos estudos.

Desde bebê, até criança de colo, eu frequentava aulas do curso de Relações Públicas da Universidade Federal de Santa Maria com minha mãe, durante os períodos em que eu não passava com minhas avós em sala de aula (nesse caso, enquanto elas regiam a aula), ou com meu pai nos ensaios de dança, ouvindo e observando técnicas de ensino e aprendizados manuais, físicos, que demandavam o corpo dos alunos. Os empecilhos para contratar alguma cuidadora que ficasse comigo em casa eram muitos, principalmente financeiros, então fui educada e cuidada dentro desses espaços de educação, que eram a realidade das pessoas ao meu redor.

Meu primeiro contato como estudante foi curto, em Santa Maria, pois logo veio a primeira mudança. Éramos três: dois pais jovens e uma criança em busca de uma vida melhor. Foi no Mato Grosso do Sul, na cidade de São Gabriel do Oeste, que aprendi a ler, escrever, pintar os desenhos dentro da linha, calcular usando o mais e o menos e vivenciar o sistema público de educação brasileiro (que eu vivenciaria até o fim da formação básica e do segundo grau). Três anos se passaram e os caminhões de mudança foram contratados pela segunda vez, de volta a Santa Maria, enquanto eu já estava aprovada para cursar o terceiro ano do ensino fundamental. Fiz amigos especiais, desenvolvi apreço por esportes e no sétimo ano, pouco antes da terceira mudança, iniciei meu objetivo mais perdurável e especial, que era o sonho de cursar História (digo "era", no passado, pois já sinto ele realizado, mesmo no início).

A terceira mudança foi especial, pois agora não tínhamos mais meu pai. A vida aconteceu e, da forma como ela faz, levou ele a outros caminhos durante o curso do meu quarto ano na escola. Dessa vez, meu padrasto nos levou embora de Santa Maria, para a cidade de Cerro Grande, no interior do Rio Grande do Sul, e permanecemos lá por mais três anos. Desenvolvi uma característica de leitora assídua, pois, recentemente, havia descoberto meu amor por história, tive meus primeiros envolvimento com as questões político-estudantis da escola ao me candidatar para presidente da turma e compor chapas do grêmio estudantil, fui voluntária em projetos e me descobri estudante e pertencente à sala de aula até a aprovação para o ensino médio. No início do meu primeiro ano no ensino médio, fomos para a cidade de Frederico Wes-

tphalen, há alguns quilômetros da estadia anterior. Ali, naquela cidade e com outros colegas ao redor, decidi uma mudança de rotas.

Sem perceber a autossabotagem e os grandes índices de influência externa, me convenci de que deveria ser jornalista. A inserção dessa idealização de um futuro que não me servia refletiu em muitas coisas que eu não poderia prever e mesmo assim eu insisti. Após os dois primeiros trimestres do primeiro ano fomos para Liberato Salzano - RS; ali, fui aprovada para o segundo ano do ensino médio e concluí os dois primeiros trimestres da formação, até nos mudarmos para Erechim, cidade que permanecemos até hoje e que é cenário de realizações e descobrimentos para minha família. Foi em Erechim que me formei na escola e vivi dois anos de insistência vazia em um curso que eu não queria fazer. Fiz cursinho pré-vestibular durante os anos de 2020, 2021 e 2022, na ilusão de querer passar em jornalismo e idealizar uma profissão que não me cabia. Esforcei-me, passei em outras universidades e não ingressei em nenhuma. Por todo meu contexto de vida e ambientação no ensino e nas vivências acadêmicas o sonho de frequentar uma universidade nunca passou, mas se potencializou, nessas circunstâncias. Até eu redescobrir antigas paixões, que aprendi lá em Santa Maria e que foram diluídas por uma turbulência de mudanças, novas informações e conhecimento, já era 2023 - ano que ingressei na UFFS.

Descobri a UFFS pelo meu extremo interesse no ensino superior. Como forma de idealizar minha trajetória acadêmica, eu mantinha o hábito de conhecer as instituições que existiam por perto, independentemente de onde eu estava. Uma universidade federal na cidade em que eu moro, sem a necessidade de mais uma mudança de casa, círculo social e vida, oferecendo o curso que cultivei internamente como propósito enquanto criança e um ambiente de grandes possibilidades de pesquisa e ciência é quase como um peteleco do universo para me ajudar a retornar à minha realidade e reencontrar minha história, entender o itinerário da viagem até aqui. Assim que finalizei minha inscrição no processo seletivo eu já estava decidida de que, se passasse, seria esse o futuro que eu almejava para mim - e assim aconteceu. Fui aprovada para o curso de história em segundo lugar pelo processo seletivo e fiz minha matrícula assim que o edital foi lançado, ansiosa para viver o que eu tanto observei por muito tempo. A Universidade Federal da Fronteira Sul é, para mim, a realização de um sonho.

Desde a primeira semana de aula eu me encontro em todas as nuances que a licenciatura e a vida acadêmica me oferecem, busco por toda e qualquer oportunidade de extensão e pesquisa que englobem minhas competências e que dialoguem com a área de humanas, e foi assim que encontrei o PET Práxis - Licenciaturas. Pela

convivência contínua com acadêmicos dentro de casa eu já havia tido contato com o Programa de Educação Tutorial, sabia de sua magnitude e *status* de importância no país, e minha intenção de fazer parte de um grupo tão especial e importante, que preza pelo crescimento pessoal de cada um dos integrantes, era tão grande que nem cogitei tentar uma vaga de bolsa remunerada: competir com mais pessoas significava ter a chance de eu não entrar, e essa não era uma opção.

Sou integrante voluntária do grupo PET licenciaturas da UFFS há 4 meses, desde meu primeiro semestre na faculdade, e não me vejo em uma posição de que poderia ter tomado uma decisão melhor que essa. É pela análise do meu passado e dos momentos pelos quais passei até alcançar meus objetivos que eu exalto e aprecio a importância do programa na minha jornada universitária, ainda tão pequena e nova. A cada leitura, síntese de capítulo, discussões temáticas, pesquisa de campo, projeto com convidados (como o Travessias e o Elos Híbridos) e ações mais práticas na cidade com o PETCom, eu aprecio a oportunidade de poder estar em um ambiente tão generoso, divertido e relevante de enriquecimento acadêmico e pessoal. Viver o PET é ter certeza de que é possível seguir a graduação da forma como eu desejo, aproveitando ao máximo a estrutura que faculdade oferece com competência e responsabilidade, engrandecendo minhas experiências e bagagem de conhecimento a cada encontro, reunião ou grupo de estudos. Para mim, hoje, estar na UFFS é ser petiana e fazer parte do PET é uma honra, desde a convivência com pessoas a quem admiro muito e professores excelentes, até ao prazer de entrar em sala de aula e poder absorver de forma mais eficaz a graduação, com mais fome de saber.

Diante de uma reflexão mais ponderada sobre minhas colocações nessa carta, seria injusto eu não afirmar que o Programa de Educação Tutorial é o protagonista da minha experiência na graduação até agora, como uma concretização de um propósito há muito não revisitado. Ter como objeto de pesquisa a educação popular em um Brasil atual tão injustiçado é pesquisar sobre os pilares essenciais do princípio da mudança positiva na sociedade, e ter um papel, por mais que pequeno, nisso, é especial e importante. É isso que o PET me proporciona: sentimentos de carinho, gratidão e zelo.

REFLEXÕES SOBRE A IMPORTÂNCIA DO PET NA FORMAÇÃO DO FUTURO DOCENTE

João Paulo Noara³⁰

Meu nome é João Paulo Noara e sou estudante da turma de Filosofia de 2019, na qual os colegas atuais estão prestes a concluir seus estudos. Entretanto, diferentemente deles, vi-me obrigado a interromper minha trajetória acadêmica por um período prolongado, constatado entre 2020, marcado pelo início da pandemia, e metade de 2021, quando as atividades letivas foram retomadas remotamente. Essa pausa foi motivada pela minha necessidade de entrar no mercado de trabalho e prestar auxílio à minha mãe, que enfrentava um processo de divórcio.

A minha trajetória acadêmica teve início no final de 2018, quando concluí o ensino médio aos 17 anos de idade. Nesse momento, preparado com a nota de corte, tomei a decisão de ingressar no curso de Filosofia, uma área que me fascinava especialmente, embora sem pleno conhecimento das descobertas que ela me reservaria. Sempre nutri interesse pelas orientações e conhecimentos relacionados ao cosmos, bem como pelas expressões artísticas que enaltecem o sentimento humano finito em meio à grandiosidade do universo.

Contudo, naquela ocasião, eu não compreendia plenamente que o curso de Filosofia constituiria o fundamento de todas as demais ciências subsequentes. Ao contrário das disciplinas práticas e direcionadas, como a Lógica e a Matemática, cujas aplicações têm fins específicos, a Filosofia adota uma abordagem diferenciada. Indagada sobre o propósito da Lógica ou da Matemática, a resposta usual seria a sua utilidade para lidar com números e solucionar problemas práticos. Em contraste, quando questionada sobre o propósito da Filosofia, a resposta comum, sem hesitação, é que ela “não serve para nada”, caracterizando-a como um conhecimento intrínseco, desprovido de utilidade instrumental. Dessa forma, a Filosofia é contemplada como um fim em si mesma, constituindo-se como o conhecimento pelo conhecimento, desvincu-

30 Acadêmico do curso de licenciatura em Filosofia da UFFS. Bolsista do grupo PET Práxis - Conexões de Saberes/Licenciaturas. E-mail: joao.noara@estudante.uffs.edu.br.

lado de um suporte ou meio para atingir objetivos predefinidos. Conseqüentemente, ela é considerada a matriz primordial e o princípio orientador de todas as ciências, centrando-se em analisar a estrutura da realidade e explorar o sentido existencial.

Nesse contexto, a Filosofia engrandece o próprio observador, intrinsecamente valorizando-se, ao contrário das demais ciências particulares, que são mero instrumentos utilizados como meio ou ferramenta para alcançar um resultado específico, mas que não se destinam à contemplação do ser em si mesmo.

Ao longo do ano de 2019 pude gradativamente identificar e reafirmar minha inclinação profissional, mesmo diante dos desafios que o ano subsequente, 2020, apresentou. Minha busca pelo conhecimento sempre foi uma prioridade, ainda que, em 2018, não dispusesse da orientação adequada nesse sentido. Naquela época, não fui influenciado por terceiros; ao contrário, meu contexto familiar estabeleceu como padrão a busca por um emprego formal.

Criado na cidade de Erechim, não tive contato prévio com o conceito de universidade até o evento denominado “**Quero Entrar na UFFS**”. Nessa ocasião, fui levado pela primeira vez ao campus por dois professores do ensino médio. Durante essa visita, um dos blocos visitados abrigava o curso de Filosofia. Embora o evento não contasse com representantes do curso mencionado, a experiência despertou em mim uma profunda simpatia pelo ambiente acadêmico e seu compromisso com o conhecimento e a cultura.

A despeito da ausência de uma apresentação específica do curso de Filosofia na ocasião, já havia firmado minha inspiração de que, se me fosse oportunizada, ingressaria na universidade que acabaria de conhecer, motivada pelo valor atribuído ao conhecimento e à cultura que ali se manifestavam.

A respeito da experiência vivenciada no curso de Filosofia, posso afirmar que ela se revelou extremamente enriquecedora, abarcando tanto a esfera educacional quanto o âmbito cultural. O ano de 2019, em particular, marcou uma transição significativa na minha visão de mundo, a qual estava, até então, pautada em concepções herdadas. Esse período foi marcado pelo reconhecimento da possibilidade de construir uma nova perspectiva de mundo fundamentada no conhecimento.

A diversidade cultural proporcionada pelo ambiente acadêmico, por meio de atividades como semanas acadêmicas, palestras e assembleias, reforçou de maneira contundente o meu desejo de ampliar meus horizontes e enriquecer minha bagagem intelectual. Essa sensação de diversidade e busca pelo conhecimento, que já havia experimentado ao visitar a universidade pela primeira vez em 2018, enquanto ainda estava no ensino médio, foi potencializada de forma notável durante o ano de 2019.

Essa experiência no curso de Filosofia contribuiu significativamente para minha formação educacional, bem como para a construção de uma nova perspectiva de mundo embasada no conhecimento e na admiração das diversas manifestações culturais que permeiam o ambiente acadêmico.

Em 2019 tive a oportunidade de vivenciar experiências junto ao público no contexto da disciplina “Prática de Ensino em Filosofia 1: Currículo no Ensino Médio”. Nesse cenário, foi possibilitada a análise e observação do desenvolvimento de uma sala de aula, permitindo-me adquirir conhecimentos práticos sobre o ensino da Filosofia. É válido ressaltar que, infelizmente, minha participação em atividades extra campus foi restrita devido à ocorrência da pandemia em 2020.

Destaca-se, portanto, que minhas principais vivências com o público ocorreram em 2019, no âmbito da prática de ensino em Filosofia, em consonância com o currículo do ensino médio. Por outro lado, as restrições impostas pela pandemia no ano seguinte limitaram minha participação em outras atividades extra campus.

Durante o período da pandemia em 2020, as atividades acadêmicas foram suspensas e não havia perspectiva clara de retorno. Diante dessa situação, senti-me compelido a buscar trabalho, uma vez que me percebia inerte e tinha o desejo de auxiliar minha mãe, que estava passando por um divórcio. Assim, em meio ao contínuo contexto pandêmico, em 2021, ingressei em uma ocupação profissional.

No mesmo ano em que comecei a trabalhar, as aulas foram retomadas de forma remota. No entanto, enfrentei dificuldades de adaptação em decorrência das circunstâncias que afetariam meu ambiente de trabalho e do cenário pandêmico vigente. Em virtude desses desafios, optei por trancar algumas matérias naquela ocasião e assistir às aulas conforme minha disponibilidade de tempo permitia.

Apenas retomei meus estudos com dedicação quando as aulas retornaram ao formato presencial em 2022. Nesse momento, constatei que estava distante da universidade e pouco conectado com as áreas específicas de meu curso, as quais poderiam ser exercidas profissionalmente. Todavia, ainda me encontrava vinculado ao ambiente de trabalho onde atuava.

Diante das possibilidades de obter bolsas na universidade, tais como a Residência Pedagógica e o Programa de Educação Tutorial (PET), optei por me inscrever na Residência Pedagógica. Posteriormente, quando me desvinculei do mercado de trabalho, surgiu a oportunidade de ingressar no PET. A decisão de me candidatar a esses programas foi embasada no conhecimento que obtive a respeito do PET por meio de

amigos e pela percepção da excelência que o programa proporciona. Além disso, sinto-me capaz e motivado a dedicar-me plenamente à universidade.

Minha experiência no mercado de trabalho, notadamente na indústria, especificamente no chão de fábrica, revelou lacunas significativas na oferta de um ambiente educacional incentivado para fomentar novas perspectivas de compreensão do mundo. Durante esse período, constatei a falta de valorização do conhecimento e a subestimação implícita de certas abordagens da vida, uma vez que experimentei, de forma pessoal, as opressões que permeiam o cotidiano de todos os trabalhadores, muitas vezes sem que estes percebam tais dinâmicas.

Diante dessas reflexões, sinto-me impulsionado a dedicar-me ao ambiente acadêmico e ao programa PET, pois reconheço que a universidade oferece um espaço inspirador para criar perspectivas de compreensão do mundo, elevar o conhecimento e contribuir para a formação integral dos indivíduos. Assim, percebo que esse caminho representa uma oportunidade valiosa para desenvolver-me academicamente e para promover transformações positivas na sociedade por meio do ensino, da pesquisa e da disseminação do conhecimento.

O motivo que me levou a ingressar no Programa de Educação Tutorial (PET) decorre de uma experiência significativa no mercado de trabalho, que ocorreu paralelamente ao distanciamento da vivência acadêmica. Essa vivência me permitiu reconhecer o valor inestimável do conhecimento e a necessidade de me encontrar em um ambiente que priorize a educação e proporcione a compreensão do mundo em suas diversas complexidades, explorando perspectivas e processos que não eram devidamente considerados ou explorados no contexto laboral.

Ao pesquisar sobre a educação popular e as atividades realizadas pelo PET, despertou-se em mim a curiosidade e o interesse em fazer parte desse programa, que se configura como uma oportunidade singular de aprimoramento como futuro docente. Coloco-me à disposição para contribuir com o programa, almejando potencializar meu desejo de formação acadêmica e conhecimento que, em certo momento, encontrei obscurecido pela alienação oriunda do trabalho.

Reconheço a importância do PET em minha formação, pois ele proporciona a possibilidade de construir novas visões de mundo, promover o debate de ideias junto aos diversos colegas integrantes do programa e estar aberto a iniciar essa nova jornada no contexto de um coletivo tão relevante para a universidade. Acredito que o PET seja um espaço propício para o meu desenvolvimento acadêmico e pessoal, bem como uma oportunidade de unir-me com iniciativas que fortalecem o ensino, a pesquisa e a disseminação do conhecimento no âmbito da educação.

INGRESSANDO NO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL

Natan Pinheiro Urban³¹

Natan Pinheiro Urban, vinte anos de idade, nasci na cidade de Erechim, Rio Grande do Sul, onde resido, no bairro Aldo Arioli, estudante de escola pública, na qual conclui meus estudos no ano passado (2022) na Escola Estadual de Educação Básica Dr. Sidney Guerra. Nessa escola dei iniciativa a um projeto relacionado ao Grafite onde eu e minha turma do terceiro ano do ensino médio grafitamos uma parte da escola no final do ano letivo. Sou estudante do curso de História-Licenciatura na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) e estou na segunda fase; já participei de alguns projetos acadêmicos antes mesmo de ter entrado na universidade, como a segunda edição do projeto Ser Afro do coletivo Beatriz Nascimento; o PED Arte UFFS, organizado pelo curso de Pedagogia, e uma aula de campo sobre Geografia Cultural do professor Everton Kozenieski e seus alunos do curso de Geografia.

Meu planejamento, ao ingressar como bolsista no PET, foi adquirir mais experiência em docência dentro das escolas e dentro também das salas de aula, trabalhar com a juventude nas escolas e aprender com ela, desenvolver também futuros projetos tanto pessoais quanto acadêmicos para melhor experiência e formação no curso em que faço parte, também para exercer, desde cedo, o papel de um educador na área em que estou cursando e levar informação para os alunos, mostrar o quanto ela pode ser acessível de maneira fácil para pessoas como eu e como eles. Um exemplo disso é a própria UFFS, que nem todos os jovens têm conhecimento de que é uma universidade pública e cem por cento gratuita e perto da nossa cidade.

Eu nasci em Erechim, mas, sempre saía e voltava da cidade, então, isso me possibilitou estudar em várias escolas do contexto urbano, seja uma capital ou uma pequena cidade do interior, mas as minhas ideias sempre foram atraídas pelos ideais das ruas, pois eu levo a rua como uma escola também, em outras palavras, meu intuito foi apresentar essa diversidade de uma maneira saudável que foi, também, a maneira

31 Acadêmico do curso de História-Licenciatura na Universidade Federal da Fronteira (UFFS) - Campus Erechim. Bolsista do Grupo PET Práxis Conexões de Saberes/Licenciaturas. E-mail: urb4n022@gmail.com.

que eu aprendi. Um exemplo disso é o movimento *hip-hop* que eu participo aqui na cidade e que sempre apresenta aos jovens uma válvula de escape por meio da arte, mas, não deixando de incentivar o estudo, até por que esse é o maior ato de protesto que nós podemos ter perante o sistema, então, a minha vontade foi de agregar esse conhecimento juntamente com o PET e a universidade federal, meu objetivo sempre será me tornar uma ponte ou um eixo para novas informações, e também aprender novas teorias e delas iniciar a parte prática.

Tentei deixar claro, na carta de intenção, que eu sou uma pessoa movida pelas incertezas, e que, ao mesmo tempo que eu, recentemente, tinha entrado nessa jornada acadêmica, eu poderia não saber onde ou em que eu estaria adentrando presencialmente, mas iria me dedicar ao máximo para somar juntamente com meus colegas Petianos.

É importante buscar saber o quão maleável a comunicação se torna, particularmente, eu acho essa questão fascinante, simples e, ao mesmo tempo, complexa. Ainda mais quando é aplicada dentro das salas de aula, pois, já me ocorreu de, apesar de pedir para que o professor repetisse o que havia explicado, eu continuava não entendendo por completo o conteúdo que ele estava explicando, isso é um fator extremamente importante que nós trabalhemos para que ela se torne flexível, de uma maneira nossa. Como um futuro educador irei preservar e me dedicar ao máximo no que irei passar aos meus alunos e mais ainda na maneira em que irei passar, como pregava Freire, é necessário entender e estudar o contexto do aluno, e juntamente com a educação, aplicá-la acompanhada com o seu cotidiano.

Mesmo estando a pouco tempo no Programa de Educação Tutorial, posso perceber que o PET é uma família também, e ele nos une por vários propósitos que podem não ser todos semelhantes, mas a índole continua a mesma, que é levar a educação em diversos incentivos e aspectos e usar a comunicação a nosso favor. Quando você se encontra na universidade, junto com a fome de respirar novos ares, de aprender a aprender, ela torna-se um elo muito poderoso nessa corrente chamada vida, e que essa fome sirva para, talvez, deixarmos de enxergar como rivais quem são nossos semelhantes, e é por esses motivos que eu agradeço a cada reunião, a cada encontro do grupo de estudos, a cada aprendizado que nós do PET temos o privilégio de presenciar na nossa caminhada acadêmica.

"EU SOU BRASILEIRA, GAÚCHA, MAS NÃO DE FRONTEIRA"³²: REFLEXÕES SOBRE A NEGAÇÃO DA FRONTEIRA A PARTIR DA POESIA DE ATENA BEAUVOIR

Lindaura Simone Andrade dos Santos³³

Introdução

O que implica recusar a condição de "fronteira", como nos convida a refletir a poeta, filósofa e professora Atena Beauvoir? Como as categorias de tradição e região constroem formas de identificação? Diante dessas questões, esta reflexão explora percepções da condição de fronteira narrada por Atena Beauvoir. Para isso, faremos um sobrevoo nas noções de tradição a partir dos textos *A invenção das tradições* de Eric Hobsbawm e Terence Ranger e *A invenção da sociedade gaúcha* da autora Sandra Pesavento, posteriormente, tecerei alguns apontamentos na articulação de fronteira colocando os marcadores sociais na poética de Atena.

Sou brasileira? Gaúcha [?]

Para iniciar nossa reflexão, é necessário pensar nas tradições de maneira mais abrangente. Nesse sentido, a obra de Eric Hobsbawm e Terence Ranger (1987) é fundamental, pois ambos os autores afirmam que o termo "invenção das tradições" não é arbitrário, ou seja, possui uma certa flexibilidade para compreender tradições antigas e recentes, já perpassadas por anos e milênios. No entanto, a durabilidade das tradições não é o cerne deste texto, pois imprecisões podem ocorrer. Portanto, o objetivo principal é compreender como as tradições surgiram e como elas se estabeleceram.

32 Este verso foi retirado da poesia de Atena Beauvoir, cujo nome não é identificado. Para uma experiência visual e auditiva. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sAKA1InWDxY>. Acesso em: 30 jun. 2023.

33 Acadêmica do curso de Ciências Sociais - Licenciatura na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) - Campus Erechim. Bolsista do Grupo Práxis - Programa de Educação Tutorial/Conexões de Saberes (PET/FNDE). E-mail: lindaura.santoscs@gmail.com.

De acordo com Eric Hobsbawm e Terence Ranger, as tradições são consideradas inventadas, ou seja, um conjunto de práticas culturais que são automaticamente aceitas e naturalizadas na sociedade, construindo uma forma específica de ver e viver o mundo. Podemos imaginar a figura do brasileiro ou da brasileira narrada por alguém que não é do Brasil, o que provavelmente resultaria em uma descrição ligada ao estereótipo do carnaval, do sol e do samba.

Essa descrição, embora exagerada e simplista, serve como exemplo ilustrativo de uma invenção do Brasil por alguém de fora, mas isso não significa que esteja livre de reproduzir preconceitos. O ponto crucial a ser destacado é que a imagem construída pelo “outro” também é uma representação do ser brasileiro. Em relação à invenção das tradições, Hobsbawm e Ranger afirmam que há uma diferença entre práticas antigas e práticas inventadas. Isto pode ser observado no trecho abaixo:

As primeiras eram práticas sociais específicas e altamente coercitivas, enquanto as últimas tendiam a ser mais gerais e vagas em relação aos valores, direitos e obrigações que procuravam inculcar nos membros de um determinado grupo, como “patriotismo”, “lealdade”, “dever”, “as regras do jogo”, “espírito escolar”, entre outros (Hobsbawm; Ranger, p. 9, 1987).

Além da invenção das tradições, também existe a demarcação territorial por regiões, o que significa que uma tradição regional pode ser inventada da mesma forma que uma tradição nacional. Segundo Durval Muniz (2018), a região é concebida como uma construção histórica relacionada à identidade regional e à formulação de narrativas sobre o passado, memória, tradições e culturas regionais. A região é vista como uma realidade enraizada na subjetividade das pessoas que habitam ou se identificam com ela. É importante questionar o papel desempenhado pela historiografia na reafirmação e perpetuação dessas identidades regionais, assim como a influência da historiografia na construção de mitologias que sustentam o discurso regional.

O ensino da história, que pode ser estendido para o ensino das humanidades, é mencionado como um campo sensível às demandas regionalistas, podendo ser capturado pelo discurso de resgate e preservação das raízes regionais. Durval Muniz enfatiza a necessidade de problematizar as identidades regionais, que podem dividir, separar e hierarquizar, alimentando estereótipos e preconceitos relacionados à origem geográfica e ao pertencimento regional. Os regionalismos são vistos como dispositivos que dividem e hierarquizam as pessoas, permitindo sua governança, exploração e dominação. No entanto, também se sugere que a história pode ser um discurso capaz de questionar e experimentar perspectivas externas em relação à região, possibilitando duvidar e se distanciar dessa prisão conceitual. Apresenta-se a ideia

de libertação e de traçar novos caminhos, rompendo com as limitações impostas pela ideia de região.

Além do olhar do “outro” sobre a construção do ser brasileiro ou gaúcho, também existe uma certa arquitetura nacional para construir suas tradições. Isso implica pensar no imaginário, nas palavras de Pesavento (1993, p. 383) “o imaginário é sempre representação, ou seja, é a tradução, em imagens e discursos, daquilo que se chama de real”. Definir uma tradição, tanto regional quanto nacional, requer estabelecer uma linha entre “nós” e “eles”. No projeto de nação do Brasil do final do século XIX, a ideia de fronteira não era desejada, pois não cabia a mistura, nunca foi tão contemporâneo ao ideal do povo trabalhador.

Diante desse panorama, sinto-me à vontade para introduzir, a partir de agora, a noção de fronteira no texto/performance de Atena, pensando que ser brasileira não é suficiente, ser gaúcha não é suficiente e talvez até a categoria de mulher não seja suficiente.

Mas, não de fronteira

Para além das reflexões sobre tradições, existe uma gama de estudos que se debruçam sobre as noções de fronteira, sabe-se que fronteira pode ser compreendida com marcações concretas e subjetivas. Assim, como a definição de fronteira, as implicações de estar nela. Sendo assim, a poesia de Atena inicia trazendo uma reflexão sobre o que é ser livre ou ter liberdade na fronteira, neste caso de gênero.

O corpo de Atena denuncia uma vivência na fronteira estigmatizada, por ser uma mulher trans causa desconforto na noção masculina do ser gaúcho, ao passo de anunciar nos primeiros versos que seus livros são uma espécie de “tomada de assalto” de uma *história pútrida*. Como corpo e palavra não se distingue, mas se entrelaçam que ganham materialidade na dinâmica do real e a cada anúncio/presentificação Atena evidencia sua condição de sujeito, ou seja, se torna um corpo gerúndio (Gabanini, 2018).

Possuir um corpo gerúndio implica na reprodução de uma estética do prejuízo, ou seja, uma condição de anormalidade do sujeito que encontra no *slam* – abordaremos com mais detalhes adiante – uma possibilidade de expressar seus sentimentos e vivências, transformando-se em campos de batalha onde o corpo confronta as memórias que o moldam. Por meio de versos, são expressos os detalhes de trajetórias marcadas pela invasão, docilidade e violência colonialista. Nessas batalhas, emergem conflitos ontológicos resultantes dos traumas de cada indivíduo incompleto. Essa in-

completude não se origina da falta de finalização, mas sim do fato de existir na zona do não-ser e carregar consigo a gramática corporal prejudicada. Conforme afirmado por Luciana Gabanini (2018), corpos em prejuízo são aqueles que se encontram em desvantagem no tecido social, mas que se manifestam como corpos-gerúndios – conscientes das adversidades da sociedade capitalista, defendendo a poética do prejuízo “em uma constante demonstração de perda, já que o tempo é urgente e isso se torna o grande acontecimento” (Gabanini, 2018, p. 155 *apud* Santos, 2023, p. 48).

Ainda, sobre a poesia de Atena, demarca o lugar coletivo das mulheres trans ao indagar e *olhem pro lado, cadê as minas trans aqui de outra outrora (...) estão pagando a vida, se prostituindo nas esquinas*, na visão das encruzilhadas que vivem os seres desviantes. Seguindo o “flow” Atena aponta como algumas instituições dociliza o seu corpo, sendo assim, o papel da família é não entender, a função da escola é iludir e a missão da justiça é *documenta[r]*, mas não garantir a dignidade.

Fim dos três minutos

A tentativa deste ensaio foi partir das noções de tradição para refletir sobre como outros espaços estão questionando a história única do sul. Embora de forma sarcástica, a reflexão sobre o “coração do gaúcho, o cavalo viria ou não antes da prenda?” (Pesavento, 1993) não se encaixa nesse contexto. No entanto, destacar o corpo de uma poetisa que nega a fronteira é, de certa forma, parte desse questionamento.

O vídeo utilizado como fonte para essa breve reflexão ocorre em praça pública, mais precisamente em uma performance de *slam*. Ao usar o próprio vídeo para definir o *slam*, podemos entender que se trata de um encontro de pessoas em espaços privados e públicos – uma dimensão amplamente difundida no Brasil. Nesses encontros, cada poeta pode recitar sua poesia nas regras estabelecidas, as quais são: poesia autoral, sem acompanhamento musical e com duração máxima de três minutos. No vídeo, percebe-se que, quando o tempo se esgota, a plateia levanta a mão para indicar, dando assim ao poeta que está se apresentando mais 10 segundos para concluir sua performance.

Embora o vídeo não mostre, após as apresentações, há uma votação. Antes de iniciar o *slam* – o próprio encontro ou batalha – são escolhidas cinco pessoas para serem jurados/as. Esses jurados/as têm o poder de atribuir notas, e o interessante disso é que cada pessoa avalia a performance conforme o impacto que ela causou em si própria. Alguns consideram a rima, a expressão corporal e outras formas de avaliação.

O *slam*, enquanto espaço de reflexão, suspende as tradições inventadas, como narrado por Hobsbawm e Terence. A potencialidade desse encontro não está sob influência do Estado, ao contrário do papel que a escola desempenha. Portanto, questionar essas tradições não deve ser exclusivamente responsabilidade do ensino das humanidades, como alertou Durval Muniz. É nas praças públicas, ao ar livre e nas ágoras que as fronteiras são ressignificadas. Atena, a poetisa em nosso ensaio, diz que devemos *poetizar a sensação real* sendo o grito e a poesia que se torna por si só o manifesto lírico das fronteiras em suspensão.

Referências

DE ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. O objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região. **Fronteiras**: Revista de História, v. 10, n. 17, p. 55-67, 2008.

GABANINI, Luciana. **Corpo-Gerúndio**: Escritos de Uma Atriz-MC em Uma Poética do Prejuízo. 2018. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2018.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. 1997.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **A invenção da sociedade gaúcha**. Ensaios FEE, v. 14, n. 2, p. 383-396, 1993.

SANTOS, Lindaura Simone Andrade dos. **“Todo slammer é poeta, mas nem todo poeta é slammer”**: uma etnografia com os slammers do slam do prego. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal da Fronteira Sul. Erechim: 2023.

Slam Peleia. (2018). **Slam Peleia 16ª Edição - Atena Beauvoir** [Vídeo]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sAKA11nWDxY>. Acesso em: 06 jul. 2023.

PARTE II:

**PETCOM -
ENSAIOS SOBRE
TRABALHO DE
CAMPO NA
CIDADE DE ERECHIM**

RELATÓRIO DE OBSERVAÇÕES GEOGRÁFICAS

João Paulo Noara³⁴

Neste dia, 11 de maio de 2023, com o grupo PET, observamos os bairros de Erechim, os quais contêm suas peculiaridades urbanas, seja pela sua própria região, seja pelos projetos mal elaborados de seus representantes. Iniciamos a observação no bairro São Cristóvão, localizado logo após a avenida principal. Notamos que, em Erechim, as ruas e calçadas principais seguem um padrão ou são bem planejadas. No entanto, no bairro São Cristóvão, mesmo estando muito próximo ao centro, suas ruas são estreitas e as calçadas praticamente inexistentes para os habitantes da região. Além disso, o acesso para pessoas com deficiência é extremamente difícil, pois não há vias seguras ou acessibilidade adequada.

Até a situação dos veículos se torna complicada, seja para se deslocarem pelos morros, seja para guardá-los nas próprias vias, pois não há garagens nas moradias. Fomos informados de que nos primórdios de Erechim este bairro era procurado por pessoas que não se preocupavam em adquirir um veículo, optando por residir em uma região com custo mais acessível. Com o passar do tempo, o bairro foi crescendo e se expandindo, seja nos altos morros, seja no sopé das encostas, dificultando a entrada e saída dos moradores devido à falta de espaço e prejudicando a segurança das vias, tanto para pedestres quanto para veículos.

Disto, seguimos para o bairro Aeroporto, que se situa logo após a divisa imaginária pela BR 153. Ao chegarmos, nos deparamos com moradias de alvenaria, algumas delas com painéis solares e filtros de água. Parece ser um projeto social ou de alguma campanha política, porém, notamos que esse benefício se restringia apenas àquelas moradias específicas. Mais adiante, ao cruzarmos outra divisa imaginária, encontramos casas de madeira construídas às pressas no alto de um morro, aparentemente sem nenhum planejamento ou projeto social para auxiliá-las, já que não possuíam painéis solares nem outras melhorias.

Nossa guia nos informou que essas moradias construídas no morro, e até esquecidas pelo projeto social, são chamadas de “sociedade de risco”. Essa denominação

34 Acadêmico do curso de Filosofia - Licenciatura na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) - Campus Erechim. Bolsista do Grupo Práxis - Programa de Educação Tutorial/Conexões de Saberes (PET/FNDE). E-mail:

se deve à condição em que se encontram, habitando um espaço geográfico onde não é adequado residir devido a seus múltiplos riscos, tais como desmoronamentos de terra, frio intenso, falta de água e outros desafios.

Essa visita nos permitiu compreender as desigualdades sociais e as carências de planejamento urbano que afetam a população em diferentes partes da cidade. Ficou evidente como algumas áreas recebem mais atenção e investimentos, enquanto outras são negligenciadas, resultando em um ambiente de vida mais precário para os moradores da “sociedade de risco”. Essas observações nos fazem refletir sobre a importância de políticas públicas inclusivas e sustentáveis que busquem melhorar as condições de vida em todas as regiões da cidade, garantindo segurança e dignidade para todos os cidadãos.

A guia nos chamou a atenção para outra preocupação importante, a chamada “franja urbana”. Esse termo geográfico refere-se à área limite entre o espaço urbano e o meio rural. Ao chegarmos a essa região, notamos como a população local enfrentava riscos adicionais, desta vez relacionados aos venenos utilizados no plantio agrícola que pairavam sobre as comunidades vizinhas da franja urbana. Ela ressaltou que essa situação também foi mal projetada, e as consequências estavam afetando a saúde e o bem-estar das pessoas que residiam próximas às plantações. Essas questões evidenciaram a necessidade de uma gestão mais cuidadosa e responsável da área, que considerasse os impactos tanto na natureza quanto na vida das pessoas.

Após uma roda de conversa sobre a gestão do local, a guia compartilhou informações sobre campanhas em prol da natureza que foram realizadas na região. No entanto, alguns participantes da excursão notaram que havia contradições, pois, as moradias de madeira no morro ainda enfrentavam dificuldades semelhantes às discutidas anteriormente, como falta de recursos e acesso a serviços básicos. A justificativa das campanhas era de que os riscos enfrentados pelos moradores das moradias no morro eram apenas naturais e não resultado de falhas na gestão, sendo questionada essa justificativa pelos participantes, que perceberam a necessidade de ações mais efetivas para melhorar a qualidade de vida dessas pessoas. Diante dessas observações e reflexões, decidimos seguir nossa observação adiante, focando mais na franja urbana e buscando entender melhor os desafios enfrentados por essa comunidade. Essa experiência nos mostrou a complexidade das questões urbanas e como a gestão adequada é essencial para promover a equidade social e o bem-estar geral da população.

Seguimos nossa observação mais à frente para a franja urbana. Entre a divisa do meio rural e o calçamento, há um condomínio fechado, onde, ao lado de seu muro,

é usado como descarte de lixo eletrônico. Nossa guia nos explicou que a ideia de um condomínio fechado é devida à influência americana, onde quem adquire um condomínio o faz pensando em estar com seus semelhantes, ou seja, ricos com ricos. Embora em teoria fosse assim, no próprio condomínio fechado, há moradias com mais cercas em volta das próprias casas, despertando um medo desnecessário. Sobre essa questão, nossa guia chamou de “sociedade da privatização”, ou seja, um condomínio fechado com receio de estar em uma periferia, o qual também foi mal planejado por sua estrutura.

Enquanto nos preparávamos para descer ao bairro Progresso, especificamente para a ponte do “Sangão”, nossa guia frisou o termo “muros invisíveis”, referindo-se à divisão social presente na região, onde metade dos CRAS (Centros de Referência de Assistência Social) estão localizados para além desse limite. Ela destacou como essa divisão reflete a desigualdade e a segregação existente na comunidade.

Sobre a história do bairro Progresso, nossa guia nos contou que, anteriormente, a população residia diretamente onde hoje é o Colosso da Lagoa, nos anos 70. Porém, devido à ação da elite local, que cobrava altos preços e tomava posse das terras para seus próprios benefícios, essa população teve que se deslocar para uma região mais abaixo, conhecida atualmente como bairro Progresso. Nos anos 2000, nossa guia relatou que ocorreram conflitos entre os trabalhadores locais e a elite. Durante esse período, era comum encontrar slogans estampados pelas ruas do bairro Progresso, como: “Tenho orgulho de ser trabalhador” e “este é um bairro de trabalhadores!”. Essas manifestações refletiam o sentimento de resistência e pertencimento da comunidade trabalhadora, que buscava reivindicar seus direitos e espaços na cidade.

Essas informações revelam as transformações históricas e sociais que o bairro Progresso passou ao longo dos anos, ressaltando a luta e a identidade de sua população. Ao explorarmos essas histórias, pudemos compreender mais profundamente as realidades e desafios enfrentados pela comunidade local, bem como a importância de combater a desigualdade e promover um ambiente mais inclusivo e igualitário para todos.

Ao chegarmos no “Sangão” do bairro Progresso, notamos que abaixo da ponte, que serve para travessia, está contaminada com sacolas de lixo, as quais não deveriam estar ali, nem sequer ser um lugar de descarte, pois abaixo da ponte passa o córrego. Nossa guia nos explicou que, em tese, esse local era para ser uma área verde com florestas que ajudariam a diminuir a contaminação do córrego. No entanto, o espaço urbano acabou tomando conta, resultando no encontro entre as moradias e

o córrego. Isso expõe a comunidade à contaminação do córrego e revela a falta de educação ambiental, já que essa área deveria ser preservada como parte do ambiente natural e não utilizada como depósito de resíduos domésticos.

Em seguida, fomos ao bairro Esperança. Percebemos que esse bairro também está situado em morros íngremes, assim como os outros bairros que vimos anteriormente. No entanto, as moradias neste local são mais abastadas, e apesar do terreno ser desafiador para a construção, as casas foram planejadas com cuidado e atendem a um nicho específico da classe social mais privilegiada.

Por fim, visitamos o cemitério municipal de Erechim, onde pudemos refletir sobre a finitude da vida e a necessidade de espaços urbanos destinados a esse propósito. Observamos que o cemitério é dividido em diferentes camadas, com templos e altares de famílias nobres e abastadas separados de outras famílias populares. Essa divisão nos levou a diversas reflexões sobre a igualdade na morte e como as diferentes classes sociais são tratadas até mesmo após o falecimento. Além disso, notamos uma tendência crescente entre os jovens de optar por crematórios, pois não conseguem se imaginar sendo sepultados em túmulos, como era comum nas gerações mais antigas. Essa mudança de preferência destaca como as perspectivas sobre a morte e os rituais funerários têm mudado ao longo do tempo, refletindo as transformações culturais da sociedade.

Essa experiência de observar diferentes áreas da cidade nos proporcionou uma visão mais ampla das complexidades urbanas e das questões sociais envolvidas. Fomos desafiados a refletir sobre as desigualdades, a preservação ambiental e a valorização da vida em suas várias dimensões. A compreensão dessas realidades nos impulsiona a buscar uma cidade mais inclusiva, sustentável e que atenda às necessidades de toda a sua população.

ERECHIM PARA ALÉM DAS AVENIDAS

Jennifer Gama Silva³⁵

Lindaure Simone Andrade dos Santos³⁶

De que forma dizemos nossas palavras? Quais são os elementos condicionantes para descrever lugar(es)? Essas e outras questões fervilhavam em nossas mentes e corpos durante o trabalho de campo. O presente capítulo tem a intenção de vociferar, ou seja, tecer “memórias impressas da voz” (Estrela D’alva, 2022, p. 7) sobre e com a viagem de campo denominada *A cidade não vista*, sob a orientação dos professores Reginaldo de Souza e Paula Lindo. Para viajar por meio da escrita, o presente texto está dividido em três encruzilhadas, sendo a primeira composta por reflexões mais livres sob os pontos de vista de uma historiadora e cientista social. A segunda aborda alguns apontamentos acerca de aspectos mais específicos, como a perspectiva sobre o viaduto Rubem Berta e notas etnográficas sobre algumas sociabilidades na cidade de Erechim e, por fim, a terceira que apresenta sugestões para continuar refletindo sobre *A cidade não vista*.

O que os olhos não podem ver?

A presente descrição de campo não atingirá a densidade que caracteriza a abordagem de Geertz (1989). Compreendendo nosso papel como sujeitos no e do mundo, optamos por destacar certos aspectos em detrimento de outros. O olho, enquanto órgão exposto, captura cenas e imagens que ganham significados. Todavia, a sensibilidade da nossa matéria corpórea vai além do olhar, envolvendo uma miríade de sensações. É a partir desta perspectiva que emanam as reflexões do nosso encontro, envolvendo duas pessoas que habitam o centro, mas não estão circunscritas a ele.

Nossa jornada se iniciou na Praça da Bandeira, diante da Prefeitura de Erechim, onde, há menos de um século, erigia-se o presídio central. Embora tenhamos chegado

35 Acadêmica do curso de História – Licenciatura na Universidade Federal da Fronteira (UFFS) - Campus Erechim. Bolsista do Grupo Práxis – Programa de Educação Tutorial/Conexões de Saberes (PET/FNDE). *E-mail:* jennifer.gama@estudante.edu.uffs.br

36 Acadêmica do curso de Ciências Sociais - Licenciatura na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) - Campus Erechim. Bolsista do Grupo Práxis - Programa de Educação Tutorial/Conexões de Saberes (PET/FNDE). *E-mail:* lindaure.santoscs@gmail.com.

com certo atraso ao ponto de encontro com o grupo, as conversas que percorreram o trajeto até o transporte institucional adiantaram nossas reflexões acerca da iminente incursão de campo. Neste momento, a dimensão e os lugares a serem explorados começaram a se revelar de maneira vívida.

Muitos limitam Erechim à Avenida Sete/Maurício Cardoso, ignorando suas contradições. Contudo, desde o começo de nossa pesquisa, tal visão limitada se expandiu. Descendo pela Rua Aratiba e adentrando a Avenida Pedro Pinto de Souza, chegamos no Bairro São Cristóvão, vizinho ao centro. Este bairro, marcado pela autoconstrução, contrasta com a estrutura ordenada do centro. Ausentes são os espaços destinados a atividades específicas, tais como lazer, moradia e educação, tudo se desenrola em uma tapeçaria entrelaçada, carente de clara delimitação.

Focando na esfera educacional, observamos que os estudantes do Bairro São Cristóvão frequentam majoritariamente a Escola Érico Veríssimo, localizada na zona territorial central. Tal proximidade, no entanto, não se traduz em integração plena com a comunidade do bairro, suscitando reflexões sobre essa relação.

Nossa jornada continuou provocando reflexões acerca de alternativas para o Bairro São Cristóvão, incluindo a construção de conjuntos habitacionais. Neste ponto, a professora Paula Lindo nos indicou que passaríamos por conjuntos habitacionais em Erechim. Embarcamos novamente no transporte institucional e rumamos ao Bairro Aeroporto.

O desembarque no Bairro Aeroporto nos confrontou com casas ornamentadas com materiais similares a placas solares e reservatórios de água vermelhos, novos e promissores. Essas modificações na paisagem nos cativaram, embora uma interação direta com os moradores pudesse oferecer maior clareza sobre tais avanços.

O percurso nos guiou ao Bairro Progresso, onde nos deparamos com uma interseção entre o âmbito urbano e rural, uma franja fascinante. Tal junção desencadeou reflexões profundas sobre as condições das habitações à distância, com destaque ao condomínio residencial "Altos da Colina", cuja presença suscitou análises acerca da segregação de elementos tidos como ameaças.

Paradoxalmente, mesmo dentro deste condomínio, moradores optaram por reforçar suas barreiras físicas, erguendo muros e grades nos portões, em busca de segurança. Tal observação realça as complexidades das dinâmicas sociais subjacentes à busca por proteção e segregação, seja no âmbito comunitário ou condominial.

A busca por segurança no Bairro Progresso está intrinsecamente ligada às percepções que os moradores de Erechim têm de diferentes bairros. Enquanto alguns

reforçam suas casas, em outros lugares, essas ações podem reforçar estereótipos negativos. No entanto, é crucial ressaltar que condições essenciais para uma vida digna frequentemente não são providas aos residentes, tais como saneamento básico, assistência médica e espaços de lazer.

A discussão acima levanta a questão de quem pode verdadeiramente vivenciar a cidade, enquanto outros enfrentam a possibilidade de serem rotulados como *outsiders*, destituídos de moralidade para se inserirem na sociedade de Erechim. Assim, o título desta seção ecoa como um chamado: *O que os olhos não podem ver?*

A rota nos conduziu às proximidades do Rio Tigre, que, ao ser considerado em conjunto com a exploração dos novos bairros, enfatiza a multiplicidade da cidade. Erechim é uma teia de lugares desiguais, desde áreas marginalizadas até comunidades que forjam sua própria identidade, independente do centro, o bairro Três Vendas se destaca como exemplo, com sua infraestrutura abrangente e serviços essenciais, moldando novas centralidades.

A jornada culminou no Cemitério Municipal Pio XII, espaço que simboliza a reflexão sobre a exclusão e inclusão na cidade. Quem tem o privilégio de vivê-la com dignidade? Este é um questionamento inerente, que se aprofunda ao explorarmos os territórios em desenvolvimento com condomínios de luxo, onde novas formas de sociabilidade emergem.

Enquanto nossa última parada nos traz de volta ao centro da cidade, à prefeitura de Erechim, a narrativa da cidade não vista, multifacetada e diversa, permanece conosco. É o produto das nossas reflexões, questionamentos e observações que nos permite desvendar as camadas de Erechim, uma cidade que pulsa com complexidades, desigualdades e contradições.

De ponto turístico a moradia: uma reflexão sobre o viaduto Rubem Berta

Pensar a construção do município de Erechim, em seus mais diversos bairros existentes atualmente, nos faz refletir profundamente sobre a constituição de sua paisagem a partir de conceitos históricos, políticos e sociais. A cidade, amplamente reconhecida como a “Capital da Amizade” é capaz de conciliar aspectos de inclusão e exclusão de sujeitos em uma mesma dinâmica social. Um espaço construído a partir do movimento de imigração e colonização europeia, cujo objetivo principal foi ocupar terras consideradas “vazias”, improdutivas a partir do ponto de vista de produção mercantilista, além de expandir as fronteiras do sul do Brasil. O que se pretendia era

povoar o espaço com um povo que se queria como nação, ocultando e apagando a ancestralidade indígena em prol do desenvolvimento econômico do país.

Essas populações foram sendo gradualmente reduzidas em pequenas reservas e aldeamentos para a liberação das terras aos colonizadores, mas é interessante notar, a origem do próprio nome da cidade, em que referir-se a um termo indígena, *Erechim*, que significa “Campo pequeno”, fazendo referência aos “antigos” habitantes daquele espaço, como se ainda não estivessem mais presentes, quando apenas são marginalizados e apagados da história em detrimento da valorização da cultura europeia e seus descendentes.

Pensar o espaço das sociedades marginalizadas na cidade de Erechim é refletir sobre a distribuição dos corpos racializados, estes vistos, em grande medida, habitando os “bairros”, pois, tudo o que estiver fora da região central da cidade é vista dentro dessa categoria, como aquilo que está fora. As populações indígenas originárias desses espaços aos poucos foram sendo retiradas, afastadas para locais com baixa ou nenhuma estrutura básica. Atualmente vemos um grande movimento de retomada das terras indígenas na região do Alto Uruguai, a Terra Indígena Votouro-Kandóia na cidade de Faxinalzinho se inclui nesse processo, fruto de muita reivindicação que teve sua presença mais significativa a partir da Constituição de 1988, que marca uma abertura fundamental na garantia dos direitos das populações originárias.

Tendo esse breve panorama histórico em mente, é importante relatar uma imagem que muito se repetiu nos últimos anos na região central de Erechim, em que foi possível visualizar a migração de famílias indígenas para residir debaixo do Viaduto Rubem Berta, este que fica localizado ao lado do terminal de ônibus, diariamente quem por ali passava, pôde observar a situação de risco em que aqueles sujeitos estavam expostos, desde crianças a idosos, morando debaixo de lonas de plásticos, ao longo dos antigos trilhos de trem, se aquecendo com fogueiras e buscando uma renda básica através da venda de artesanato pelos arredores daquele local, fato que se tornou mais frequente a partir da pandemia da Covid-19, a presença dessas famílias ocorria de meses em meses, com mais frequência nos períodos de inverno.

Ironicamente ou não, o viaduto que passou a abrigar famílias indígenas possui uma série de ilustrações de figuras históricas do processo de colonização, com diversas simbologias, fruto de um projeto de revitalização que vão desde imagens de animais, lugares e pessoas, e algumas dessas pessoas são representativas da história de Erechim, como as figuras de imigrantes europeus e indígenas. É interessante notar através da observação dessas imagens, a reprodução de estereótipos dos indígenas,

constantemente associados à natureza como algo inerente a sua cultura, quando, na verdade, estes sujeitos, nos dias atuais, possuem seus direitos garantidos pela constituição, mas não veem sua efetivação na concretude da realidade, sendo expostos a residir nas ruas sob condições desumanas, amparados por vezes por um viaduto que tem em vista representar imagens de sua cultura sob um olhar estereotipado, considerado um ponto turístico da cidade.

Seguindo nessa reflexão, faz-se necessário considerar de que forma o poder da morte opera dentro desse arranjo social. Segundo Agamben nas palavras de Pacífico (2018, p. 68), “o Estado de Direito e o Estado de Exceção, ambos se encontram paralelos reciprocamente, mas suas estruturas encontram-se vinculadas, em uma dualidade estrutural política-jurídica”, ou seja, para o filósofo, o estado de exceção transforma os cidadãos em “vidas nuas”, privadas de seus direitos fundamentais e reduzidas à mera existência biológica, sem as proteções legais e políticas que a cidadania normalmente confere. Ou seja, o que se vislumbra a partir dos relatos de experiência e imersão numa reflexão sobre os condicionantes que permeiam a existência de sujeitos indígenas na região central de Erechim, percebe-se um processo contínuo de desterritorialização e precarização da vida a partir de um conjunto de políticas de morte.

Entende-se, aqui por políticas de morte, um conjunto de dispositivos em que estão alinhados a uma técnica de governo que pretende a promoção da morte. Desse modo, a partir da concepção foucaultiana (1999) do biopoder, que explicita fundamentalmente um poder capaz de “fazer morrer, deixar viver”, conceituação que Mbembe (2011) problematiza e desenvolve uma nova perspectiva sobre a relação do Estado com sujeitos que não possuem o direito à vida, segundo ele a necropolítica é a “capacidade de ditar quem pode viver e quem pode morrer” (2011, p. 5).

Nota-se que o viaduto é a metáfora da morte. As imagens anunciam a memória a ser preservada realocando cada sujeito na composição histórica, trocando em miúdos, os sujeitos indígenas são retratados de forma estereotipada, como já mencionado, há também a representação da natureza por meio de animais, e um tanque de guerra. A olho nu, a cartografia de imagens debaixo do viaduto pode ser o culto à diversidade, mas como já descrito, é debaixo do viaduto que em determinadas épocas do ano um grupo de indígenas faz morada. Sendo assim, quem pode viver no centro da cidade? Ou melhor, quais os dispositivos que produzem a vida e a morte no centro de Erechim?

Não nos compete a tarefa de estabelecer uma definição precisa do que significa ser indígena em Erechim, entretanto viver o centro é perceber as contradições entre

a diversidade estampada e a comercialização precária de suas artes para viver na frente dos comércios centrais e nos semáforos, fica notório que o tanque da história mata um indígena a cada vez que o sinal fica vermelho.

Sociabilidades e processos de quetificações

Na primeira parte desta reflexão, já abordamos o nosso posicionamento dentro deste texto. Embora habitemos no centro, não nos consideramos pertencentes ao centro. Essa assertiva encerra múltiplos aspectos interessantes. Primeiramente, suscita reflexões sobre pertencimento e identidade com o lugar; em segundo lugar, levanta a questão das condições para se assimilar ao centro.

Ao me afastar da experiência do trabalho de campo, debruço-me sobre as minhas percepções acerca da cidade através das sociabilidades. Residir no centro de Erechim se revela paradoxal; por vezes, sinto que meu corpo não se moldou à realidade central. Estranho a maneira como as pessoas observam, por exemplo, o simples ato de usar chinelo ao ir ao supermercado. São nos detalhes do cotidiano que percebemos olhares e formas de expressão daqueles que se consideram donos do lugar. Além de ser uma atividade diária para adquirir alimentos, ir ao supermercado é compreender que ele é um espaço de interações e distinções sociais.

Durante os quatro anos em que vivi em Erechim, pude constatar que o supermercado é o local do encontro. Ali, não é incomum presenciar diálogos sobre filhos, mudanças de aparência, agendar encontros ou até mesmo realizar um “passeio pelos corredores”. O supermercado é também povoado por gente. Superando a dicotomia entre consumidores e trabalhadores do mercado, podemos considerar que em determinados períodos do mês, os supermercados se tornam o epicentro da cidade. Tal fato faz com que nos demais bairros surjam pequenos comércios para atender a essas necessidades. Por sua vez, em datas específicas, a classe trabalhadora consegue fazer suas compras mensais, num conceito conhecido como o “rancho do mês”.

Esta nota etnográfica ganha relevância, pois, enquanto para os moradores do centro, ir ao mercado é uma atividade “normal”, para certos indivíduos requer um planejamento especial. É como se as pessoas dos bairros mais distantes pagassem o preço “normal” somente uma ou duas vezes por mês, de acordo com sua lógica salarial.

Outro aspecto instigante é a compreensão das marcas que os sujeitos carregam. Em uma das ocasiões em que perambulei pelo supermercado, fui confundida com uma trabalhadora. Aparentemente, minha pele projeta uma imagem que me

aproxima mais daqueles que servem do que daqueles que são destinados apenas a consumir. Diante dessa situação, percebo que meu corpo está mais alinhado aos jovens aprendizes, aos corpos racializados e aos migrantes.

Sob uma abordagem analítica, a distinção entre os conceitos de “nós” e “eles” revela-se fundamental nas ciências humanas. A atualidade proporciona diversas perspectivas teóricas para compreender esse processo classificatório, sendo o foco aqui direcionado à dicotomia entre políticas das diferenças e a constituição das desigualdades. Conforme destacado por Sergio Costa (2019), o cerne desse debate contemporâneo reside na seguinte indagação: quando uma diferença adquire relevância política? Em outras palavras, como uma diferença se torna um ponto crucial nas discussões políticas, econômicas e sociais?

No contexto da cidade de Erechim, emerge a questão da importância da diversidade de corpos. A capacidade reprodutiva é uma característica partilhada por todos os indivíduos na trajetória da vida. Tais questões se desvelam no cotidiano, moldando as rotas que conduzem ao supermercado, à farmácia ou a qualquer atividade de lazer.

É importante destacar, quem tece esse texto são duas mulheres: uma negra, outra branca, estudantes da Universidade Federal da Fronteira Sul, que vieram do estado de São Paulo. Podíamos esmiuçar ainda mais sobre cada categoria que os nossos corpos se alocam, mas ao externalizar isto, os marcadores sociais diferenciam “nós” dos habitantes da cidade de Erechim, “eles”.

No âmago dessa definição reside um intrincado processo histórico, político, geográfico e social, delineando a produção da diferença. Conforme aponta Avtar Brah (2006), a diferenciação é um processo que requer a criação de elementos distintivos para distanciar a própria identidade da do outro. Essa dinâmica se reflete nos marcadores sociais, tais como etnicidade, gênero, sexualidade e nacionalidade. É notável que alguns corpos e espaços acarretem a carga desses marcadores em conjunto. Por exemplo, nos corredores do supermercado em Erechim, é comum ser atendido(a) por venezuelanos(as), nos quais se identificam não apenas traços de nacionalidade, mas também elementos que denotam gênero, revelados pelo modo de comunicação e características físicas. Nesse contexto, o indivíduo se configura como um sujeito migrante, ressaltando mais um aspecto marcante.

Dessa forma, a intersecção entre os elementos aqui discutidos revela a complexidade histórica e social que subjaz à formação de identidades e diferenças. A reflexão sobre o papel dos marcadores sociais e a interação entre “nós” e “eles” oferece

uma perspectiva profunda para compreender a tessitura da sociedade contemporânea, em constante processo de produção de diferenças.

Nesse sentido, na delimitação social do espaço, observa-se a alocação específica de certos indivíduos em determinadas áreas. Ao recordar as observações de campo, fica evidente que os trabalhadores frequentemente ocupam regiões desprovidas de serviços essenciais, como cuidados de saúde, oportunidades de lazer e instituições educacionais. Por outro lado, indivíduos não sujeitos a categorizações raciais também têm seus próprios domínios de reprodução concreta.

Na contextualização desse diálogo, a contribuição de Lélia Gonzalez e Carlos Hasenbalg (2022) emerge como um guia para refletirmos sobre a categoria da divisão racial do espaço. Esse conceito delinea a segmentação geográfica baseada na noção de raça, resultando na formação de áreas conhecidas como “guetos”. Esse fenômeno encontra representação na cidade de Erechim, onde se destaca a expulsão dos jovens das praças do centro urbano, servindo como um símbolo concreto dessa dinâmica. Surge então o questionamento: O que deve estar no centro de Erechim? Que tipo de arte pode invadir o centro da cidade?

Reflexões (in) conclusas

Na encruzilhada da Avenida Sete/Maurício Cardoso, existe uma miríade de ruas que contam uma história. As histórias se interseccionam mediante as interações sociais de modo que os significados podem se alocar na realidade, isso tudo ficou evidenciado através do trabalho de campo.

Pode-se pensar uma genealogia do trabalho de campo, o que ele é? A função que tem para a produção do conhecimento nas ciências humanas e outras infinitas questões. O ponto é que o trabalho de campo é a possibilidade de ter uma experiência epidérmica em um determinado espaço e com pessoas, sem sombra de dúvidas, foi isso que tivemos. Embora a experiência com pessoas se restringiu aos orientadores e não aos sujeitos que habitam os *cantos* que passamos, foi também interessantíssimo.

Nas ciências sociais, em especial, na antropologia, o trabalho de campo tem uma extrema importância, é a partir do trabalho de campo que se pode entender algumas dinâmicas sociais, atrelado aos conceitos. Se tem uma discussão já clássica se antropologia é etnográfica e se etnografia é trabalho de campo. Sem entrar nesse debate, parto do pressuposto que a etnografia se pratica como Magnani (2009) nos aponta, ou seja, se vive o campo tentando *escavar* os significados para aqueles sujei-

tos e você pesquisador/a também mobiliza alguns significados, parafraseando Caetano Veloso “alguma coisa acontece no meu coração, só quando cruza a Ipiranga e Avenida São João”, várias coisas importam, mas cabe ressaltar o que significa passar nesse cruzamento?

Ainda se valendo da música, o que acontece quando o ônibus da cidade de Erechim passa pelo bairro Progresso? Quais são os significados? Essas questões tentam evidenciar o que é praticar uma etnografia. Tomando o título de campo podemos inverter escrevendo *A cidade vista* e tentar captar o modo como os habitantes narram essa cidade.

O trabalho de campo desempenha um papel crucial na pesquisa historiográfica, ao possibilitar a construção de uma base sólida de narrativas precisas e contextualizadas sobre as diferentes dinâmicas sociais, culturais, políticas e econômicas que moldaram diferentes períodos históricos. Ir a campo é explorar espaços ainda desconhecidos na historiografia, uma vez que nos permite extrapolar os espaços tradicionais de construção do conhecimento histórico, isso implica afastar a ideia do historiador restrito a livros, textos e documentos escritos. Tal imagem foi e ainda é remodelada desde o século passado à medida que novas abordagens da prática historiográfica foram consolidadas.

Por fim, o trabalho de campo proporciona uma visão concreta das realidades históricas vivenciadas pelos protagonistas do passado, permitindo uma compreensão mais profunda da materialidade histórica. Além disso, revela que o presente nem sempre representa uma ruptura completa em relação às condições que moldaram a vida desses atores ao longo do tempo.

Referências

- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos pagu**, p. 329-376, 2006.
- COSTA, Sergio. Desigualdade, diferença, articulação. **Caderno CRH**, v. 32, p. 33-45, 2019.
- ESTRELA D'ALVA, Roberta. Apresentação. *In*: Emerson Alcalde. **Nos corres da poesia**. São Paulo: Do autor, p. 05 - 07, 2022.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1989.
- GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2022.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção e política da morte**. São Paulo: n^o1 edições, 2018.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes antropológicos**, v. 15, p. 129-156, 2009.

PACÍFICO, Amanda Cristina. **Giorgio Agamben: a condição da vida humana no Estado de exceção**. Dissertação (Mestrado em Filosofia) UFPB, João Pessoa. 2018. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/18959?locale=pt_BR. Acesso em: dia mês ano.

VIVENDO EM LINHAS RETAS: A EFEMERIDADE DA VIDA E A ETERNIDADE DOS FEITOS HUMANOS

Alex Dos Santos³⁷

Introdução

No dia 11/05/2023, o PET Práxis, em uma atividade de campo pelos bairros de Erechim, contou com a presença da professora convidada Paula Lindo, docente de Geografia na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), e do tutor Reginaldo José de Souza (mais conhecido como Régis). Essa jornada revelou-se uma experiência de aprendizado significativo, proporcionando uma oportunidade única para reflexões profundas. A parte conclusiva dessa atividade se desenrolou no Cemitério Municipal Pio XII de Erechim, onde os bolsistas se depararam com um espaço emocional de significados simbólicos.

No momento inicial da incursão ao Cemitério Municipal Pio XII, tornou-se evidente que a finitude da existência humana ocupa um lugar significativo no espaço geográfico, especialmente em meio a uma sociedade em constante transformação e dinamismo. Os túmulos apresentavam uma diversidade notável, variando desde estruturas que lembram grandiosos castelos até humildes sepulcros desprovidos de ostentação. Essa observação curiosa nos levou a refletir sobre o significado de que esses túmulos carregam e como eles tentam preservar algo, talvez memórias, sentimentos, temores ou aceitações de uma vida em que se encontra. Sob essa perspectiva, inevitavelmente, recorreremos às ideias da filósofa Hannah Arendt, que trouxe reflexões instigantes sobre a morte e a condição humana.

Arendt nos lembra que a mortalidade humana é singular porque as vidas individuais se desenvolvem ao longo de trajetórias lineares, em contraste com outras formas de vida que seguem movimentos cíclicos na natureza. Quando vemos um cemitério através dessa lente, percebemos que os túmulos são símbolos físicos dessa trajetória reta da vida individual, interrompendo o fluxo cíclico da vida biológica que continua além das

37 Acadêmico De Licenciatura em Filosofia e Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET PRÁXIS Conexões de Saberes/Licenciaturas). Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Erechim. E-mail: alexfilosofia1@gmail.com.

fronteiras individuais. Cada túmulo, único em sua forma e design, representa uma história de vida completa, demarcada pelo ciclo inelutável da mortalidade humana.

A diversidade dos túmulos, com estruturas imponentes e modestas, reflete a multiplicidade das experiências e vivências que permeiam a existência de cada indivíduo. Essa variedade também sugere a tentativa dos entes queridos de guardar e perpetuar algo da memória daqueles que partiram, preservando assim a singularidade e o legado das vidas que foram vividas. A visita ao cemitério, com suas representações físicas da mortalidade humana nos túmulos, provoca uma profunda reflexão sobre a natureza singular da vida individual, seus traços distintivos e sua transitoriedade inevitável. Observar os túmulos nos leva a compreender que o espaço geográfico do cemitério se torna uma manifestação tangível da vida humana, com toda a sua beleza, complexidade e fragilidade.

A conexão com a citação de Hannah Arendt acrescenta uma dimensão psicológica às nossas reflexões, destacando a tarefa e a grandeza potencial dos seres humanos relacionados à capacidade de produzir feitos imortais e vestígios eternos no mundo. Essa busca pela imortalidade vivida está presente nas criações humanas, como obras de arte e palavras marcantes, que podem transcender o tempo e permanecer influentes ao longo das gerações futuras. Em contraste com a mortalidade inerente à vida individual, os feitos imortais permitem que os seres humanos alcancem uma forma de imortalidade ao deixar um legado significativo para as gerações posteriores.

Neste contexto, este relato busca propor uma reflexão aprofundada sobre a etapa do trabalho de campo que se desenvolveu nos bairros de Erechim, finalizando no Cemitério Municipal Pio XII. Ao analisar a intersecção entre a mortalidade humana, a diversidade dos túmulos e a perspectiva de imortalidade vivida através das criações humanas, buscamos compreender mais plenamente o significado dessas experiências e suas instruções para nossa compreensão da existência humana e do mundo que nos cerca. Ao examinarmos as conexões entre a filosofia de Hannah Arendt e a observação dos túmulos, aspiramos a enriquecer nossa compreensão da condição humana e assegurar nossa segurança pelo valor e transitoriedade da vida.

Reflexões entre Túmulos: A Finitude Humana e a Busca pela Imortalidade

No dia 11/05/2023, o PET Práxis promoveu uma atividade de campo pelos bairros de Erechim, contando com a presença da professora convidada Paula Lindo, docente de Geografia na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), e de nosso tutor

Régis. O trabalho de campo realizado revelou-se uma experiência de aprendizado significativo e oportunidade para reflexões aprofundadas. Essa incursão de campo proporcionou uma valiosa oportunidade de aprendizado e reflexão. A parte conclusiva dessa atividade ocorreu no Cemitério Municipal Pio XII de Erechim. Neste contexto, este relato busca propor uma reflexão sobre tal etapa do trabalho de campo.

No momento inicial da incursão ao Cemitério Municipal Pio XII, torna-se evidente que a finitude da existência humana ocupa uma parcela significativa do espaço geográfico em meio a uma sociedade caracterizada por contínuas transformações e dinamismo. Além disso, desponta-se a notável desigualdade retratada nos diversos túmulos presentes, alguns dos quais se assemelham a castelos, enquanto outros remetem a modestos sepulcros desprovidos de ostentação. A observação curiosa reside no modo como esses túmulos procuram preservar algo, quiçá uma memória, sentimento, temor ou até mesmo uma aceitação. Nessa perspectiva, é inevitável não evocar uma reflexão à luz das ideias de Hannah Arendt, notável pensadora que discutiu de forma interessante aspectos relacionados à morte:

A mortalidade dos homens reside no fato de que a vida individual, com uma história vital identificável desde o nascimento até a morte, advém da vida biológica. Essa vida individual difere de todas as outras coisas pelo curso retilíneo de seu movimento que, por assim dizer, intercepta o movimento circular da vida biológica. É isto a mortalidade: mover-se ao longo de uma linha reta num universo em que tudo o que se move faz num sentido cíclico (Arendt, 2007, p. 27-28).

Arendt nos lembra que a mortalidade dos seres humanos é singular em virtude de suas vidas individuais, cada qual possuindo uma história vital única, com início e fim explicativo, que se ocorre ao longo de uma trajetória linear. Essa linha reta da vida individual contrasta com o movimento cíclico da vida biológica presente em outros aspectos do universo. Ao transportar essa perspectiva para o contexto do cemitério, podemos perceber que os túmulos funcionam como símbolos físicos dessa trajetória reta da vida individual, interrompendo o movimento circular da vida biológica que continua a se aperfeiçoar fora das fronteiras individuais. Cada túmulo, com sua singularidade, representa uma história de vida completa e delimitada pelo ciclo da mortalidade humana.

Além disso, a diversidade dos túmulos, com alguns ostentando um aspecto de castelo e outros exibindo uma simplicidade humilde, espelha uma multiplicidade de vivências e experiências que permeiam a existência de cada indivíduo. Essa variedade na forma dos túmulos também pode ser interpretada como a busca dos entes

queridos em guardar algo da memória daquele que partiu, em preservar o legado e a singularidade da vida que foi vivida. Assim, a visita ao cemitério, com suas representações físicas da mortalidade humana por meio dos túmulos, incita reflexão sobre a natureza peculiar da vida individual, seus traços distintivos e sua transitoriedade inevitável. A observação dos túmulos nos leva a compreender que o espaço geográfico do cemitério é uma manifestação tangível da vida humana, onde cada túmulo constitui um ponto de encontro entre a história vital reta e o movimento circular da vida biológica em um universo que segue seu curso incessante.

Observemos também que:

A tarefa e a grandeza potencial dos mortais têm a ver com sua capacidade de produzir coisas - obras e feitos e palavras - que mereceriam pertencer e, pelo menos até certo ponto, pertencem à eternidade, de sorte que, através delas, os mortais possam encontrar o seu lugar num cosmo onde tudo é imortal exceto eles próprios. Por sua capacidade de feitos imortais, por poderem deixar atrás de si vestígios imorredouros, os homens, a despeito de sua mortalidade individual, atingem o seu próprio tipo de imortalidade e demonstram sua natureza (Arendt, 2007, p. 27 - 28).

Intrigante como Arendt destaca que a tarefa dos seres humanos e sua grandeza potencial estão intrinsecamente relacionadas à capacidade de produzir algo significativo e duradouro no mundo. Esse algo pode assumir diferentes formas, como obras artísticas, desenhos notáveis e palavras marcantes, que, de acordo com Arendt, mereceriam pertencer à eternidade. A ideia de “pertencer à eternidade” refere-se à possibilidade de que tais pessoas incorporadas ou expressões humanas possam transcender o tempo e continuar a ter conversão e influenciar ao longo das gerações futuras. É uma busca pela imortalidade testemunhada, onde o legado deixado pelos indivíduos pode perdurar além de suas vidas físicas. O contraste entre a imortalidade testemunhada que os seres humanos podem alcançar através de suas ações e a mortalidade intrínseca a eles é expresso por Arendt. No vasto cosmo onde tudo é caracterizado por ciclos eternos, exceto os próprios mortais, as criações humanas que resistem ao teste do tempo representam uma forma de deixar sua marca duradoura no mundo.

Arendt enfatiza que é por meio de feitos imortais e vestígios imorredouros que os seres humanos atingem uma forma de imortalidade. Ao deixar algo de valor e significado para a posteridade, eles transcendem a finitude de suas vidas individuais, conectando-se de alguma maneira ao fluxo eterno da história humana. Essa capacidade de criar algo duradouro também está ligada à natureza singular do ser humano, sua criatividade, habilidades e inteligência. As imagens notáveis e os legados deixados

para trás são uma demonstração da capacidade inata do ser humano de impactar o mundo de maneiras únicas.

Retornando aos túmulos, é relevante considerar como a diversidade de elementos presentes nos túmulos - como lápides com inscrições, fotografias, flores e objetos pessoais - contribuem para a construção de uma narrativa memorialística, permitindo que as gerações futuras conheçam e compreendam melhor o legado e a importância dos que faleceram. O cemitério como um todo pode ser visto como um espaço onde a mortalidade individual dos seres humanos se entrelaçou com a busca por uma espécie de imortalidade através das memórias e histórias transmitidas pelas gerações sucessivas. Ao visitar o cemitério e examinar os túmulos, os vivos envolvidos em contato com essa realidade testemunham da imortalidade e são convidados a refletir sobre sua própria existência, a testemunha de suas ações e a contribuição que deixarão para as futuras gerações.

Considerações finais

O trabalho de campo realizado pelo PET Práxis, em 11 de maio de 2023, foi uma experiência rica e significativa. A visita ao Cemitério Municipal Pio XII de Erechim proporcionou uma oportunidade de reflexão sobre a natureza da vida e da morte, bem como sobre a importância da memória e da história. Nesse contexto, podemos notar que os túmulos do cemitério são uma representação física da mortalidade humana. Eles nos lembram que todos somos finitos e que, um dia, todos morreremos. No entanto, os túmulos também são uma celebração da vida. Eles nos lembram das pessoas que amamos e que deixaram um legado.

A diversidade dos túmulos no cemitério é um reflexo da diversidade da vida humana. Cada túmulo é único, assim como cada pessoa. Os túmulos simples e modestos nos lembram que a riqueza não é importante na vida. Os túmulos luxuosos nos lembram que todos somos iguais diante da morte. A visita ao cemitério nos convida a refletir sobre nossa própria existência. Ela nos faz pensar sobre o que é importante para nós e o que queremos abandonar.

A conexão com a citação de Hannah Arendt permitiu uma análise mais ampla, ressaltando a singularidade da mortalidade humana em contraste com o ciclo eterno do universo. Os túmulos, como símbolos físicos dessa trajetória reta da vida individual, assumem um papel significativo, proporcionando um espaço tangível para a preservação da memória e legado dos entes queridos que partiram. Essa busca pela imortalida-

de vivida, por meio das vítimas mortais e vestígios imorredouros, reflete a capacidade humana de deixar marcas que transcendem a efemeridade da existência física. Assim, a incursão ao cemitério instigou uma profunda reflexão sobre a natureza da vida e da morte, convidando os/as bolsistas a se confrontarem com a própria mortalidade e a considerarem o significado e o propósito de suas ações no mundo. A diversidade dos túmulos também evidencia a riqueza e complexidade da experiência humana, bem como a importância de preservar as memórias e histórias de cada indivíduo.

O trabalho de campo realizado pelo PET Práxis mostrou-se uma experiência de aprendizado significativo, onde a teoria e a prática se entrelaçaram, enriquecendo a compreensão dos bolsistas sobre a geografia humana e a importância dos espaços simbólicos. Uma reflexão sobre a mortalidade e a imortalidade vivida despertou uma consciência mais profunda sobre a efemeridade da vida individual. Dessa forma, uma visita ao Cemitério Municipal Pio XII de Erechim não apenas enriqueceu a percepção geográfica dos bolsistas, mas também transmitiu uma oportunidade para refletir sobre questões existenciais e sobre o significado das ações humanas no contexto do tempo e da eternidade. A compreensão das ideias de Hannah Arendt e sua conexão com a observação dos túmulos trouxe uma perspectiva filosófica enriquecedora, ampliando o entendimento sobre a relação entre a finitude da vida individual e a busca por uma imortalidade vivida através das imagens humanas.

Em síntese, essa atividade de campo e a reflexão subsequente no cemitério foram marcadas por uma valiosa jornada de aprendizado, que trouxe à tona questões fundamentais sobre a condição humana, a memória e a perpetuação dos legados. Essa experiência certamente deixará uma marca duradoura nos bolsistas incentivando-os a buscar o conhecimento, promover suas ações e contribuir de forma significativa para a sociedade, na busca por um sentido de imortalidade vivida que transcenda os limites temporais de suas vidas individuais.

Referências

ARENDR, H. **A Condição Humana**. Forense Universitária. 2007

ALÉM DAS APARÊNCIAS: REFLEXÕES A PARTIR DA INCURSÃO DO PET PELA COMPLEXIDADE URBANA DE ERECHIM

*Cecília Hauffe de Lima*³⁸

Em 11 de maio de 2023 ocorreu uma importante incursão protagonizada pelo Programa de Educação Tutorial (PET) - Práxis, vinculado à Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Este evento, executado por meio do projeto PETCOM, visou a realização de uma enriquecedora visita pelos diversos bairros de Erechim. Acompanhados pelo tutor Reginaldo José de Souza e pela professora Paula Lindo, docente de Geografia na referida universidade, os participantes percorreram um itinerário abrangente, abarcando os bairros São Cristóvão, Aeroporto, Petit Village, Cristo Rei, Estevam Carraro, Distrito Industrial, Florestinha, José Bonifácio e Esperança. O clímax dessa jornada reveladora foi marcado por uma significativa parada no Cemitério Municipal Pio XII, o que permitiu desvelar camadas profundas da realidade urbana que, à primeira vista, permanecem ocultas.

Inicialmente, Erechim se mostrou como um cenário quase perfeito, com uma infraestrutura sólida e os habitantes aparentemente satisfeitos. No entanto, à medida que nos afastamos do centro, os véus dessa imagem começaram a se dissipar, revelando uma realidade muito distante daquilo que a primeira impressão sugeria. À medida que adentramos nos bairros, percebemos que as aparências eram relativas e que a cidade enfrentava desafios mais complicados do que imaginávamos. Sob a fachada de prosperidade, surgiam cenas de empobrecimento que não eram visíveis inicialmente.

A discrepância entre os bairros periféricos, situados nos limites geográficos distantes do epicentro urbano, e aqueles que se encontram mais próximos do centro revela-se de maneira indubitável. Nesse contexto, torna-se incontestável a presença ubíqua da lógica capitalista, em que os centros urbanos gozam de uma infraestrutu-

38 Acadêmica do curso de História - Licenciatura na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) - Campus Erechim. Bolsista do Grupo Práxis - Programa de Educação Tutorial/Conexões de Saberes (PET/FNDE). E-mail:ceciliahauffelima@gmail.com.

ra de qualidade, enquanto bairros periféricos, à margem do coração vital da cidade, afundam em um panorama de miséria e carências. Para além das questões já mencionadas, a impactante assimetria nas condições habitacionais se impõe como uma realidade cruel. Um considerável número de famílias é compelido a enfrentar a vida cotidiana em moradias precárias. A falta de investimento nas áreas periféricas não apenas restringe o acesso a ocupações decentes, mas também prejudica o desenvolvimento econômico dessas localidades.

Nesse sentido, a nossa incursão pelo cenário dessas comunidades tem se transformado em uma oportunidade para reflexão acerca da maneira pela qual tais grupos populacionais subsistem e enfrentam os desafios cotidianos. A ausência notória de políticas públicas voltadas para o desenvolvimento de infraestruturas básicas, nos proporciona um olhar claro sobre a necessidade de que essas comunidades, há tanto tempo negligenciadas, têm de medidas abrangentes e pertinentes às suas necessidades.

A dicotomia que emerge ao compararmos com os bairros adjacentes ao centro da cidade, a exemplo de José Bonifácio e Esperança, revela-se substancial e significativa. Estes bairros, em marcante contraste, ostentam uma ótima infraestrutura, respaldada por uma gama abrangente de serviços públicos e de recursos econômicos. Além disso, distinguem-se por desfrutar de um padrão elevado de qualidade de vida.

O sereno ambiente do Cemitério Municipal Pio XII, a última parada da nossa jornada, proporcionou uma oportunidade singular para uma reflexão mais profunda acerca da fugacidade da existência humana e da inescapável realidade que todos compartilhamos: a finitude representada pela morte. Esse momento de introspecção profunda incita questionamentos mais complexos sobre o papel singular que cada indivíduo desempenha na construção do tecido social, almejando uma sociedade de maior justiça, inclusão e solidariedade.

Portanto, a incursão de campo, transcendeu os limites da mera exploração dos bairros de Erechim, desdobrou-se em uma experiência enriquecedora e reveladora. Esta jornada foi muito mais do que um simples exercício de observação; ela representou uma imersão profunda nas complexas camadas que moldam as realidades dessas comunidades. A vivência durante essa visita não apenas ressoou de maneira significativa, mas também ecoou como um chamado inegável para ação contínua e transformadora. Assim, é preciso ressaltar que os efeitos decorrentes dessa incursão transcenderam os limites temporais e espaciais do próprio evento. Tais repercussões perduram, engendrando uma conscientização e incutindo um inabalável senso de responsabilidade coletiva. Ao longo dessa jornada, os participantes, ao serem confron-

tados com as flagrantes disparidades sociais e os desafios prementes, tiveram uma oportunidade de refletir e rever conceitos acerca do funcionamento da sociedade. Através da assimilação dessas experiências, instigaram-se diálogos internos e interações externas que fomentaram a percepção da imperiosidade de mudanças concretas.

Nessa conjuntura, a visitação mediada pelo projeto PETCOM, transcendeu as fronteiras da mera exposição das múltiplas nuances que compõem a realidade em Erechim. Ela ressoou como um chamado ao engajamento, estimulando um ímpeto de ação que é ao mesmo tempo resiliente e progressivo. Diante de nós, agora, reside um véu de incertezas que nos instiga a questionar de que maneira a Universidade Federal da Fronteira Sul pode ser entrelaçada a essas realidades complexas. Como podemos assumir um autêntico papel de agentes catalisadores de transformações efetivas? A resposta a esse desafio premente repousa na capacidade de forjar uma interação genuína entre o cenário acadêmico e as dinâmicas pulsantes da comunidade erechinese. A integração que buscamos não é meramente superficial, mas, sim, uma fusão que promova impacto concreto e mútuo enriquecimento. Nesse sentido, o caminho para se tornar um vetor de mudanças substanciais exige a adoção de estratégias transformadoras e de uma abordagem abrangente, permeada pelo compromisso social.

COMO DESCREVER A CIDADE?

Cleiton Turski da Silva³⁹

Alex Dos Santos⁴⁰

*Descrever a cidade com meus olhos fechados
Para a desigualdade seria um ato desleal?*

*Descrever a cidade com a esperança que
tudo aquilo que eu tenha visto não fosse real?*

*Descrever a cidade tendo acesso a mantimentos seria
da mesma forma dos que se encontram sem nada aqui?*

*Descrever a cidade seria fácil se
eu não estaria morando aqui?*

*Descrever a cidade com meu olhar julgador
seria um fardo para os observadores?*

*Descrever a cidade limpa e sem resquícios
de pobreza eliminaria a minha dor?*

*Descrever a cidade com ruas sem marginalidade
e desigualdade seria uma necessidade?*

(Cleiton Turski da Silva)

Após a leitura dessa poesia, gostaríamos de convidar a observar a citação de Max Scheler:

Por força de seu espírito, o ser que denominamos “homem” não consegue apenas ampliar o meio ambiente até o interior da dimensão da mundaneidade e objetivar resistências, mas ele também consegue - e isto é o mais espantoso - objetivar uma vez mais a sua própria constituição fisiológica e psíquica e cada vivência singular psíquica, cada uma de suas funções vitais mesmas. Apenas por isto ele pode modelar livremente sua vida. O animal ouve e vê - mas sem saber que ouve e vê. A psiche do animal funciona, vive - mas o animal não é nenhum possível psicólogo ou fisiólogo. Por força de seu espírito, o ser que denominamos “homem” não consegue apenas ampliar o meio ambiente até o interior da dimensão da mundaneidade e objetivar resistências, mas ele também consegue - e isto é o mais espantoso - objetivar uma vez mais a sua própria

39 Acadêmico De Licenciatura em Filosofia e Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET PRÁXIS Conexões de Saberes/Licenciaturas). Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Erechim. *E-mail:cleitonturskii@gmail.com.*

40 Acadêmico De Licenciatura em Filosofia e Bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET PRÁXIS Conexões de Saberes/Licenciaturas). Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Erechim. *E-mail:alexfilosofia11@gmail.com.*

constituição fisiológica e psíquica e cada vivência singular psíquica, cada uma de suas funções vitais mesmas. Apenas por isto ele pode modelar livremente sua vida. Por força de seu espírito, o ser que denominamos "homem" não consegue apenas ampliar o meio ambiente até o interior da dimensão da mundaneidade e objetivar resistências, mas ele também consegue - e isto é o mais espantoso - objetivar uma vez mais a sua própria constituição fisiológica e psíquica e cada vivência singular psíquica, cada uma de suas funções vitais mesmas. Apenas por isto ele pode modelar livremente sua vida (Scheler, 2013, p. 39).

O trecho enfatiza que os seres humanos possuem uma qualidade especial chamada "espírito" que os distingue dos outros animais. Essa qualidade lhes permite fazer mais do que apenas perceber o mundo à sua volta; eles têm a capacidade de trazer elementos do mundo exterior para dentro de sua própria compreensão. Eles não apenas enfrentam os desafios do ambiente, mas, também, podem transformar esses desafios em conceitos e até mesmo em parte de sua identidade. Scheler ressalta que essa habilidade é especialmente notável porque os seres humanos podem não apenas observar o mundo e reagir a ele, como os animais fazem, mas também podem refletir sobre seus próprios corpos, mentes e experiências individuais. Isso significa que os seres humanos podem ter um entendimento consciente de suas funções corporais e processos psicológicos. Eles têm a capacidade de perceber e entender suas emoções, pensamentos e sensações de maneira única.

Essa capacidade de autoconhecimento e autorreflexão é o que permite aos seres humanos moldar suas vidas de maneira livre e consciente. Eles podem usar seu entendimento de si mesmos e do mundo para tomar decisões, definir objetivos e escolher como desejam viver. Isso é contrastado com os animais, que vivem de acordo com seus instintos e não possuem a mesma consciência reflexiva de suas ações e identidade. Ou seja, o trecho enfatiza a distinção entre os seres humanos e os animais em termos de autoconhecimento, reflexão consciente e capacidade de moldar a própria vida. Também se destaca a importância da dimensão mental e espiritual na experiência humana.

Nessa perspectiva, a poesia "Como descrever a cidade?", de Cleiton Turski da Silva, parece abordar uma interação complexa entre diferentes perspectivas e experiências na descrição de uma cidade. A poesia parece explorar a dualidade entre as realidades percebidas por diferentes grupos de pessoas na cidade e as emoções associadas a essas semelhantes. O poema questiona sobre a possibilidade de ignorar as disparidades e injustiças sociais ao descrever a cidade de forma idealizada. A segunda estrofe sugere uma esperança de que o que foi testemunhado não seja real, o que pode indicar um desejo de escapar das dificuldades e das realidades desafiado-

ras da cidade. As estrofes subsequentes parecem abordar a questão da disparidade econômica e social na cidade. Descrever a cidade como espaço em que se tem acesso a recursos básicos como comida, seria uma representação justa para aqueles que são privados desses recursos? A poesia também questiona se é possível entender administrativamente a cidade se não se viver nela e se não se enfrentar as mesmas dificuldades que muitos moradores enfrentam.

A abordagem crítica do olhar do poeta e a ideia de julgar a cidade podem se referir à responsabilidade de quem descreve a cidade de forma objetiva ou subjetiva. Há também uma reflexão sobre o fardo potencial que tal descrição carrega para aqueles que observam e para o próprio poeta. A última parte da poesia questiona se uma descrição utópica da cidade, livre de problemas como pobreza e marginalidade, seria uma necessidade. Isso levanta questões sobre como a representação idealizada da cidade pode impactar a percepção das dificuldades reais que os adversários enfrentam. Em suma, a poesia parece explorar temas como desigualdade social, perspectivas subjetivas e objetivas, o papel do observador na descrição da cidade e as complexidades de representar uma realidade urbana multifacetada.

A interligação entre a poesia “Como descrever a cidade?”, de Cleiton Turski da Silva, e a citação de Max Scheler revelam uma exploração profunda da experiência humana e da capacidade de compreender e interagir com o mundo de maneira única. Tanto a poesia quanto a citação enfatizam a singularidade do ser humano ao transcender a mera percepção sensorial e se envolvem em um processo de reflexão e objetivação, permitindo a moldagem consciente e livre de suas vidas. O trecho de Scheler aborda a distinção entre os seres humanos e os animais, ressaltando a capacidade humana de objetivar não apenas o ambiente externo, mas também a própria natureza fisiológica e psíquica, bem como as experiências internas e funções externas. Isso capacita os seres humanos a modelar suas vidas com base em um entendimento consciente e reflexivo de si mesmos e do mundo ao seu redor.

Na mesma linha, a poesia trata das diferentes perspectivas ao descrever uma cidade. Ela aborda as complexidades da observação, não apenas como um ato objetivo, mas também como um ato subjetivo influenciado por experiências individuais, provas e julgamentos. A poesia questiona a imparcialidade da descrição, considerando a desigualdade social e a compreensão de diferentes realidades dentro da cidade. Ela também levanta a reflexão sobre o impacto emocional e a responsabilidade de quem descreve a cidade, especialmente diante das diferenças entre os que têm e os que não têm acesso a recursos básicos. Ao conectar esses conceitos, vemos que a

capacidade humana de objetivar e refletir não apenas influencia, como as pessoas compreendem a cidade, mas também como elas constroem suas próprias realidades. Assim como o ser humano pode objetivar suas vivências internas, ele também pode objetivar a cidade de maneiras diversas, considerando suas próprias experiências e compreensão consciente de sua relação com o ambiente urbano.

Portanto, a reflexão filosófica e a poesia se unem para destacar a rica e complexa interação entre a mente humana, as experiências vividas e a interpretação do mundo à nossa volta. Ambos os textos convidam à contemplação sobre a capacidade singular do ser humano de moldar suas vidas com base em uma compreensão profunda de si mesmo e de seu contexto, enquanto enfrenta os desafios da realidade.

Referência

SCHELER, M. **A Posição do Homem no Cosmos**. Tradução de Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

UMA GENEALOGIA DO ESPAÇO E DA PAISAGEM DA CIDADE DE ERECHIM PELA CATEGORIA DO OLHAR

Eduarda Dumke Ribas⁴¹

Introdução

O presente artigo se concentra na observação que foi feita a partir da saída de campo para a ação do PETCOM, no dia 11 de maio de 2023, com o Tutor Reginaldo José de Souza (mais conhecido como Régis) e a professora convidada Paula Lindo (Geografia-UFFS), na cidade de Erechim, onde visitamos diferentes espaços urbanos não centrais, a fim de elaborar reflexões daquilo que nos cerca e perceber as diferentes roupagens que a cidade veste. Fazendo as reflexões acerca das observações, a autópsia do olhar ao modo de Heródoto, se fez predominante em particular nessa saída de campo e que invoca a ajuda da metodologia da genealogia e da arqueologia dos saberes para pensar as distribuições desniveladas e desiguais da cidade, em particular, a de Erechim.

A partir do projeto “Cidade não Vista”, da professora Paula Lindo, que viabiliza a análise da cidade dividida em duas, uma que limita a linha férrea e a BR-153 e outra fora desses limites. Considerando essa pesquisa e aquilo que foi visto e comentado na saída de campo, o artigo sugere a leitura genealógica que passa pelo olhar dos espaços e da paisagem urbana formados por disputas de poderes, logo, de saberes e entende essa formação do que é o espaço como histórico e cultural, para se opor à narrativa hegemônica da cidade como “Capital da Amizade”. Terminando no cemitério, o artigo volta o olhar para a morte como destino democrático para todos, um *contra-espaço*, mas não vivido de modo igual, pois há formas que levam um ou outro para o caixão são distintos e a forma como o futuro póstumo é vivido pelos que ficaram, também.

41 Acadêmica do Curso de História Licenciatura na Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Erechim. Bolsista na mesma instituição no PET-Práxis Conexões de Saberes e voluntária, na mesma instituição, no Projeto Anjo da História. E-mail:

Genealogia e Arqueologia da paisagem

O processo de exclusão não é dito no projeto espacial, ou na falta dele, quando a cidade se forma, mas pode ser visto a partir de uma genealogia do olhar, que aqui proponho para esse recorte da paisagem de alguns lugares/bairros visitados da cidade de Erechim.

O método genealógico é assim, como a disciplina histórica quando comprometida com outras perspectivas: tornar visível aquilo que está oculto, ou o que não está nos discursos previamente selecionados e classificados. Por isso, a partir dessa metodologia de Foucault, a genealogia ajuda a entender que a formação espacial não está dada naturalmente, mas sim, entendendo que ela se dá historicamente e suas origens, não se busca uma essência, mas o que se encontraria seriam os múltiplos estratos que a forma.

Na sua *Microfísica do Poder* de 1979, Foucault destrincha no texto *Genealogia e Poder* sobre o que pretende com a metodologia de genealogia. Apesar de seu método estar argumentando sobre a formação dos saberes históricos e deslocação do olhar para outros objetos e sujeitos que não comungam por uma universalidade e cientificidade positivista dos saberes, os dois métodos, fornecem-nos aportes que descentralizam e desfocam um único modo de tratar da paisagem e espaço vistos na cidade de Erechim. A genealogia é aquilo que mapeia a árvore da família, quase como um fio que é tecido seguindo um modo de fazer história daquilo que não está dito, nem visto de modo crítico, não num sentido de naturalização, mas de aproximações locais e não generalizadoras. Foucault, com sua genealogia, propõe uma libertação dos saberes. A aplicabilidade dessa genealogia na paisagem de Erechim é desfazer esses fios tecidos de que a cidade é apenas o bairro centro, projetado e construído seguindo modelo positivista de ordem e organização. É preciso olhar para as tantas paisagens da cidade que fogem dessa regra central. Com a genealogia são buscados outros modos da formação da cidade que não estão ditos na história oficial, e nesse caso como uma autópsia do olhar que lança sobre a paisagem e é capaz de perceber os sedimentos, e aquilo que não foi e não é revolvido.

A atividade de arqueologia é uma metáfora que acompanha a genealogia e se coloca em entender a discursividade local sobre os saberes ali não “canonizados” na oficialidade da história da cidade, os vários saberes que não se mostram num documento “oficial” e, então, é preciso fazer uma atividade arqueológica para os encontrar. Nesse caso, não foi estabelecido uma arqueologia para a paisagem de Erechim, o

trabalho não nos permitiu uma aproximação com esses vários saberes sobre a formação dos bairros, mas o gesto do olhar, um olhar de fora que se coloca dentro, *within*, procura dar conta parcialmente quando se entende os variados saberes e agentes do ramo de imóveis e da construção civil que deram forma ao bairro longe de uma lógica de projeto da prefeitura. Com esses dois métodos, busca-se enfrentar as várias espacialidades desiguais, em termos de acesso a serviços na cidade de Erechim, começando por orientar pelo espaço e sua elaboração, usando os sentidos primordiais do trabalho de campo: os olhos e os ouvidos.

Autópsia da paisagem

Um dos instrumentos operado pelo historiador na antiguidade era ter o par olhos e ouvidos, assim destacado por Hartog na obra *O espelho de Heródoto*, de 1999, para fazer a retórica da alteridade para a escrita, quando fala do conceito polissêmico que formou a atividade historiográfica na era moderna. O olhar como aquele que enuncia a alteridade que será constatada no momento da escrita daquilo que se viu e ouviu. Ou seja, o testemunho do olhar foi um dos principais instrumentos biológicos na antiguidade, mais especificamente para Heródoto na escrita de sua obra *Histórias*. “*Preferimos a vista a todo resto*”, (Aristóteles apud Hartog, 1999). De Heródoto aos bolsistas do PET Práxis, a questão do olhar foi o primeiro instrumento daquela saída de campo. Mas, sem querer reivindicar uma herança da antiguidade de que o olho era a prova de descrição mais fidedigna daquilo que foi visto, pois, foram muitos pares de olhos que viram coisas mesmas, mas descrevem coisas diferentes. Parece ser aqui que os muitos modos da dialética da paisagem e dos olhos se encontram quando as muitas lentes das ciências humanas focaram as camadas da cidade de Erechim partindo de suas áreas. O historiador, como viajante, olha para aquela paisagem e pode fazer seu trabalho de campo, quase que a modo de Heródoto, de ver e fazer ver pelo seu testemunho. O ponto de partida do olhar é primordial para o historiador fazer valer não só os muitos tempos que ali transcorreram para a formação da cidade, que esta percepção do tempo só é possível quando as muitas arquiteturas ali se fazem ser vistas e revelam mais que o concreto, mas revelam os desnivelamentos sociais. É saber ver e criar uma outra categoria de “Cidade não vista”.

A categoria do espaço/paisagem pode ser tomada a partir do conceito de região, que segundo Durval Muniz de Albuquerque Júnior, não está previamente na natureza, não é um dado natural, mas social e histórico. Assim é com a categoria do espaço, não é apenas uma constituição natural e depois uma ação antrópica, é um

recorte, que antes de ser uma materialização é uma manifestação discursiva para tornar-se um espaço possível e não outro. Por trás da formação espacial há as disputas e sobreposições temporais marcando as alterações na paisagem, como pode ser percebido em muitos dos bairros visitados de Erechim. Se o ponto não focar os olhos na parte central, esses bairros nos dão um panorama distinto daquela imaginada como “Capital da Amizade”. Basta cruzar a BR para se deparar com o Outro da cidade, que se constrói como Outro quando os ditos, já muito popularizados, “vamos ir pra cidade”, ou “vamos ir pra Erechim”, estes se referem ao bairro central projetado dentro de limites arquitetônicos dentro de projeto de ordem urbana. Parece que há aí uma limitação e constituição de novos espaços, que não surgem ao acaso. Há, nessa separação por uma BR, uma divisão de corpos que são dignos de pertencer à cidade “Capital da Amizade” e corpos que estão em um espaço que sobrou sem um projeto arquitetônico. Ou seja, o aparecimento de bairros como Progresso, Aeroporto, São Cristóvão, por exemplo, foram organizados ao modo de urgências, quando excluídos da lógica organizada do centro. Não se trata de colocar os bairros periféricos, que se formaram e ainda se formam em decorrência de não projetos, como desorganizados em termos arquitetônicos, mas de usar a autópsia para ver que o que vem tomando conta da lógica organizacional desses bairros é de ordem privada como as imobiliárias e o ramo da construção civil, muito presentes na cidade de Erechim. Será preciso tirar as lentes da “Capital da Amizade”, para ver a formação de uma cidade que aos poucos vai se verticalizando e se padronizando em um modelo arquitetônico único, que segundo Benjamin, é mais perceptível de se ver a reprodutibilidade técnica pois está no nosso campo de visão coletivo.

Cemitério como futuro póstumo

A Morte, o cemitério são remediadores da diferença e da alteridade que se encontra nos diferentes bairros de Erechim. Ainda assim é marcador de quem se é. A última parada ter sido um cemitério, especificamente o Cemitério Pio XII, não é para ser irônico, mas sim marcar o destino irremediável de todos nós.

Ainda que seja morador de espaços antes ou depois da BR, ao passo que ela encerra as diferenças, a morte não faz distinção pelo menos no sentido de morrer, perder a vida, deixar de existir, é preciso entender que o ritual em torno do morto e da sua memória ainda é vivido de forma distinta.

Nos relatos descritos por Heródoto, em suas *Histórias*, marcou-se a diferenciação de se ritualizar a morte para pessoas comuns e para os Heróis, estes últimos

enterrados nos portões das cidades ou nas fronteiras como simbolismo de resguardo do lugar que morreu protegendo. Desde a antiguidade, houve uma preocupação com a morte e com a preservação do morto e de dar uma roupagem pós-morte à arquitetura do túmulo.

São as primeiras impressões que se tem ao entrar em um cemitério. Sim, estar morto é o destino de todos, o não-dito da morte é como cada um chega até ela. Não se esqueça de casas muito humildes vistas em bairros da cidade, casas improvisadas e em lugares inapropriados. As pessoas que ali vivem vão experimentar a forma de morrer muito distinta de alguém do bairro que se forma no Vale Dourado. Porém, o espaço do cemitério é dito, por Foucault, como uma heterotopia. *Contra espaços sagrados e secretos*. Pontua-se que as heterotopias, e coloca-se aí o cemitério, “tem como regra justapor em um lugar vários espaços que, normalmente, seriam ou deveriam ser incompatíveis. Por isso do afastamento de muitos cemitérios do urbano e por isso da própria distinção de enterrar os heróis na entrada das cidades e não no cemitério comum. Por isso, há distinção no ritual de sepultamento, mesmo o cemitério sendo espaço comum.

Considerações finais

Tomar esses espaços visitados e seus aspectos particulares, a partir daquilo que é proposto pelo método da genealogia, possibilita que a cidade de Erechim seja narrada por um outro modo que não o de uma cidade que é só positivista e projetada a partir de projetos oficiais arquitetônicos, ao contrário, narrada por pares de olhos e pelas narrativas não oficiais de seus moradores: tudo que envolve o deslocamento da oficialidade e dureza dos documentos mobiliza a memória, o olhar e os sentimentos.

Em vista de devolver uma narrativa a partir do outro lado da BR e de outros bairros que se aproximam mais do bairro Centro, o olhar foi o único tópico possível para entender as diversas manifestações de paisagens que não simplesmente foram surgindo, mas à revelia de um projeto oficial, formaram-se historicamente por aqueles que não se sentem pertencentes à cidade, por sentirem que, assim, também se construíram os bairros dos quais são moradores.

Referências

Foucault, Michel. Genealogia e Poder. *In*: Foucault, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 14 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

Foucault, Michel. As Heterotopias. *In*: Foucault, Michel. **O corpo utópico, As heterotopias.** Tradução Salma Tannus Muchail. -- São Paulo Edições, 2013.

Hartog, François. Eu vi, eu ouvi. *In*: **O espelho de Heródoto.** Ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

ASSISTÊNCIA SELETIVA: PESQUISA DE CAMPO PELOS BAIRROS DE ERECHIM E UMA REFLEXÃO ACERCA DAS DIFICULDADES DO ENSINO POPULAR NO MUNICÍPIO

Helena Kanieski Cariolato⁴²

Com o intuito de ter maior liberdade de observação e reflexão acerca de seus objetivos com a comunidade, no dia onze de maio de dois mil e vinte e três, o Programa de Educação Tutorial PET Práxis - Licenciaturas, da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Erechim, por meio do projeto PETCOM, protagonizou uma viagem com a duração de uma tarde inteira por diversos bairros da cidade de Erechim que evidenciassem uma vista ampla das nuances econômicas e culturais da sociedade. O itinerário do trajeto foi liderado pelo professor tutor Reginaldo José de Souza e pela professora convidada Paula Lindo, ambos docentes de Geografia.

A partir de narrativas de conhecimento aprofundado do material estudado pelos professores, o grupo percorreu por uma seleção de bairros específicos da cidade que dessem embasamento prático das ideias estudadas, até então, sobre educação popular e a chamada “sociedade do risco. A viagem contou com a observação de bairros como o São Cristóvão, Aeroporto, Petit Village, Cristo Rei, Estevam Carraro e Distrito Industrial, até um retorno ao conjunto central do planejamento da cidade para comparações palpáveis e facilmente perceptíveis por bairros mais estruturados economicamente, como o José Bonifácio e Esperança, sendo esse último uma adição recente à Erechim e possuindo diversos contrastes claros entre duas divisões sociais da cidade, uma mais negligenciada e outra, voltada às aparências de fatores econômicos mais altos.

Por fim, antes de retornar à universidade, foi visitado e estudado o Cemitério Municipal Pio XII, com a intenção de finalizar essa viagem de estudos em um tom mais

42 Acadêmica do curso de licenciatura em História da UFFS. Voluntária no grupo PET Práxis - Conexões de Saberes/Licenciaturas. E-mail: helenacariolato@estudante.uffs.edu.br.

reflexivo em um local considerado epítome de todas as resultantes teóricas exemplificadas até então, por possuir segregação espacial entre pessoas já falecidas, como um reflexo direto da sociedade viva observada ao longo do dia.

O coeficiente elementar do surgimento e expansão dos primeiros bairros observados se mostrou ser o relevo e a apropriação de espaços. Ao transitar e observar alguns dos bairros mais populares de Erechim, alguns deles ocupando a chamada franja urbana - beira da cidade, fronteira -, uma das características mais definidas eram os arruamentos improvisados, a disposição do asfalto de modo mais "intuitivo", seguindo o fluxo da construção das moradias cujo o método principal é encaixe e acomodação umas entre as outras, com pouco zelo - ou poder monetário - pela eficiência ou aprimoramento das obras (no chamado "processo espontâneo" de ocupação espacial) e, geralmente, uma disposição nem um pouco estética de emblemas político-sociais que não costumam ser vistos em outras localidades mais "estruturadas", como o sucateamento dos recursos naturais à vista por lixo e esgoto mal administrados. A resultante de todos esses fatores emblemáticos se mostrou ser um crescimento de uma sociedade negligenciada, "escanteada" e pouco vista pela administração pública da cidade.

Muitos dos problemas encontrados a partir de estudos e reflexões feitas pelo grupo ao observar os ditos bairros, são provenientes da estrutura precária. Como o arruamento não permite muitos movimentos de deslocamento - acesso de automóveis - uma parte da população com mais dificuldade de mobilidade se torna desamparada diante das necessidades de locomoção, como a terceira idade e a comunidade PCD, visto que, por maior distanciamento desses bairros da cidade central, a conexão com serviços indispensáveis é dificultada.

Um grande signo tangível da resultante entre os estudos prévios regidos pelo PET e a visita tática desses lugares foi a dificuldade de acesso aos estudos por parte das populações residentes, não só teoricamente, mas como acesso físico às escolas; o transitar das crianças na estética rústica de arruamento é difícil e perigosa, notado que a dispersão de dejetos pelo caminho é vasta e, como consequência da espontaneidade das construções, não há amplas disponibilidades de calçadas para pedestres ou muita segurança ao caminhar pelas ruas asfaltadas de forma precária: inviabilizando a chegada de transportes escolares ou ônibus do município que permitem deslocamento até as universidades e escolas locais e, pelo afastamento dos bairros, deslocamento a pé.

Seguindo o curso da pesquisa de campo, os professores orientaram o grupo à segunda parte da viagem, percorrendo alguns bairros mais planejados e assistidos

de Erechim. O intuito principal da observação e comparação entre as localidades foi de evidenciar as vantagens territoriais entre as populações de cada lugar, como a ausência de expansão de garagens e galpões para trabalho e a preponderância de cercas elétricas, calçadas e falta de pessoas nas ruas (pois, supostamente, possuem amparos estruturais dentro de casa para entretenimento tecnológico), regendo um questionamento levantado no grupo pelos participantes das visitas guiadas sobre o advento do fetiche da privatização das classes mais ricas diante dos alicerces da pobreza na história. A manipulação de tipos diferentes de materiais destinados apenas a esses bairros mais assistidos é evidente, como tipos diferentes de telhas e proteção de muros - ao invés de eletricidade, as proteções nos bairros visitados anteriormente eram feitas de forma caseira, com cacos de vidro.

De maneira a finalizar o percurso sintetizando as realidades vistas ao longo do itinerário da viagem, o grupo foi levado ao cemitério mais tradicional da cidade, comportando jazigos das famílias mais detentoras de posses que já passaram por Erechim e, por outro lado, túmulos unitários baratos, como em um cenário montado do reflexo social. A reflexão acerca dos ideais implantados no cemitério, em comparação aos bairros vivos do município, foi sobre a disponibilidade seletiva de oportunidades até depois do desligamento das pessoas de uma sociedade hierarquizada.

Dois bairros próximos, um ao lado do outro, podem oferecer dois tipos de vida completamente diferentes a um residente de Erechim: asfaltamento planejado, deslocamento seguro para a escola e de volta para casa, moradia construída em padrão confortável, acesso à tratamento de saúde rápido e eficaz, boa administração do esgoto e dos dejetos da cidade e acesso ao ensino superior. Por outro lado: ambientes hostis e vulneráveis, que apresentam diversas periculosidades na mobilidade entre um local ao outro, levando a que o acesso às escolas e à universidade não sejam priorizados.

EREXIM - CAMPO PEQUENO PERIFÉRICO

*Natan Pinheiro Urban*⁴³

As aulas de campo têm como objetivo facilitar e auxiliar a comunicação e aprendizagem dos discentes, vem sendo considerada uma estratégia didática, que visa servir além da teoria em sala de aula, ou seja, buscar leituras de espaços geográficos e análises dessas áreas, sejam elas urbanas, rurais ou periféricas.

A excursão organizada pelo PET - Práxis, ocorrida no dia 11 de maio de 2023, visou realizarmos trabalho de campo por diversos bairros de Erechim, fomos acompanhados pela docente da área de geografia, Paula Lindo, juntamente com o tutor do PET, Reginaldo José de Souza, os participantes percorreram os bairros São Cristóvão, Aeroporto, Polleto, Progresso, baixada Cristo Rei, Petit Village, área industrial, Estevam Carraro, Florestinha, Esperança e, por fim, o cemitério municipal Pio XII, que nos permitiu analisarmos diversas camadas urbanas.

Ao analisarmos essas mesmas camadas, nota-se que a parte mais rica e com moradores que pareciam satisfeitos ficava mais na região central, e quanto mais nos afastamos do centro, percebemos que esse cenário bem estruturado não alcançava esses mesmos bairros, onde alguns eram totalmente tomados pela pobreza, falta de estrutura e sem saneamento básico.

Nota-se muitas diferenças até mesmo no formato das ruas dos bairros mais periféricos e dos bairros mais nobres de Erechim, nos nomes das mesmas, na proporção, tamanho e arquitetura das casas, nos lugares de lazer como praças, podemos analisar que, nos bairros nobres, essas praças possuem playgrounds e brinquedos de qualidade nova e bem preservada, enquanto nos bairros periféricos não se têm tanto cuidado assim, casas feitas em morros tem uma estrutura especificamente feita para ocupar esse tipo de terreno, já nas periferias percebemos que não se teve essa preocupação, são apenas famílias ocupando, sem supervisão ou algo parecido.

Através do contexto urbano, visto na excursão, os participantes notam que essas camadas seguem desequilibradas e que essas áreas periféricas continuam sem aten-

43 Acadêmico do curso de História-Licenciatura na Universidade Federal da Fronteira (UFFS) - Campus Erechim. Bolsista do Grupo Práxis - Programa de Educação Tutorial (PET). E-mail: urb4n022@gmail.com.

ção, auxílio e cuidado, e mesmo sendo uma cidade pequena e de interior, apresenta uma grande diferença de um bairro menos privilegiado e de outro com estrutura melhor pensada, obviamente as áreas periféricas abrigam, em sua maioria, trabalhadores de fábricas, indústrias, supermercados etc, enquanto os bairros nobres abrigam os donos ou gerentes dessas empresas.

No final da aula de campo, como já havia dito, finalizamos nosso trajeto no cemitério municipal Pio XII, onde também pode-se ver muita diferença do outro cemitério municipal, Santa Cruz, localizado no bairro Presidente Vargas, até mesmo nos nomes e sobrenomes das pessoas já falecidas enterradas lá, o Pio XII é mais próximo do centro, o Santa Cruz é o contrário, localiza-se também em uma zona periférica bem no meio do bairro, e as suas estruturas são bem diferentes de um cemitério para o outro. Essa incursão do PETCOM nos deu o gatilho de pensar em que situações a Universidade Federal da Fronteira Sul pode ser relacionada a essas realidades mais complexas, e por meio dessas diferenças, vistas de uma área para outra, possa atrair estudantes das periferias para ingresso na universidade pública.

REFLEXÃO SOBRE O PLANEJAMENTO URBANO DE ERECHIM

Marcelo Freire Simões Pires⁴⁴

O seguinte capítulo possui como meta apresentar uma reflexão das observações feitas durante a pesquisa de campo do dia 11 de maio de 2023, onde o grupo PET PRÁXIS foi apresentado uma análise crítica da organização urbana de Erechim junto da professora Paula Lindo, pelos bairros São Cristóvão, Petit Vilage, Aeroporto, Estevam Carraro, Distrito Industrial, Cristo Rei, Florestinha, José Bonifácio e Esperança, tentando entender como a desigualdade social existe desde região que os cidadãos moram, até onde são enterrados ou feitos seus lutos, totalizando com a relação estudantil dos moradores dessas regiões mais negligenciadas da cidade.

A partir da noção da existência de desigualdade social, conseguimos interpretar o espaço ao nosso entorno. A “franja urbana” é uma denominação sobre os arredores do centro de uma cidade onde o urbano e rural mesclam as periferias. Em Erechim, quando nós saímos da volta da Avenida 7 de setembro (Avenida principal da cidade localizada nos bairros Centro e Fátima), somos apresentados a bairros como São Cristóvão, Progresso e Cristo Rei. Bairros esses que conseguimos, junto da Professora Paula Lindo, interpretar sua organização (ou falta dela), percebendo, com as casas em morros, onde conseguimos ver a negligência em cima dos habitantes dessas regiões. Por fim, foi visitado e estudado o Cemitério Municipal Pio XII, com a intenção de finalizar essa viagem de estudos em um tom mais reflexivo.

O começo do trabalho de campo foi pelo bairro São Cristóvão, onde a primeira coisa que percebemos é que, mesmo com a proximidade ao seminário de Fátima, existe negligência. Conseguimos ver rapidamente a forma de distribuição espacial apresentada por casas em desníveis, a falta de manutenção da rua e do seu calçamento. No primeiro momento que paramos para analisar essa paisagem urbana, conseguimos nitidamente fazer a interpretação da diferença de capital explícita que já iríamos ver no decorrer da viagem.

44 Acadêmico de licenciatura em Geografia e bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET PRÁXIS Conexões de Saberes). Universidade Federal da Fronteira Sul (RS) - Campus Erechim (RS).E-mail: marceloopiress@gmail.com.

Fazendo uma análise crítica, consigo interpretar que existem bairros, em Erechim, que são deixados de lado. A falta de interesse municipal para fazer manutenções e ter os devidos cuidados com esses bairros se expressa até mesmo na falta de acessibilidade. Os bairros comumente localizados em desníveis grandes, e longe dos serviços indispensáveis que o centro possui, dificulta o acesso para a comunidade PCD e a comunidade idosa que necessita de ruas com assentamento correto, apoios para equilíbrio e mais proximidade desses serviços necessários.

Em seguida à apresentação desses bairros, fomos direcionados a analisar uma região que é mais delineada, sendo assim uma região com uma estrutura teoricamente melhor. Conseguimos ver que bairros mais próximos do centro como José Bonifácio e Esperança, possuem sim uma infraestrutura melhor, onde os cidadãos desses bairros conseguem ter uma qualidade de vida mais elevada em contrapartida a bairros marginalizados.

No fim do nosso trajeto de campo fomos ao cemitério Municipal Pio XII, iniciando com uma fala do tutor sobre o que deveríamos observar, ou seja, como são as sepulturas em comparação a outras, e a distribuição no cemitério. Começamos a perceber que famílias mais ricas possuem o dinheiro para fazer um jazigo. Nosso grupo se dispersou para fazer essa análise e interpretação espacial. E rapidamente conseguimos entender o que foi proposto, vendo a diferença socioeconômica em torno da própria morte, apresentada por tamanho de estátuas, fotos e espaço que ocupam no cemitério.

O trabalho de campo para análise crítica, feito pelo grupo PET PRÁXIS, se mostra necessário. A interpretação espacial permite ver que, dentro da cidade, existe uma divisão tão elitista, com a marginalização de bairros e um alto cuidado com outros. Isso demonstra o extremo diferencial econômico que a cidade vive. Conseguimos entender que, por conta dessa diferenciação econômica, existem dificuldades de acesso ao ensino, pela distância de uma instituição para o bairro e seu percurso, impossibilitando para algumas pessoas, por exemplo, até mesmo acessar a universidade pública.

PARTE III:

**O LUGAR DAS
TUTORIAS**

O PET QUE (VI)VI: REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO TUTORIAL

Thiago Ingrassia Pereira⁴⁵

Certa vez, no ENAPET realizado na UnB em julho de 2017,⁴⁶ em um dos espaços de discussão, chegamos a uma síntese que me parece muito relevante: *o PET é uma forma de viver a universidade*.

O que isso significa? Uma forma de viver trata do reconhecimento de lugares no mundo, de sociabilidades, de projetos, de planejamento de carreira e, sobretudo, em se tratando do ambiente universitário, um jeito de aprender e ensinar. A Educação Tutorial tem como concepção filosófica⁴⁷ central o trabalho em grupo, a resolução de problemas e a autonomia de seus sujeitos - docentes, discentes e comunidade regional. No limite, essa concepção deveria orientar o trabalho acadêmico a partir do tripé ensino, pesquisa e extensão previsto na Constituição Federal de 1988 e na LDB de 1996.

Resolvi, tendo as condições institucionais para isso, viver o PET. Como é de conhecimento na nossa universidade, tive a oportunidade de participar do Edital de 2010 que oportunizou a criação de novos grupos tutoriais. Naquele contexto, tínhamos uma universidade a construir. Era necessário instituir processos e ir desenvolvendo as atividades típicas do meio acadêmico, com a responsabilidade de trabalharmos a partir do projeto original da UFFS, qual seja, o de ser uma universidade pública e popular.

Com base nisso e considerando minha trajetória formativa como professor de Sociologia e Pós-Graduado em educação (mestrado e doutorado), investi na carreira do magistério superior que se descortinava. Darcy Ribeiro falava sobre a enorme alegria que um profissional da educação tem ao se envolver na construção de uma universidade. Ele tinha razão, pois é um trabalho exigente e muito gratificante.

45 Licenciado e bacharel em ciências sociais, mestre e doutor em educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com estágio de pós-doutorado em educação no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (UL). Professor da área de fundamentos da educação e docente permanente do PPGPE e PPGICH. Tutor do Grupo PET Conexões de Saberes Práxis-Licenciaturas (2010-2022). *E-mail:*

46 Disponível em: <https://petconexoesdesaberes-uffs.blogspot.com/2017/08/pet-praxis-presente-no-xxii-encontro.html>. Acesso em: 17 jun. 2023.

47 Vide Manual de Orientações Básicas do PET: <http://portal.mec.gov.br/pet/232-programas-e-acoes-1921564125/pet-programa-de-educacao-tutorial-645721518/12228-manual-de-orientacoes-pet>. Acesso em: 18 jun. 2023.

Nessa construção inicial, o Edital do PET foi algo muito significativo que me arrebatou desde o primeiro momento que tomei conhecimento da proposta. Havia ali um feliz “casamento”: de um lado, a possibilidade de trazer para a UFFS um Programa tradicional da universidade brasileira; de outro lado, o Edital apresentava a novidade de grupos PET na modalidade *Conexões de Saberes*, o que ia ao encontro dos pressupostos fundantes da UFFS (ser popular, inclusiva, focada na primeira geração de pessoas a chegarem ao meio acadêmico). Junto a isso, minha trajetória em pré-universitários populares em Porto Alegre, resultando na pesquisa de mestrado que defendi em 2007,⁴⁸ momento em que fui bolsista FNDE junto ao Programa Conexões de Saberes UFRGS, me seduzia à nova modalidade do PET. Esse fato é ratificado pela minha pesquisa de doutorado em andamento à época, defendida em 2014,⁴⁹ que tratou das classes populares na universidade pública a partir da experiência da UFFS em Erechim, Alto Uruguai gaúcho.

O Grupo PET, nomeado de Práxis-Licenciaturas, foi aprovado e entrou em funcionamento ainda no final de 2010, primeiro ano de atividades letivas da UFFS. Passávamos a fazer parte de uma grande rede nacional e, no âmbito local, de um segmento com outros quatro grupos tutoriais da UFFS. Como é típico de nossa experiência fundante da UFFS, assumimos o desafio de construir o PET junto com a universidade como um todo. Desde então, vivo o PET a partir do Práxis-Licenciaturas, modalidade Conexões de Saberes.

Dessa forma, meu compromisso com o PET se materializa em uma intensa atuação, seja na tutoria do Grupo, na constituição e participação frequente no CLAA/PET/UFFS⁵⁰ ou na presença em eventos petianos.⁵¹ Cada constituição do grupo de bolsistas, estudantes das licenciaturas do Campus Erechim, nos permitia repensar as estratégias formativas. Portanto, o PET é movimento, é interação, é trabalho em grupo e em constante transformação.

Em minha experiência, vivi a mudança da CAPES para o FNDE no custeio do PET. Cheguei a investir a verba de custeio por meio de cheque administrativo, portanto, antes da mudança para o manejo do cartão BB Pesquisa. Na mesma linha, vi surgir a plataforma Sigpet, o que melhorou fluxos administrativos do Programa, nos permi-

48 <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/10863>. Acesso em: 17 jun. 2023.

49 <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/98599>. Acesso em: 17 jun. 2023.

50 Entre tantas participações, fui recentemente representante suplente dos tutores, segundo a Portaria nº 285/PROGRAD/UFFS/2022, disponível em: <https://www.uffs.edu.br/atos-normativos/portaria/prograd/2022-0285>. Acesso em: 18 jun. 2023.

51 Participei de todas as edições do nosso evento interno (**SINPET**), que em 2022 chegou à sua 10ª sessão anual, assim como das duas edições (remotas) do **INTERPET**/UFFS. Tive a oportunidade de participar presencialmente das seguintes edições dos eventos petianos - **SULPET**: UEL (2015), UFRGS (2016), UFSC (2017); **ENAPET**: UFSM (2014), UFPA (2015), UFAC (2016), UnB (2017); **PETchê**: 1ª edição, UFSM (2019).

tindo um espaço próprio para homologação de bolsas, postagem de planejamento anual, relatório e prestação de contas da verba de custeio. É por meio do Sigpet que vinculamos bolsistas, bem como o desligamos pelos motivos previstos na legislação do PET - MOB, Portaria MEC nº 976/2010, alterada pela Portaria MEC nº 343/2013, além da Lei nº 11.180/2005.

Durante meu período de tutoria do PET Práxis-Licenciaturas eu registrei 56 estudantes, além dos nove atualmente integrantes do Grupo. Considerando as primeiras formações do nosso Grupo, seguramente já trabalhei com mais de 70 estudantes dos nossos cursos de licenciatura. Todas e todos ingressaram no PET por meio de processo seletivo regido por Edital público, marca do nosso compromisso com a transparência. Temos egressos(as) trabalhando na educação básica e outros(as) que seguiram os estudos em nível de pós-graduação.

Ser tutor do PET me permitiu viver o nosso desafio de qualificar a graduação. A proposta da Educação Tutorial é a construção de grupos que desenvolvam ações de ensino, pesquisa e extensão. Portanto, o PET não é um projeto relacionado a alguma atividade-fim da universidade, mas um Programa de formação acadêmica de excelência. A própria duração do período das bolsas do PET é diferenciada em relação a projetos de extensão, cultura e pesquisa. Entendo o PET como um espaço potente de ações formativas que desenvolvem a pesquisa, a extensão, a cultura e a postura interdisciplinar, perspectiva muito presente na agenda científica nos últimos anos. Ressalto que a interdisciplinaridade é uma característica esperada da modalidade Conexões de Saberes, aliando excelência acadêmica e compromisso social.

Ao vivermos as ações do PET, todas discutidas em planejamento participativo com o Grupo, nos colocamos o desafio do registro, da memória e da divulgação do nosso trabalho. Isso explica os canais de divulgação⁵² do nosso PET Práxis-Licenciaturas, nossas viagens de estudo, participação em eventos com apresentação de trabalhos, além da publicação de artigos em periódicos e de seis (6) coletâneas.⁵³ Durante meu período na tutoria, sempre buscamos essas vivências, pois sei que a formação acadêmica é algo que deve ser muito maior do que o espaço da sala de aula e do próprio Campus.

Portanto, sou extremamente grato à oportunidade de ter vivido essa experiência significativa do PET. O exercício da tutoria é algo que me tomou o cotidiano nesses

52 Vide: <https://petconexoesdesaberes-uffs.blogspot.com/>; <https://www.youtube.com/channel/UCyfskokCTeKkCYUv3rpxm-MA>; <https://www.instagram.com/petpraxisuffs/>; <https://www.facebook.com/GrupoPraxisPETConexoesdeSaberes>.

53 Remeto à nossa coletânea mais recente, publicada em 2022, a partir do SINPET de 2021 que fomos o grupo organizador: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/5788>. Acesso em: 17 dez. 2022.

últimos anos. Não foram poucas as vezes que tive que me reinventar enquanto tutor. Aprendi que a tutoria é um acompanhamento que ultrapassa a orientação acadêmica mais tradicional. Na condição de tutor eu vivi contradições e afirmações, alegrias e desconfortos, mudanças e continuidades e, sobretudo, a aposta em princípios que me são basilares: diálogo, participação e autonomia.

Penso que é na intensidade da minha experiência do PET ao longo dos anos fundacionais da UFFS que podemos encontrar as razões que justificam minha longevidade no trabalho de tutor. Simplesmente, viver o PET, o grupo Práxis-Licenciaturas, a Educação Tutorial e a formação humana que esse espaço permite foi uma alegria. Ser petiano é uma forma, a *minha forma*, de viver a UFFS, de me relacionar com as pessoas e com o conhecimento científico. Mesmo não permanecendo na tutoria, não é possível deixar de trabalhar a partir dos fundamentos filosóficos e metodológicos da Educação Tutorial que aprendi. Uma vez do PET, sempre petiano!

Tenho convicção que é possível seguir reinventando o PET Práxis-Licenciaturas. A trágica experiência em tempos de pandemia mostrou isso, talvez da forma mais desafiadora. Estamos sempre em transformação. Se fosse para apenas repetir o que já fizemos, talvez não valesse a pena seguir. O PET é movimento, é tensão, é intenção, é construção. Nosso PET Práxis-Licenciaturas se confunde com a própria história do Campus Erechim e é a partir dessa história que vivi esse percurso e que o Grupo vai se reinventar e projetar o seu futuro. Desde já, desejo uma excelente experiência, com muitas realizações e novidades, ao meu colega que assume a tutoria do PET Práxis-Licenciaturas.

Portanto, a quem me lê, ratifico o meu agradecimento aos colegas do Campus Erechim, à PROGRAD, ao CLAA, aos colegas tutores e tutoras que convivi e que me ensinaram muitas coisas. Ficarão marcados em mim nossos encontros, eventos, reuniões, conversas, risadas e o trabalho conjunto desses anos que foram fazendo do PET um espaço importante da UFFS. Graças ao PET, conheci cinco *Campi* da UFFS, publiquei livros, viajei com estudantes e tive a oportunidade de contribuir diretamente com a formação de muitas e muitos estudantes de graduação. A elas e eles, estudantes, meu muito obrigado.

Reafirmo meu compromisso com a Educação Tutorial na condição de tutor egresso, assim como com a qualidade acadêmica e política da nossa UFFS e, em especial, dos nossos cursos de licenciatura do Campus Erechim. Seguirei atuando na Graduação e na Pós-Graduação, contribuindo com esse enorme desafio de formar pessoas.

COMPROMISSOS ÉTICO-ACADÊMICOS DE UM FUTURO TUTOR

Reginaldo José de Souza⁵⁴

Por meio deste documento, venho apresentar o conjunto de fatores que me despertam o interesse na tutoria do Programa. Componho o quadro docente da UFFS desde o ano de 2015, atuando no curso de Geografia-Licenciatura e na construção de uma trajetória direcionada à formação de professores desta área, que estejam atentos aos arranjos socioeconômicos, políticos e culturais conflituosos da produção do espaço de vida das pessoas, nas cidades e no campo.

Por mais que tenhamos um mundo marcado por terríveis geografias, que demonstram as faces perversas das desigualdades sociais, da injustiça ambiental e sobreposição dos interesses econômicos aos valores mais essenciais da vida em comum, ainda aposto na educação como combustível para a intelectualização e, portanto, pela busca de um mundo com melhores geografias em termos de cidades inclusivas, boas práticas de produção nos espaços rurais, metabolização social de recursos naturais com base nos valores de uso e não nos valores de troca e, assim, elevação do estatuto humano daquilo que deveria ser próprio da humanidade.

Desde o ano de 2005, entrei na escola como docente. A primeira experiência em sala de aula foi reveladora, no sentido de descobrir que o processo de formação demandava compor um verdadeiro *front* de batalha para desconstruir visões simplistas da educação, do ensino das ciências, da escola como suposto preâmbulo infanto-juvenil da vida em sociedade e, principalmente, da visão utilitarista sobre o conhecimento.

Hoje em dia, no magistério superior, também como docente credenciado em programas de pós-graduação, considero que a continuidade desta aposta no processo de intelectualização das pessoas vem gerando bons frutos, tendo em vista que a UFFS promove, mesmo com todos os desafios e incertezas no campo da valorização da educação brasileira, que temos enfrentado nos últimos anos, a inclusão de estudantes que, assim como muitos de nós já fomos, não tinham outra alternativa de melhoria de suas condições de existência a não ser pela via da educação superior.

54 Doutor em Geografia. Professor da Universidade Federal da Fronteira Sul. Tutor do PET Práxis Conexões de Saberes-Licenciaturas. *E-mail*: reginaldo.souza@uffs.edu.br.

Neste sentido, tenho atuado em diversas disciplinas da graduação e pós-graduação, sempre com o intento de promover espaços de construção para a criticidade, tanto dos estudantes que nestas disciplinas se matriculam quanto para a minha própria. Enquanto professor de Geografia, pude desenvolver ementas relacionadas com a dimensão mais naturalista deste campo do conhecimento, como no caso da Geografia Física, Biogeografia, Climatologia e Meteorologia; bem como ementas no campo humanista, como foram/são os casos das disciplinas de História do Pensamento Geográfico, Epistemologia, Geografia do Brasil e Estágios Curriculares Supervisionados.

Especificamente nos programas de pós-graduação nos quais atuo como docente credenciado (Geografia e Interdisciplinar em Ciências Humanas), minha contribuição se direciona para temas transversais em disciplinas como a Produção da Sociedade e Espaço Urbano e Sociedade, por meio das quais procuro apresentar leituras e debates que provoquem a reflexão sobre a condição humana em um mundo ainda pleno de desafios para se alcançar uma sociedade em que se compreenda que a natureza não deva ser o mais eficiente fator revolucionário em nossas vidas, pois, diante dela, o ser humano pode encontrar meios éticos de autoproteção e proteção de seus semelhantes a fim de evitar, o máximo possível, o sofrimento da fome, da falta de moradia, da exposição às intempéries atmosféricas e da proliferação de doenças.

A partir destas premissas nas atividades de ensino, venho orientando diversos discentes em suas trajetórias de iniciação científica, trabalhos de conclusão de curso e dissertações de mestrado. Até o presente momento, tive a oportunidade de orientar 14 trabalhos de conclusão de curso, 6 iniciações científicas com bolsas e 3 dissertações de mestrado, todas as atividades já concluídas. Ainda no âmbito das atividades de ensino, destaco as participações como orientador/coordenador de subprojetos ou núcleos locais do Programa de Iniciação à Docência (PIBID), quando tive 15 estudantes sob minha supervisão e duas versões do Programa de Residência Pedagógica (PRP), quando tive 18 estudantes sob minha supervisão, contando os dois períodos em que nele atuei como orientador/coordenador.

No campo das atividades de extensão, afora os programas anteriormente mencionados, por também valorizar a dimensão extensionista que possuem, posto o diálogo direto com a comunidade escolar e a realização das atividades muito mais por dentro das Escolas campo do que necessariamente nos espaços da Universidade, tenho um histórico de contribuições em projetos como o “Podcast sem fronteira: diálogos geográficos e divulgação científica”, coordenado pelo Prof. Dr. Everton Kozenieski, por meio do qual produzimos 20 episódios de conteúdos científicos envolvendo

pesquisadores de diversas regiões brasileiras; o projeto “A Escola na UFFS e a UFFS na Escola: Geografias e Encontros”, coordenado pela Profa. Dra. Paula Lindo, dentro do qual ofertei duas versões do curso de formação continuada “(Re)Conhecer o Espaço e as Novas Tendências da Geografia: Formação Continuada de Docentes da EB” para professores da Educação Básica do município, além de contribuir na organização de visitas de estudantes e professores às dependências da Universidade, a fim de dar a conhecer a este público a nossa infraestrutura, as nossas ações e demarcar que a Universidade Pública é um direito de todos.

Por fim, ainda no campo da extensão, menciono a vice coordenação no projeto “Olhares que contam a cidade não vista de Erechim”, juntamente com a Profa. Paula Lindo como coordenadora, uma proposta que nos permitiu diversas intervenções fotográficas na cidade, a partir da ação de estudantes voluntários, com o intento de mostrar as facetas das desigualdades socioespaciais de Erechim, além de coordenar eventos que são considerados de extensão, como no caso dos lançamentos do Programa de Residência Pedagógica, Semana Acadêmica e lançamento do nosso grupo de pesquisa.

Já no âmbito da pesquisa, além da vice coordenação do Grupo Geografia e Gênero, Natureza e Vida Cotidiana (GENVI), tenho tido a oportunidade de desenvolver dois projetos guarda-chuva institucionalizados e, por meio deles, alcançar recursos institucionais de fomento para pesquisas de estudantes em iniciação científica e apoio financeiro às atividades dos projetos mais amplos de investigação. As minhas atividades estão direcionadas aos estudos sobre dinâmicas socioambientais e culturais nos espaços de fronteira, como no caso do projeto “Paisagem e Fronteira: Geografias da Raia Internacional Sul-rio-grandense” e aos estudos sobre os impactos traumáticos das dinâmicas socionaturais na vida das pessoas, isto por meio do projeto “Natureza e Psique Humana: Geografia, Psicanálise e o Mundo Contemporâneo”.

Após apresentar as minhas frentes de atuação profissional na universidade, coloco que as minhas intenções em atuar no Programa de Educação Tutorial vão ao encontro dos seus objetivos. Na sequência, gostaria de elencar o modo como visualizo possíveis contribuições, de acordo com aquilo que é almejado pelo Programa:

1. *Quanto ao desenvolvimento de atividades acadêmicas em padrões de qualidade de excelência, mediante grupos de aprendizagem tutorial de natureza coletiva e interdisciplinar:* pelas minhas experiências de atuação no ensino a partir de pesquisas que transitam entre eventos sociais e naturais, além de me dedicar mais recentemente às elaborações epistemológicas da inter-

disciplinaridade em ciências humanas, considero que a tutoria no PET pode contribuir para o desenvolvimento de atividades de investigação, ensino e extensão voltadas ao aprimoramento científico de estudantes em diversas esferas da vida social, ou seja, temáticas relacionadas com a necessária postura crítica perante a justiça socioeconômica, as questões ambientais e seus diferentes impactos entre grupos sociais desiguais, a busca pelas ações afirmativas das pessoas historicamente silenciadas e invisibilizadas na realidade de nosso país, as preocupações com os traumas gerados pela sobreposição da economia aos interesses da boa qualidade de vida de muitas populações, como no caso de empreendimentos que degradam o ambiente e rompem com modos de vida de povos originários.

2. *Contribuição para a elevação da qualidade da formação acadêmica dos alunos de graduação:* neste quesito, proponho desenvolver um trabalho integrado entre estudantes do PET, as frentes de pesquisa às quais me dedico e as temáticas pertinentes ao grupo de pesquisa ao qual estou vinculado. Esta ação integrada pode ser interessante no sentido de estimular estudos, produção de pesquisas e atividades de extensão junto à comunidade. Na medida que se incentiva a constante relação com o universo da investigação qualificada e socialmente significativa, considero que estudantes de graduação podem construir caminhos de aprimoramento profissional em consonância com uma educação engajada com o aperfeiçoamento acadêmico de cada um e, ao mesmo tempo, propositiva, no intuito de mostrar à sociedade, sobretudo aos jovens estudantes da Educação Básica, que a Universidade ainda é uma via de contestação de um modelo social pautado na exploração, por intermédio da dedicação ao ato de estudar, de ter uma formação acadêmica e, desta forma, abrir horizontes outros para a vida, que não sejam aqueles “naturalizados” pelo conformismo ou pelo sentimento de que estudar é um “privilégio de poucos”.
3. *Estímulo à formação de profissionais e docentes de elevada qualificação técnica, científica, tecnológica e acadêmica:* observo que esta meta está vinculada com as anteriores. Ao promover a integração entre diversas frentes de estudos e intervenções sociais, a elevação da qualidade formativa acaba por se tornar um desdobramento natural das ações desenvolvidas no decorrer do processo de orientação. Somando-se a isso, conto com a possibilidade de realizar trabalhos de campo junto às escolas públicas do município, com o intuito

de aproximar conhecimentos e aprendizagens entre graduandos das licenciaturas, profissionais em atuação e estudantes da Educação Básica. Compreendendo que o conhecimento das realidades dos futuros contextos de atuação profissional se faz como estratégico para que, desde cedo, futuros professores transitem em seus espaços de trabalho com maior apoio teórico-prático que, mais à frente, poderá resultar na atuação de docentes cientes dos desafios a serem enfrentados nas Escolas e, assim, engajarem-se com a valorização deste campo estratégico ao desenvolvimento, de modo amplo. Um profissional de elevada qualificação é aquele que, concomitantemente, atuará para elevar a qualidade do contexto em que desenvolve suas atividades.

4. *Formulação de novas estratégias de desenvolvimento e modernização do ensino superior no país:* assim como os anteriores, este é um ponto que demandará pesquisas e debates aprofundados, dos quais ninguém poderá se furtar. Primeiramente, será necessário debruçar-se sobre o sentido da modernização do ensino superior. Por certo, esta ideia não pode ser comparada com estratégias como, muitas vezes, vem sendo praticadas atualmente. Ao que tudo indica, o conceito de modernização que se tem agora é carente de um olhar crítico sobre aquilo que se deseja com ele. A modernização não pode ser comparável com a inserção de instrumental tecnológico ou metodologias que esvaziem o conteúdo humano dos processos de ensino-aprendizagem, tampouco, como sinônimo de instrumentalização de mão-de-obra acrítica para o chamado mercado de trabalho. A formulação de estratégias para o desenvolvimento e modernização do ensino superior requer o amplo debate com todas as instâncias acadêmicas, todos os profissionais envolvidos nestes espaços, com a comunidade como um todo e, notadamente, com o setor que deve ser a fonte, por excelência, da manutenção do ensino superior no país: a Escola Pública. Neste sentido, considero ser plenamente possível desenvolver atividades, no âmbito do Programa, a fim de alcançar propostas que contemplem este objetivo. De outro modo, não vejo possibilidade.
5. *Estímulo do espírito crítico, bem como a atuação profissional pautada pela cidadania e pela função social da educação superior:* infelizmente, cidadania é um termo que vem sofrendo constantes ataques, sobretudo em uma sociedade que, cada vez mais, prefere termos como “clientes” ou “consumidores” em detrimento de cidadãos ou cidadãs. Talvez, a hipótese que pode explicar este movimento perverso é o fato de que a cidade ou a vida urbana vem perden-

do seus aspectos essenciais, como a prerrogativa da reunião de pessoas, da simultaneidade e diversidade das ações, da participação de todos e todas no destino da cidade, da percepção de que o centro urbano deveria ser o lócus da concretização da participação pública de todos e todas na vida política da cidade. O que temos observado em nossas cidades é a acentuação dos mecanismos de segregação socioespacial onde morar não é tanto um símbolo de viver e, sim, um processo de reafirmação dos mecanismos de concentração de riqueza, de propriedade e de poder. O espaço público, hoje em dia, é mais eloquente em termos de cerceamento de liberdades e de controle econômico do que em termos de realização do direito à cidade, do questionamento à perversidade da exclusão social e de busca por uma nova sociedade. Neste quesito, as ações de tutoria no âmbito do PET irão ao encontro de questionamentos e inquietações quanto aos valores a serem buscados por futuros profissionais atentos, ainda, ao significado mais bonito e mais ético da cidadania.

Diante do exposto, reafirmo a minha intenção em atuar como tutor no Programa, sobretudo com a possibilidade de expandir propostas de pesquisas, metodologias de ensino e ações de extensão junto à comunidade, promovendo espaços integradores entre os estudantes envolvidos, buscando permanentemente qualificar tanto suas ações quanto as minhas, produzir materiais de divulgação dos resultados de nossos trabalhos, publicá-los em eventos científicos, de ensino e de extensão, enfim, proporcionar um espaço-tempo de profícua produção, no sentido mais amplo do trabalho criativo, individualmente prazeroso e socialmente significativo.

*Reginaldo José de Souza
Erechim, 05 de abril de 2023.*

CAROS LEITORES, tudo bem? Eu espero que sim. Hoje é o dia do meu aniversário. Assim, eu compartilho com vocês o presente que ganhei. Mas, antes, quero apresentar rapidamente um aspecto da minha trajetória profissional. Sou professor de Geografia desde o ano de 2004. Desde aquele período venho me dedicando aos estudos sobre a questão ambiental, desigualdades socioeconômicas e, mais recentemente, sobre as fronteiras. Tais temáticas me prendem a atenção porque considero que a natureza não tem fronteiras, mas, as desigualdades socioeconômicas são resultantes de processos injustos de criação de fronteiras entre os seres humanos. Esta dúvida me deixa muito inquieto porque me preocupo com os reflexos desiguais dos fenômenos da natureza na vida das pessoas, principalmente aquelas que são marginalizadas pelo sistema político-econômico vigente, sendo submetidas a certas dinâmicas da natureza quase como se fosse uma estratégia de punição por elas não terem recursos financeiros.

No entanto, mesmo vivendo em um mundo de muitas injustiças e ter vários motivos para não estar feliz, hoje, eu estou. Ontem, participei de uma roda de diálogos com os estudantes do grupo do Programa de Educação Tutorial (PET) no qual atuo, juntamente com mais convidados da comunidade universitária. Fui chamado para apresentar um trabalho a respeito de uma crítica, que desenvolvi, sobre o fato de pessoas LGBTQIA+ sofrerem toda sorte de violências por serem quem são, inclusive eu mesmo, e terem de suportar a acusação de que cometem crimes contra a natureza por suas orientações sexuais, afetivas e de gênero. Após a fala, iniciamos o momento de perguntas, respostas e intervenções. Uma delas, chamou-me muito a atenção: “Professor, como mudamos essa sociedade equivocada, preconceituosa, desigual, não para o futuro, mas, agora?”. A minha interlocutora, uma discente do curso de Pedagogia, estava inquieta com o sentido do conhecimento científico para trazer justiça social a estes nossos tempos.

55 Este trabalho foi apresentado no XXIV Fórum de Estudos-Leituras de Paulo Freire, ocorrido nos dias 04, 05 e 06 de maio de 2023. Por se tratar de uma primeira experiência de participação em evento como tutor do PET, coordenando o grupo de bolsistas que, também, participaram e apresentaram naquele fórum, o autor considerou pertinente publicá-lo aqui, tendo em vista se tratar de um relato após sua nova condição de tutor. Esta carta pedagógica, nos moldes freirianos, vem como um complemento ao texto anteriormente apresentado pelo autor neste livro.

Como não há docência sem discência (Freire, 1996), eu tomava notas a partir de suas colocações, na minha escuta silenciosa, onde eu quase flutuava e não sabia se estava prestes a explodir na mesma angústia da minha interlocutora ou se, ao contrário, via surgir o otimismo da curiosidade epistemológica, que emergia e nos tocava naquela conversa. Eu fiquei feliz. Isto porque eu estava me despindo da culpa que carregava comigo, antes de produzir aquele texto que apresentava ao grupo, a culpa que cansei de sentir por ser quem eu sou e me motivou a transformar aquele cansaço em uma oportunidade de aprendizagens. Então, foi quando eu respondi, para aquela sagaz estudante que, muito embora não pudéssemos alcançar a utopia amanhã, aquele espaço em que nos encontrávamos era o prenúncio de outro mundo!

5 de abril de 2023, 39 anos da minha viagem neste planeta, um certo cansaço devido à sobrecarga de trabalho dos últimos tempos, mas, acalorado pelo presente de uma provocação e reflexão, que tinha recebido no dia anterior, de uma pessoa que, até então, eu não conhecia, a Fatima Santos. Muito prazer! Como ela mesma disse: “estamos juntos, é bom saber que tem mais pessoas pensando junto com a gente”. Na tarde de hoje, enquanto relembrava o espaço de diálogo de ontem, veio à tona o Professor Milton Santos quando, no livro “Por uma outra globalização”, ele nos faz pensar que a experiência da escassez pode ser o caminho para descobrirmos aquilo que realmente valemos. Ali, o Professor Milton Santos está provocando o nosso pensamento sobre as estratégias de criação de laços de solidariedade entre as pessoas.

Pertencer a um grupo que, sistematicamente, sofre com o preconceito de uma sociedade pautada em receituários moralistas que avalizam o assassinato, corpóreo, ontológico e epistêmico, de gays, lésbicas e transgêneros é sinônimo de estar em espaços de escassez de liberdade e dignidade. Mas, outras vias, e vidas, são possíveis! Quando o Professor Paulo Freire relata suas angústias com a pedagogia do oprimido (Freire, 1992), exemplificando com depoimentos de pais sobre os castigos que impunham aos filhos, quando aqueles diziam que “pancada é que faz homem macho”, então, ele, Paulo Freire, demonstra sua preocupação com as consequências de tais atos no processo de construção da ainda nascente democracia brasileira. O fato de, quase aos quarenta anos, eu ter clareza de que não preciso de pancada para ser macho, melhor, que sequer preciso ser macho, porque sou gente, isso me faz ser uma pessoa ampliada. Nisso, vejo o potente sentido da realização do processo educativo. É isto que nós, professores e aprendizes, devemos buscar.

Por vezes, não conseguimos ver com clareza os motivos que nos levam para determinadas práticas em nossas vidas, inclusive as práticas profissionais. Eu tinha

comigo que, desde o início da minha vida acadêmica até os dias atuais, pesquisava sobre fronteiras, natureza e desigualdades sociais porque, enquanto filho da classe trabalhadora e geógrafo, sempre me sensibilizei com a experiência humana em situações de escassez e pressão pela sobrevivência. É certo que minhas motivações mais conscientes eram estas, contudo, havia algo além, algo que só fui compreendendo por meio de certa fagulha de liberdade que foi tomando formas de um incêndio dentro de mim. Eu estudo as fronteiras porque desejo um mundo sem fronteiras, onde todos nós possamos nos experimentar em nossa própria multiplicidade. Eu estudo a natureza porque desejo que ninguém seja a ela condenado ou condenada porque não tem dinheiro.

Por mais difícil que seja aceitar isso, posto que somos influenciados a pensar, por dogmas religiosos, que somos filhos de uma divindade, a Terra não foi feita com a finalidade de receber o ser humano. O planeta Terra é inumano, mas, a nossa experiência estética nele é que o humaniza e nos humaniza (Besse, 2014). A experiência estética que temos *no* e *com* o mundo se chama paisagem. A paisagem é o lugar onde o céu e a terra se tocam (Courajoud, 2013), é o momento em que o espaço é apreciado esteticamente (Assunto, 2013), é a projeção da nossa consciência no horizonte das coisas que vemos e somos convidados a decifrá-las (Souza, 2018). Por isso, como geógrafo, eu gosto desta palavra, paisagem, porque, como nos diria Freire, ela nos ajuda a corporificar o mundo. Neste caso, a paisagem é, para mim, uma forma de nos reconhecermos no mundo a partir daquilo que vemos e sentimos em nosso horizonte de experiências.

Muitas vezes, enquanto seres humanos, somos demasiadamente territorialistas. Entramos em disputas infundáveis por recursos e riquezas materiais, mesmo que isso seja às custas de outras vidas. Parece que, quando o mundo é visto somente como um mosaico de territórios que nos geram as atitudes de defesa e de ataque, a experiência humana se resume a uma eterna batalha de uns contra os outros. Então, as fronteiras se sobressaem, as barreiras ao contato parecem impedir que alcemos o estatuto de humanidade ao humano que tanto buscamos. Eu gosto da palavra geradora “paisagem” porque ela é mais vívida do que o território. Enquanto este pode ser interpretado como a projeção de relações de poder no espaço, aquela é linda e simplesmente a projeção da beleza no espaço onde vivemos. Aquele limita a experiência mundana. Esta, por sua vez, amplia. Mesmo diante de fronteiras, as paisagens nunca terminam, pois, elas transpassam os limites, estendem-se ao além, despertam a nossa curiosidade para ver o desconhecido.

A paisagem desafia a fronteira e isto pode ser tomado como lição para melhorar as nossas vidas e o nosso mundo. Por intermédio das paisagens, podemos olhar uns aos outros e buscar o respeito à alteridade, à diferença, à diversidade. Nas paisagens, todos nós estamos diariamente tentando sobreviver. Basta que olhemos profundamente uns aos outros para que possamos reconhecer este elemento comum que liga as nossas existências. Quando eu vejo o outro, na paisagem, eu também vejo um semelhante. Todos nós somos corpos orgânicos que precisamos das coisas da natureza para saciar nossa fome, sede e desamparo. Então, por que estabelecer fronteiras entre nós? Por que conflitos? Por que assassinatos?

Neste meu aniversário, eu fiquei muito feliz ao rememorar o encontro que tive com as petianas e petianos no dia anterior. Uma delas ansiava pela mudança social para o amanhã. Eu disse que aquele espaço do nosso encontro já era o prenúncio de um novo mundo. Mas, mal eu sabia que o hoje, o amanhã de ontem, chegou como um novo mundo para mim. Perdi o medo de ser quem eu sou. Entre o medo e a ousadia, definitivamente, estou pela ousadia na minha formação constante, bem como dos estudantes que passam pelo meu caminho. Eu desejo um mundo de mais respeito, sem violência, com dignidade das pessoas umas perante as outras e todas perante a natureza. Quero um mundo com mais paisagens belas, ética e sem fronteiras. Só a Educação pode nos movimentar para isso.

Dedico esta carta à Fatima Santos, atual discente do curso de Pedagogia da UFFS e ex-bolsista do PET Práxis - Conexões de Saberes.

Referências

- BESSE, J. **O gosto do mundo:** exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2014.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança:** um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia:** o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SOUZA, Reginaldo. **Paisagem e sacionatureza:** olhares geográfico-filosóficos. Chapecó: EDUFFS, 2018.

AGRADECIMENTOS

Ao Ministério da Educação (MEC).

Ao Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE).

À Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS).

À Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD) e à Diretoria de Políticas de Graduação (DPGRAD) da UFFS.

À Direção e à Coordenação Acadêmica do campus Erechim da UFFS.

PRODUÇÃO GRUPOS PETs UFFS



FINANCIAMENTO:

